

ANDRÉIA DE OLIVEIRA ALENCAR IGUMA

**REPRESENTAÇÕES DE LEITURA NA LITERATURA
INFANTOJUVENIL: UM ESTUDO DO PNBE-2009**

**DOURADOS – MS
2012**

ANDRÉIA DE OLIVEIRA ALENCAR IGUMA

**REPRESENTAÇÕES DE LEITURA NA LITERATURA
INFANTOJUVENIL: UM ESTUDO DO PNBE-2009**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE - UFGD), Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura e Práticas Culturais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Célia Regina Delácio Fernandes.

**DOURADOS – MS
2012**

ANDRÉIA DE OLIVEIRA ALENCAR IGUMA

REPRESENTAÇÕES DE LEITURA NA LITERATURA
INFANTOJUVENIL: UM ESTUDO DO PNBE-2009

TERMO DE APROVAÇÃO - BANCA DE DEFESA

Presidente e Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Regina Delácio Fernandes (UFGD)

1º Membro examinador (Titular): Prof^a. Dr^a. Renata Junqueira de Souza (UNESP)

2º Membro examinador (Titular): Prof^a. Dr^a. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

3º Membro examinador (Suplente): Prof^a. Dr. Rogério Silva Pereira (UFGD)

Dourados – MS, 30 de março de 2012.

*Para todos que doam um pouco de si em benefício do outro, eu
dedico.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo cuidado e amor incondicional;

Ao meu esposo Danilo, parceiro de toda esta jornada, companheiro incrível, dedico toda minha gratidão por partilhar de minhas ausências sem questionar e de me abraçar sempre que achava que o meu mundo estava prestes a desabar;

À minha amada mãe Romilda, meus mais sinceros agradecimentos permeados de emoção. Sem conseguir encontrar no vasto universo das palavras, uma que consiga expressar o que ela significa para mim, posso dizer apenas: te amo além do amor;

Ao meu querido pai, por participar desta jornada entre letras e estradas, na certeza de estarmos trilhando um novo caminho;

Ao meu anjo Leonardo, razão de querer ser um ser humano melhor a cada novo dia, você é minha melhor parte;

À Sarah, minha maninha que veio embrulhada de presente para tornar a minha vida mais completa;

Aos meus amados avôs Maria e Joaquim, que se doaram para que um dia eu sonhasse e hoje eu pudesse concretizar;

A melhor de todas as orientadoras: a minha amiga de partilha, de leituras e de conhecimentos: Célia me apresentou a parte humana em ser uma pesquisadora;

A todos os professores do Programa em Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, por sonharem junto este sonho e serem peças fundamentais para a concretização. Obrigada por cada semente que hoje ganha vida ao ser cultivada pelo leitor deste texto;

À Suzana C. Marques - Secretária do Programa em Pós-Graduação em Letras da UFGD por ser sempre tão solícita e competente;

À Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo que primeiro me deu educação, e agora ferramentas para a concretização desta etapa, ao abrir as portas da biblioteca escolar e permitir o acesso ao acervo do PNBE;

À grande parceira de caminhada, Grazielli Alves de Lima, e todos os demais colegas do programa, que em meio a críticas, brincadeiras e conversas se fizeram presentes na geração deste trabalho;

À Erica de Assis Pereira Hoki, amiga, irmã, companheira de estudos e da vida;

Às amigas mais que especiais, que torcem por mim a cada dia, Caroline, Jakeline, Sandra e Vanessa, vocês são extensão do amor de Deus concretizado em minha vida;

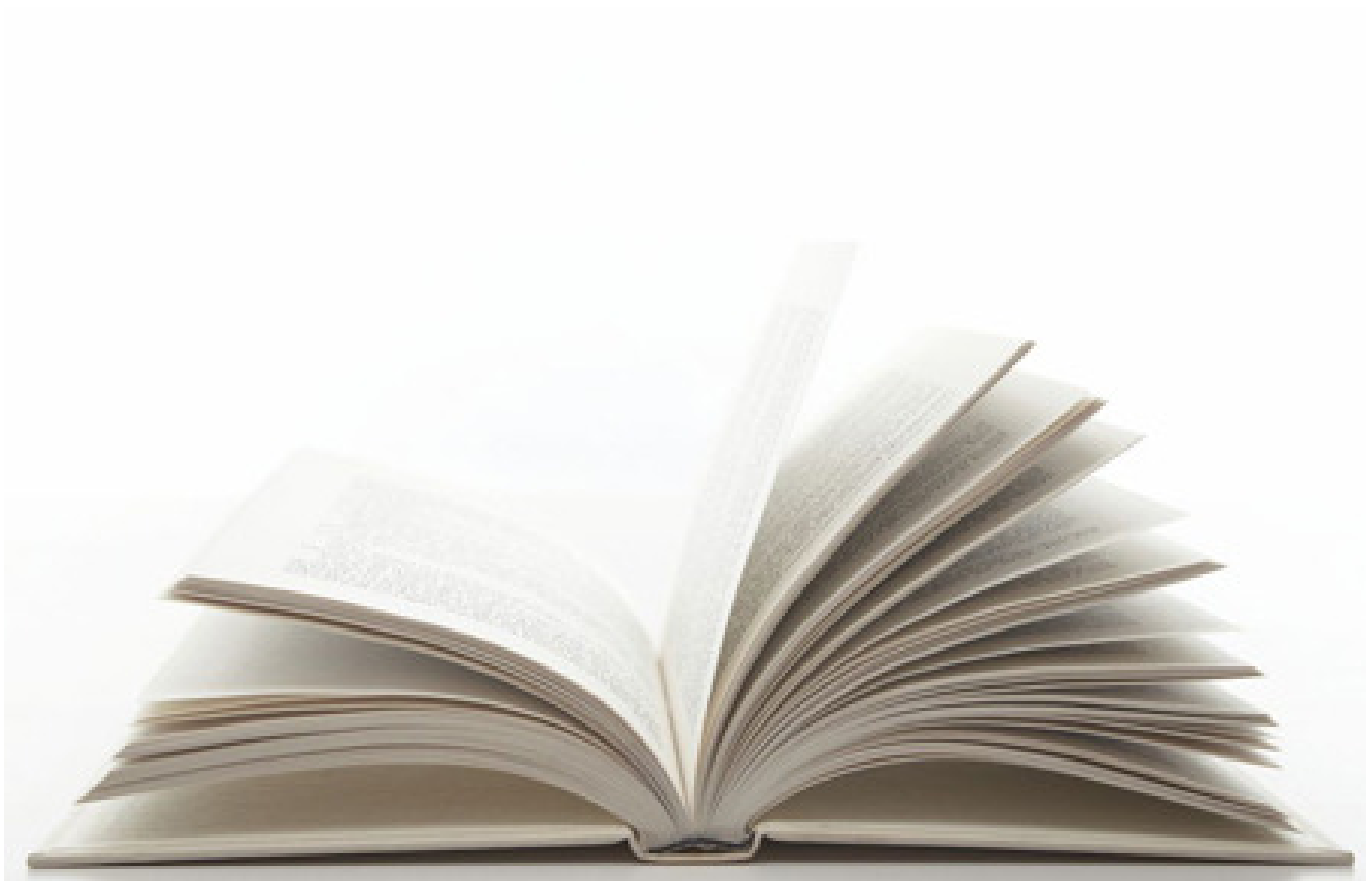
Aos meus sobrinhos Gabriel, Fernanda e Pedro por alimentarem meu sonho de criança;

À banca de qualificação, prof^a Alexandra Santos Pinheiro e prof^o Rogério Silva Pereira, pelas ponderações tecidas na banca de qualificação;

À banca examinadora de defesa, professoras Renata Junqueira e Alexandra Santos Pinheiro por ler este trabalho no intuito de colaborar;

À CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa;

Enfim, obrigada a todos que doaram mais que mãos para a escrita deste trabalho.



O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado

(Mário Quintana, 2009, s/p).

Resumo

Esta dissertação apresenta um estudo sobre as representações da leitura na literatura infantojuvenil contemporânea, a partir de um *corpus* constituído pelas narrativas que integram o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE versão 2009: *Amigos Secretos* (2009) de Ana Maria Machado; *Assassinato na Biblioteca* (2009) de Helena Gomes; *Beto, o analfabeto* (2008) de Drummond Amorin; *Letras finais* (2008) de Luís Dill; *O Mágico de Verdade* (2008) de Gustavo Bernardo; *O Mário que não é de Andrade* (2008) de Luciana Sandroni; *O mundo é pra ser voado* (2006) de Vivina de Assis e *Pode me beijar se quiser* (2009) de Ivan Ângelo. A análise é precedida da discussão das concepções atribuídas à leitura e suas práticas e da abordagem do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, que vem sendo o maior distribuidor de obras literárias entre as escolas públicas brasileiras. Ademais, foi feito um breve panorama do surgimento da literatura infantil no Brasil e da importância da literatura no contexto escolar para, então, chegar à parte fulcral deste estudo que são as representações de leitura (mais especificamente, as literárias) presentes nas narrativas que circulam nas escolas públicas brasileiras por meio de compras governamentais. Assim, o trabalho pretende contribuir para a formação do leitor literário em idade escolar, para a melhoria das políticas públicas da leitura no Brasil e também para a compreensão das relações entre a literatura infantojuvenil, leitura e a instituição escolar.

Palavras-chave: Leitura; literatura e ensino; literatura infantojuvenil; PNBE.

Abstract

This dissertation presents a study on the representations of the reading in contemporary literature for children and youth, from a corpus constituted by the narratives that comprise the National Program Library of School - PNBE version 2009: *Amigos Secretos* (2009) of Ana Maria Machado; *Assassinato na Biblioteca* (2009) of Helena Gomes; *Beto, o analfabeto* (2008) of Drummond Amorin; *Letras Finais* (2008) of Luis Dill; *O Mágico de Verdade* (2008) of Gustavo Bernardo; *O Mário que não é de Andrade* (2008) of Luciana Sandroni; *O mundo é pra ser voado* (2006) of Vivina de Assis and *Pode me beijar se quiser* (2009) of Ivan Ângelo. The analysis is preceded by a discussion of the conceptions attributed of the practices and the approach of the National Program Library of School – PNBE, which has been the largest distributor of literary works among the Brazilian public schools. Furthermore, we made a brief overview of the emergence of children's literature in Brazil and the importance of literature in the school context to then reach the central part of this study which are representations of reading (more specifically literary) present in the narratives that circulate in Brazilian public schools through government procurement. Thus, the work aims to contribute to the formation of the reader literary manners, to improve the reading public policies in Brazil and for understanding the relationship between literature for children and youth, reading and school.

Key-word: Reading; literature and education; child and youth literature; PNBE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ilustração para <i>Amigos Secretos</i> , s/p	19
Figura 2: Escolas Públicas e Privadas brasileiras.....	37
Figura 3: Editoras beneficiadas – PNBE/2009.....	39
Figura 4: Placa de Sinalização – Permitido estacionar	57
Figura 5: Crianças e livro	57
Figura 6: Ilustração para <i>Amigos Secretos</i> , capa.....	62
Figura 7: Ilustração para <i>O Mário que não é de Andrade</i> , capa	63
Figura 8: Ilustração para <i>Assassinato na Biblioteca</i> , capa.....	64
Figura 9: Ilustração para <i>O mágico de verdade</i> , capa.....	65
Figura 10: Ilustração para <i>Beto, o Analfabeto</i> , capa	66
Figura 11: Ilustração para <i>O mundo é pra ser voado</i> , capa.....	66
Figura 12: Ilustração para <i>Pode me beijar se quiser</i> , capa.....	67
Figura 13: Ilustração para <i>Letras Finais</i> , capa.....	68
Figura 14: Livros sendo queimados em Berlim	85
Figura 15: Cenário da mudança, <i>O mundo é para ser voado</i> , p.21, ilustração de Lúcia Brandão	92
Figura 16: Protagonista da obra <i>O Mário que não é de Andrade</i> , p.6, ilustração de Spacca	93
Figura 17: Mário de Andrade e Mário, p.92, ilustração de Spacca.....	93
Figura 18: Personagens da obra <i>Amigos Secretos</i> , p.128, ilustração de Laurent Cardon	97
Figura 19: Personagens da obra <i>Amigos Secretos</i> , p.124, ilustração de Laurent Cardon	97
Figura 20: Casa na árvore, <i>Amigos Secretos</i> , s/p., Ilustração de Laurent Cardon.....	104

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Obras inscritas PNBE 2009	17
Tabela 2: Dados estatísticos PNBE	36
Tabela 3: Autores listados na obra <i>Beto, o Analfabeto</i> , de Drummond Amorim.....	73

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS – Palavras Iniciais: nosso trajeto.....	p. 12
CAPÍTULO 1: LEITURA, LITERATURA E PNBE: ENTRE AMORES E DESAMORES.....	p. 20
1.1 Leitura: breves considerações.....	p.21
1.2 Leitura literária: um nutriente necessário	p.29
1.3PNBE: semeador de livros e leituras certo	p.32
1.4 Critérios de seleção do PNBE/2009	p.38
CAPÍTULO 2: LITERATURA INFANTOJUVENIL E REPRESENTAÇÃO ..	p.44
2.1 Percurso e percalços da Literatura Infantil Brasileira	p.45
2.2 Literatura e ensino: em prol da formação de novos leitores.....	p.50
2.3 Conceito de representação: algumas considerações	p.55
CAPÍTULO 3: REPRESENTAÇÃO DE LEITURA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL	p. 59
3.1 Histórias que as narrativas nos contam	p.60
3.2 intertextualidade na literatura infantojuvenil: outros livros, outras histórias	p.68
3.2.1 Alguns clássicos (e outros canônicos) passaram por aqui.....	p.71
3.2.2 Os títulos brasileiros que as histórias nos contam	p.75
3.2.3 <i>Best Seller</i> : uma obra a parte	p.79
3.3 (Sem) censura: entre livros e bibliotecas.....	p.82
3.4 Leitores de papel e tinta.....	p.90
Considerações Finais – A colheita de (alguns) frutos.....	p. 100
REFERÊNCIAS	p.105
<i>Corpus</i>	p.105
Obras Gerais	p.106
ANEXOS	112

Introdução

**Palavras iniciais:
nosso trajeto**

E assim começa nossa pesquisa...

[...] a Literatura é, duplamente, instrumento e objeto – meio e fim. Sua presença no currículo se justifica na medida em que a escola é vista como um espaço ideal e privilegiado para a formação de um público para literatura.

(LAJOLO, 1982, p.15).

A epígrafe que inaugura esta apresentação é ponto de partida para as reflexões que almejamos alcançar por meio deste estudo, cujo olhar direcionamos para a singularidade do convívio de leitura e livros a fim de formar leitores literários. Diante disso, e por termos conhecimento de que para uma grande maioria de brasileiros em idade escolar o primeiro contato com obras literárias acontece entre os muros institucionais, damos relevância a importância das políticas públicas de incentivo à leitura serem estudadas e valorizadas para que sejam repensadas e aprimoradas a favor de um melhor desempenho.

A partir dessas considerações iniciais, desenharemos o caminho que decidimos trilhar. Saímos com o destinatário de um Curso de Graduação em Letras com habilitação em Português e Literatura, concluído no ano de 2007 na Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, sob orientação da professora Célia Regina Delácio Fernandes, que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado “Imagens de escola, ensino, professor, aluno e leitura no acervo do PNBE/2003”. Tal estudo se energizou ao passar da teoria para a prática durante dois anos de trabalho como professora na rede pública e privada de ensino na cidade de Dourados/MS. Perante o entendimento que a teoria e a prática precisam caminhar de mãos dadas, buscamos, ao longo desse período, nutrir nossa atividade enquanto docente por meio de participações em eventos que tivessem como tema discussões relevantes acerca do ensino de literatura e do processo de formação de leitores.

Assim, no ano de 2009, durante o 17º Congresso de Leitura – COLE¹, evento no qual apresentamos nosso TCC, ouvimos a palestra “Monteiro Lobato no século XXI: será um autor maior de idade?”, proferida pela professora Marisa Lajolo, que contribuiu

¹ Os Congressos de Leitura do Brasil tiveram início em 1978. De lá até os dias de hoje são mais de trinta anos de COLE. Os Congressos de Leitura ocorrem sempre na cidade de Campinas, bianualmente e reúnem cerca de 5000 pessoas, numa programação bastante ampla e variada.

significativamente para termos a certeza que trabalharíamos com representações de leituras que ocupassem as obras de literatura infantojuvenil. Nosso propósito desde então, é o de colaborar com os estudos acerca da formação do leitor literário em idade escolar, a partir da compreensão das relações estabelecidas entre a literatura infantojuvenil, leitura e a instituição escolar.

Com endereço firmado, antes de esboçarmos o pré-projeto do estudo que buscaríamos desenvolver no mestrado, dúvidas foram servindo de norte para um percorrer profícuo, capaz de contribuir com reflexões acerca da formação de leitores. Para tanto, era preciso delimitar um *corpus*, tarefa fácil de resolver. Com a semente já lançada no terreno fértil da pesquisa, mantíamos uma relação próxima com o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE, e por compreender a importância que ocupa dentro das políticas públicas voltadas à leitura, era certo que ele seria peça fundamental e decisiva nas obras que seriam analisadas. O ano proposto, 2009, foi decidido por dois fatores: primeiro, por sabermos que sua disposição não seria empecilho para a execução das leituras, pois o acervo estava ao alcance para consulta, e o segundo motivo deu-se após consultarmos o banco de teses da Capes² e percebemos que a versão 2009 do PNBE ainda não havia sido estudada.

Na sequência, fizemos um levantamento acerca dos anos do PNBE e dos temas abordados nas pesquisas realizadas e constatamos que nenhuma teve como foco estudar as representações de leitura literária e leitores presentes nas narrativas que já integraram os acervos do programa, o que diferencia nosso trabalho dos demais. Chegamos a um total de vinte e oito estudos (outros mencionam o programa, sem atribuir relevância), sendo vinte e cinco em nível de mestrado e apenas três de doutorado. Ainda entre as referidas pesquisas, nos chamou a atenção de que apenas cinco são na área de Letras, (as outras são na área de Educação, com exceção de duas: Ciência da Comunicação e Estudos Afro-Orientais). Por conseguinte, resgatamos as da nossa grande área.

O estudo de mestrado de Leda Cláudia da Silva Ferreira, defendido em novembro de 2008, sob orientação do professor André Luís Gomes, na Universidade de Brasília – UNB, nomeado “*A personagem do conto infanto-juvenil brasileiro contemporâneo: uma análise a partir das obras do PNBE/2005*”, fez um mapeamento acerca da pluralidade cultural entre os contos do referido acervo, por meio de questionamentos estipulados pela própria autora (gênero sexual, idade, estrato social,

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Acesso em: 05/10/2011.

cor/raça) com o objetivo de identificar quem são os autores e personagens que se caracterizam na literatura infantojuvenil brasileira contemporânea.

Sob outra perspectiva, estudando o Projeto Literatura em Minha Casa – LMC, que integrou o PNBE durante os anos 2001, 2002 e 2003, o trabalho de Márcia Silveira de Oliveira Rossi, desenvolvido sob orientação da professora Rosa Maria Graciotto Silva na Universidade Estadual de Maringá – UEM, intitulado “*Campanha pública de promoção da leitura forma leitores: um estudo sobre as instâncias mediadoras do projeto Literatura em Minha casa/2001 em Maringá/PR*”, e defendido no ano de 2004, verificou a campanha que teria oportunizado a opção de leitura e livros estarem ao alcance do aluno, da família do aluno e da comunidade geral, com o propósito maior de contribuir com o processo de formação de leitores. Ademais, a estudiosa realizou entrevistas com o corpo docente, discente e administrativo de duas escolas locais, além dos familiares dos alunos.

Também tendo como foco o LMC, a dissertação de Dayse Barroso Silva, intitulada “*Literatura em Minha Casa: uma pesquisa em escolas públicas do município de Londrina*”, concluída no ano de 2005, foi orientada pela professora Neuza de Carvalho do Programa em Pós-Graduação em Letras, na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Teve como meta verificar a implementação do PNBE/2002 na cidade local, por meio de entrevistas com familiares, pais e alunos de dez escolas distintas do município, a fim de ratificar os feitos (positivos e negativos) do projeto.

Abrangendo toda a trajetória do projeto LMC, a dissertação “*Literatura em Minha Casa: uma história sobre leitura, literatura e leitores*”, de Moama Lorena de Lacerda Marques, foi desenvolvida sob orientação da professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, no Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba – UFPA, e defendida no ano de 2007. O foco da pesquisa foi investigar as concepções de leitura, literatura e leitor que o Ministério da Educação e Cultura deixou entrever nos critérios de produção e seleção dos livros e editais e, ainda, traçar um panorama acerca do PNBE desde sua gênese.

E, por fim, destacamos a pesquisa “*Literatura infanto juvenil e políticas públicas de leitura: um estudo do projeto literatura em minha casa*” da estudiosa Flávia Ferreira de Paula, que foi orientada pela professora Célia Regina Delácio Fernandes e defendida no ano de 2010, no mesmo programa de mestrado em que fazemos parte. O estudo de Paula (2010) teve como meta analisar os acervos do projeto LMC em seu período de atuação (2001, 2002 e 2003), com o propósito de examinar os livros de literatura

infantojuvenil comprados com verba pública e entendidos como sendo de “boa qualidade”.

Essa gama de novos olhares no âmbito dos estudos acerca do PNBE, certamente vêm contribuindo com o avanço das discussões e a ampliação do programa. Entretanto, as pesquisas revelam que ainda há muito a ser investigado nesse trajeto rumo à melhoria das políticas públicas da leitura no Brasil e a formação de leitores literários. Assim, nosso estudo tem como proposta prosseguir com as pesquisas concluídas e cooperar com o preenchimento de algumas lacunas.

Nosso foco primeiro foi o de verificar as concepções atribuídas à leitura, o que nos levou a confirmação da singularidade da leitura literária, para depois, analisarmos as representações literárias em nosso *corpus*, objetivando, com isso, contribuir com o repertório literário e a formação de novos leitores. Ademais, tem a perspectiva de observar entre suas páginas a importância do convívio entre alunos e obras literárias, examinando com atenção o espaço garantido dentro das próprias narrativas em favor de novas leituras literárias.

Dessa forma, dada a extensa quantia de livros selecionados pelo programa no ano de 2009 (600 obras literárias divididas em 300 para o Ensino Fundamental e 300 para o Ensino Médio), optamos por trabalhar com o Ensino Fundamental por entender que a ausência da disciplina Literatura na ementa curricular das séries em questão precisa ser repensada. Além disso, estudar as obras que circulam destinadas a este público é uma possibilidade de contribuir com a formação do leitor literário.

Na sequência, realizamos o recorte do gênero literário em textos narrativos e pertencentes à literatura infantojuvenil brasileira contemporânea. A justificativa em optarmos por textos de autores brasileiros veio por meio da notícia de que seu surgimento foi conturbado e marcado por preceitos didáticos e moralizantes e o motivo em trabalhar com narrativas deu-se após termos contato com a tabela abaixo que nos foi fornecida pela equipe do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE, em que assegura a relevância de obras narrativas inscritas em relação aos demais gêneros:

Obras inscritas PNBE 2009		
Gênero	Anos finais do Ensino Fundamental	Ensino Médio
Poema	101	98
Conto, crônica, teatro e texto da tradição popular	416	274
Romance	330	329
Memória, diário, biografia e ensaio	121	204
Obras Clássicas	69	72
História em quadrinhos	47	24
Total:	1084	1001

Tabela 1: Obras inscritas PNBE 2009

Fonte: base de dados do CEALE

Nota-se com a leitura da tabela que um total de 1084 obras (em todos os gêneros) foram inscritas para integrarem o acervo dos anos finais do Ensino Fundamental e 1001 no Ensino Médio, que passaram pelo processo criterioso resultando 300 em cada categoria.

Após a leitura e fichamento das narrativas brasileiras, chegamos a um *corpus* específico composto por oito obras, que possuem representações de leituras literárias significativas: *Amigos Secretos* (2009) de Ana Maria Machado; *Assassinato na Biblioteca* (2009) de Helena Gomes; *Beto, o Analfabeto* (2008) de Drummond Amorin; *Letras finais* (2008) de Luís Dill; *O Mágico de Verdade* (2008) de Gustavo Bernardo; *O Mário que não é de Andrade* (2008) de Luciana Sandroni; *O mundo é pra ser voado* (2006) de Vivina de Assis Viana e *Pode me beijar se quiser* (2009) de Ivan Ângelo.

A análise do *corpus*, por sua vez, foi organizada em três capítulos. O primeiro *Leitura, Literatura e PNBE: entre amores e desamores* tem como foco as concepções atribuídas à leitura e à forma pela qual esta vem sendo mantida ao alcance da população em idade escolar. Para tanto, subdivide-se em quatro partes. Em *Leitura: algumas considerações*, refletimos acerca das concepções atribuídas à leitura por meio dos documentos oficiais que circulam nas instâncias de ensino e, também, pelo olhar de pesquisadores da área. Em seguida, no subitem *Leitura literária: um nutriente necessário*, incluímos a importância da leitura como uma prática social e cultural ao validar que seu entendimento está além da mera decodificação de código. Ainda neste capítulo, outro foco de investigação é o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE em seu décimo segundo ano de existência. O subitem *PNBE: semeador de livros e leituras*, caminha entre o referido programa por meio de um olhar reflexivo acerca de sua proeminência. E, por fim, o último subitem, *Critérios de seleção do PNBE/2009*, tem como foco o processo de seleção e exclusão das obras adquiridas por meio do PNBE.

No capítulo 2, *Literatura Infantojuvenil e Representação*, debateremos entre o surgimento da literatura infantil em terras brasileiras e, ainda, abarcaremos o conceito de representação. Desse modo, *Percurso e percalços da Literatura Infantil Brasileira*, deslinda reflexões acerca do surgimento conturbado da literatura infantil no Brasil apoiado em contribuições teóricas das especialistas: Lygia Cadermatori; Marisa Lajolo; Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman. Na sequência, *Literatura e ensino: em prol da formação de novos leitores*, discutimos a importância da literatura no contexto escolar. Todavia, sua presença precisa ser desvinculada dos preceitos moralizantes e didáticos atribuídos a essa esfera da arte dentre os muros escolares. Para tanto, compreendemos que as práticas de leituras e leitores retratadas nas páginas de nossa literatura abrem janelas para a formação de novos leitores, *Conceito de representação: algumas considerações*, nasce no sentido de corroborar a importância das referidas representações, nas reflexões acerca do “real” por meio do ficcional.

Por fim, no capítulo 3, *Representações de leitura na literatura infantojuvenil*, tivemos por finalidade analisar as representações de leitura presentes no *corpus* selecionado, com o olhar voltado para os leitores de papel e tinta e as representações de leitura que habitam as páginas da literatura infantojuvenil brasileira. De imediato, vislumbramos a forte presença da intertextualidade, fundamental, para o nascimento do subtítulo *Intertextualidade na literatura infantojuvenil*: outros livros, outras histórias, que deu forma a outros três: *Alguns clássicos passaram por aqui*; *Os títulos brasileiros que as histórias nos contam* e *Best Seller*: uma obra a parte, tendo todos em comum o entretecer com outras obras literárias.

Ainda neste capítulo, destaca-se o espaço da biblioteca em três diferentes narrativas, o que veio a contribuir para construção do subitem *(sem)censura*: entre livros e bibliotecas. Adiante, encontramos *Leitores de papel e tinta*, que se ocupa em responder quem são os leitores presos entre o emaranhado de folhas que compõe nosso *corpus* de análise, averiguando quem são (sexo, faixa etária) e por onde transitam, com a preocupação em estabelecer diálogos com os leitores de carne e osso.

Nessa vertente, nosso trabalho abre-se para outros horizontes e possibilita diferentes leituras, pois, concomitantemente a Sandroni (2011, p.107), acreditamos que:

A arte ao mesmo tempo que é encantamento, magia, é também denunciadora. Através dela o artista critica e reinventa o mundo, liberando suas potencialidades e permitindo aos espectadores/leitores uma visão mais ampla e profunda.

Diante da fala da estudiosa Laura Sandroni, compactuamos do poder da literatura em reiventar mundos e pessoas, dependendo sempre da leitura efetuada por meio dos olhares de seus leitores. Nesse prisma, a partir daqui, o leitor deste texto entrará em nosso estudo, que permeia um mundo feito de livros, literatura e leitores.



Figura 1: Laurent Cardon
Ilustração para *Amigos Secretos*, s/p.

**Leitura,
Literatura
PNBE:
entre
amores e desamores**

1.1 Leitura: algumas considerações

[...] Não sabia ler, é claro e, de porta em porta, continuou catando restos. Até que, num outro dia, caprichando em mais uma coleta, encontrou alguém a quem falar do seu achado. E falou do livrinho e o descreveu: continha letras, mais nada. Eram letras diferentes, desenhadas no capricho, meio apagadas, mas bonitas como nunca tinha visto nas placas, como nunca tinha visto na vida. Aí confessou velho sonho: saber ler e escrever.

(AMORIN, 2008, p. 75-76).

A epígrafe nos remete a um personagem adulto, do sexo masculino e analfabeto que, ao garimpar as ruas de sua cidade em mais um dia de trabalho, se depara com um livro, guarda-o para si, na esperança de um dia conseguir lê-lo. Para o protagonista da obra, *Beto, o Analfabeto*, de Drummond Amorim (2008), “saber ler e escrever” era “um velho sonho”, assim como para muitos brasileiros que ainda são analfabetos e, por isso, excluídos de inúmeras atividades sociais que inserem o binômio: ler e escrever.

Em favor de uma sociedade leitora, Célia Regina Delácio Fernandes discorre (2007), que desde a década de 1980, tem-se criado leis, congressos e movimentos em prol da formação de leitores em solo brasileiro, fator crucial para a ampliação da produção e circulação de livros, especialmente os didáticos e os de literatura infantil/juvenil, adquiridos pelo governo e destinados às escolas públicas. Nesse sentido, a autora destaca que:

O acesso à escolaridade e à leitura está na pauta de todas as agendas governamentais. Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando a importância da leitura à escola e relevando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população (FERNANDES, 2007, p. 10).

Concomitantemente a Fernandes (2007), as professoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009a, p.17) asseveram que “há mais de vinte anos, a leitura e seus arredores entraram em todas as agendas: a agenda política, a educacional, a acadêmica”. Diante disso, foram criadas novas possibilidades de estudos em diferentes áreas do saber, que compreendem a leitura como uma prática cultural e social que precisa ser democratizada.

Nessa perspectiva, sublinhamos o diálogo estabelecido entre o historiador Roger Chartier e o sociólogo Pierre Bourdieu em um encontro sobre leitura, ocorrido em Saint-Maximin no final dos anos de 1990:

Roger Chartier: Parece-me também que para debater a compreensão possível das *práticas culturais*, o exemplo da leitura é um exemplo muito bom, uma vez que sobre esse terreno encontram-se colocados, como num microcosmo, os problemas passíveis de ser reencontrados em outros campos e com outras práticas (CHARTIER, 2009, p.231, grifo nosso).

Pierre Bourdieu: Penso que estaremos de acordo em ter em mente, a cada vez que a palavra leitura for pronunciada, que ela pode ser substituída por toda uma série de palavras que designam toda espécie de consumo cultural [...] Parece-me muito importante, quando abordamos uma *prática cultural* qualquer, interrogarmo-nos como praticantes, nós mesmos, dessa prática (CHARTIER, 2009, p.231 – 232, grifo nosso).

Os dois estudiosos elencados entendem a leitura como uma prática cultural, tendo em vista que sua inserção na sociedade foi construída historicamente e transformou-se em um direito cabível a todo cidadão, aumentando a responsabilidade do sistema educacional na formação do público leitor, ainda mais “quando o sistema escolar representa o papel que representa em nossas sociedades, isto é, quando se torna a via principal ou exclusiva do acesso à leitura” (CHARTIER, 2009, p.241).

Desse modo, o nosso comprometimento neste subitem é o de mostrar o lugar da leitura em uma sociedade hodierna, averiguando o espaço que ocupa dentre os documentos oficiais e programas de incentivo à leitura que circulam nas instituições de ensino. Ao lado disso, iremos frisar o que alguns estudiosos e escritores da área dizem a respeito da singularidade dessa prática.

Dentre os documentos oficiais, em especial os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), que tem como propósito auxiliar os professores da rede pública de ensino brasileira, o uso da leitura é atribuído à formação de leitores competentes e a contribuição na constituição de bons escritores, apresentando uma relação necessária entre o binômio ler e escrever.

No documento supracitado, a leitura é entendida como:

[...] um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua. [...] Não se trata simplesmente de extrair informação da

escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 1997, p.40-41).

E o que seria um leitor competente? De acordo com os PCNs, leitor competente é aquele que consegue conceder sentido nas lacunas do texto lido, e que ainda articula a leitura realizada no momento com outras anteriores. Ressaltam que “um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente” (BRASIL, 1997, p. 41) e orientam que cabe à escola oferecer “*materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes*, [...] é preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo” (BRASIL, 1997, p.42, grifo nosso).

Uma das maneiras encontradas pelo governo federal para a distribuição dos referidos “materiais de qualidade” é garantida por meio de políticas públicas que são instauradas para suprir a carência de obras literárias nas instituições públicas de ensino. Atualmente, a compra e a distribuição dos acervos vêm sendo feitas por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE³, sob a luz de reconhecer e valorizar a democracia da leitura em terras brasileiras:

A apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada. O investimento contínuo na avaliação e distribuição de obras de literatura tem por objetivo fornecer aos estudantes e seus professores material de leitura variado para promover tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores (BRASIL, 2011, s/p).

Evidentemente, não se forma leitores sem o acesso ao livro. É necessário conhecê-lo, poder manuseá-lo, sentir seu cheiro, entre tantas outras sensações, que só nos são concedidas por meio desse contato. Em benefício de uma maior acessibilidade ao livro, o Congresso Nacional decretou a lei de nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, que visa a Política Nacional do Livro, sancionada pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, em exercício na data. Para operacionalizá-la, o governo conta com alguns planos,

³ Dedicaremos dois subitens desta dissertação para tratarmos acerca do PNBE, por compreendermos sua relevância no âmbito das políticas públicas de leitura no Brasil.

dos quais destacamos o Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL, que tem por objetivo contribuir em prol da capacidade leitora brasileira, ao possibilitar que a leitura esteja inserida no cotidiano de *toda* a sociedade.

O PNLL afirma que o exercício de ler deve ultrapassar o código da escrita alfabética e que o aspecto mecanicista da leitura, que pretende reduzir o ato de ler a simples reprodução do que está no texto, tem dificultado o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois “a leitura configura um ato criativo de construção de sentidos, realizado pelos leitores a partir de um texto criado por outro(s) sujeito(s)” (BRASIL, 2010, p.21).

No final do ano de 2010, o PNLL fez um balanço de suas ações, e no documento gerado⁴ o Ministro de Estado da Cultura, em exercício na data, João Luis Silva Ferreira, frisou que a leitura é de vital importância tanto para a “plena realização de nossa condição humana” quanto para “nossa capacidade de entender o mundo”. Certificou, ainda, que em uma sociedade onde seus integrantes sejam leitores, as possibilidades em lidar com conflitos comuns ao ser humano são maiores:

[...] a leitura não só qualifica a relação com outras áreas da cultura como também qualifica a relação do indivíduo com a saúde, com o mundo do trabalho, com o trânsito e a cidade, com o ambiente natural e social, possibilitando a superação de limitações físicas e simbólicas (BRASIL, 2010, p.9).

Após a leitura do documento, observamos que o PNLL reconhece a singularidade em trabalhar com textos literários, assim fica explícito que a literatura merece *atenção* especial por conta dos benefícios possíveis de serem alcançados por meio da leitura literária:

[...] dada a enorme contribuição que pode trazer para uma formação vertical do leitor consideradas suas três funções essenciais, como tão bem as caracterizou Antonio Candido: a) a capacidade que a literatura tem de atender à nossa imensa necessidade de ficção e fantasia; b) sua natureza essencialmente formativa, que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante complexa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico e doutrinador de outros textos; c) seu potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, tal como faz, por outro caminho, a ciência (BRASIL, 2010, p.46).

⁴ Essa edição do PNLL traz atualizações nas pesquisas da área de educação e leitura e também as contribuições feitas na Pré-conferência Setorial do Livro e Leitura, realizada em março de 2010.

Na citação em destaque, é resgatado o clássico artigo, *A literatura e a formação do homem* (1972) de Antonio Candido, que trata das funções indispensáveis da literatura: psicológica; formadora e a função de conhecimento do mundo e do ser, validando a necessidade de mantermos contato com obras literárias. Desse modo, a literatura vai ao encontro de peculiaridades comuns aos seres humanos, pelo caráter de fabulação, ao trabalhar com temas universais por meio do diálogo entre o “real” e o ficcional.

No cenário dos que almejam um Brasil leitor, encontra-se também o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER, instituído em 13 de maio de 1992 pelo Decreto nº. 519, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional – FBN, que visa colaborar com o direito à leitura, fomentando condições de acesso às práticas de leitura e de escrita críticas e inventivas. De acordo com *Proler: concepções e diretrizes* (2009) o programa entende a leitura e a escrita como práticas socioculturais necessárias para a participação na sociedade hodierna:

[...] se o aprendizado da leitura atende a necessidades pragmáticas, como deslocar-se de um ponto a outro no espaço das cidades, trocar correspondências, fazer compras e realizar outras tarefas cotidianas, é a prática da leitura que possibilita aos indivíduos participar de maneira ativa da vida em sociedade. [...] a leitura é uma atividade intelectual relativa à linguagem, que se caracteriza pela compreensão de discursos, organizados segundo regras próprias e sistemas específicos de referências diferentes da oralidade (BRASIL, 2009, p.8).

De acordo com essa concepção, é por meio da *prática da leitura* que as pessoas passam a refletir sobre sua condição social e política. Nesse sentido, não podemos compreender a prática da leitura como neutra ou ingênua: “a consciência do caráter político do ato de ler é importante para que o sujeito tenha uma atitude emancipada frente ao texto, entendendo-o como produto e não como verdade” (FERNANDES, 2007, p.13). Convém ressaltar que essas práticas não são estáveis, mas se alteram com o tempo, aderindo novos formatos e possibilidades. A esse respeito, Roger Chartier (1999) delonga inúmeras páginas em seu trabalho “*A aventura do livro: do leitor ao navegador*”, ao percorrer práticas de leitura longínquas e imediatas:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe,

em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.

Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem.

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1999, p.77).

Ao lado das ponderações tecidas por Chartier (1999), é válido ressaltar que a prática da leitura pode propiciar ao leitor, por meio de seus diferentes gêneros, uma localização cultural, que contribui de maneira única para a formação de um leitor crítico e competente, ao articular o mundo das palavras com o seu eu mais profundo e a comunidade onde ele se insere. No entanto, por oferecer ao leitor a capacidade de governar a si mesmo, sua prática tem uma história trancafiada, e ainda hoje é tão velada.

A discussão nos reporta ao texto de por Michel de Certeau (1994, p.267), que trava uma discussão sobre a obliteração da leitura. Para ele, o sistema econômico em que vivemos reclama por indivíduos robotizados, para melhor produzir, não devem pensar, assim:

A leitura fica de certo modo obliterada por uma relação de forças (entre mestres e alunos, ou entre produtores e consumidores), das quais ela se torna instrumento. A utilização do livro por pessoas privilegiadas o estabelece como um segredo do qual somente eles são os “verdadeiros” intérpretes. [...] Deste ponto de vista, o sentido “literal” é o sinal e o efeito de um poder social, o de uma elite. Oferecendo-se a uma leitura plural, o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça.

As instâncias de poder lembradas por Certeau são responsáveis por suprimir a leitura e, ainda, comprometer a liberdade do leitor ao agredir sua prática. Para tanto, “a autonomia do leitor depende de uma transformação das relações sociais que sobre determinam a sua relação com os textos” (CERTEAU, 1994, p.268).

Esse incansável esforço de liberdade dos leitores vem acompanhando a história da leitura, tão repleta de desigualdade. Sua prática não é uma atividade simplista e inocente, pelo contrário, a partir da leitura tornam-se claros alguns pontos de conflitos entre a ideologia dominante e a literatura produzida em diferentes momentos da história:

O livro manuseado por nós é um espaço que convida à descoberta, ao desafio da produção do conhecimento. Enquanto registramos, de inúmeras maneiras, as ideias que nele circulam, também deixamos nossas marcas impostas pelo manuseio, traços, muitas vezes, de nossa relação afetiva: folhas gastas por repetidas leituras, anotações feitas nas margens revelando nossa forma de ler. Não se pode esquecer que reações de agressividade também atingem o livro, esse objeto que suscita amor e ódio: desde páginas rasgadas por leitores insatisfeitos ou displicentes, até livros queimados por motivos político-religiosos. Mais que resultados de atitudes individuais, tais marcas e vestígios também falam dos lugares sociais da leitura e de suas contradições (WALTY, 2001, p.32).

Nessa superposição, para muitos ainda é preferível que a democracia da leitura continue a ser um objetivo fora de alcance, pois como frisa o argentino Alberto Manguel (1999, p. 315) “Uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar; uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor recurso é limitar seu alcance”. É justamente esse “alcance limitado”, o corolário de todos os “poderosos” (instituições religiosas, políticas e partidárias) que regem a conduta e a ordem das civilizações.

Para tanto, é pertinente salientar que, ainda hoje, o acesso à leitura não foi totalmente democratizado, o que se confirma por meio de alguns estudos, como, por exemplo, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”⁵, ganhadora da sua segunda versão no ano de 2008, sob organização de Galeano Amorin, publicado pelo Instituto Pró-Livro (IPL)⁶, em parceria com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, com o objetivo central de “diagnosticar e medir o comportamento leitor da população, especialmente com relação aos livros, e levantar junto aos entrevistados suas opiniões relacionadas à leitura” (AMORIN, 2008, p.9).

Um total de 172,7 milhões de brasileiros a partir de cinco anos de idade, de todas as regiões, sem deixar nenhuma capital exclusiva, participaram da pesquisa, que teve como foco verificar o perfil do (não) leitor brasileiro. Afirmou-se, por meio dessa, que 95 milhões dos entrevistados são leitores, isto é, leram pelo menos um livro nos últimos três meses. Na outra ponta, 77 milhões declararam não terem lido nenhum livro nos meses recorrentes. Mas não é possível acatar como seguras tais respostas, uma vez que, no contexto dessas pesquisas, entretanto, é preciso ponderar que, mediante o

⁵ A primeira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pela CBL, Snel e Abrelivros, com apoio da Bracelpa, foi realizada em 2000/2001 pelo instituto A. Franceschini Análise de Mercado, de São Paulo. Seu objetivo básico era identificar a penetração da leitura de livros no país e o acesso a eles.

⁶ É uma organização social civil de interesse público – uma Oscip – criada por três das principais entidades do livro no Brasil: Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional de Editores de Livros (Snel) e Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros).

reconhecimento da “alta literatura” firmado pelas instâncias legitimadoras, muitos silenciam suas práticas de leitura, julgando-as como inválidas. Seguindo essa esteira de reflexão, Pierre Bourdieu tece alguns comentários:

Pierre Bourdieu: os senhores têm a chance, interroguem as pessoas sobre o que elas lêem, não somente sobre o que lêem, mas sobre a maneira de ler. De fato, evidentemente, a mais elementar interrogação da interrogação sociológica ensina que as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende “o que eu leio que mereça ser declarado?” Isto é: “o que é que eu leio de fato de literatura legítima?” (CHARTIER, 2009, p.236).

As reflexões do sociólogo francês caminham lado a lado de estudos recentes da área, que acentuam que muitos brasileiros não se afirmam enquanto leitores por que os livros lidos por eles não são considerados nas pesquisas tradicionais. Não obstante, a academia acaba por impelir suas meias verdades a favor de falsos valores, pois discutir o perfil do leitor brasileiro requer, antes de tudo, conhecê-lo.

Como os dados indicam na referida pesquisa, entre os que afirmaram serem leitores, 55% são mulheres e 45% homens, o que apresenta o gênero feminino à frente quando o assunto é leitura, e a média de livros lidos por ano por esses leitores é de 4,7% por habitante e apenas 1,2% se encaixam no quesito de compradores de livros.

Outras investigações que mapeiam o índice de analfabetismo no Brasil são lembradas no livro de Amorin (2008), como, por exemplo, o INAF/BRASIL – Indicador de Alfabetismo Funcional, medido pelo Instituto Paulo Montenegro⁷ que, desde 2001, apura regularmente os índices de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos de idade. Na última versão (BRASIL, 2009), aponta que, no Brasil, entre a população que se encaixa na faixa etária citada, 7% é considerada analfabeta, mostrando uma diminuição percentual ao equiparar com 9%, obtidos no ano de 2007.

Com isso, notamos que uma fatia da sociedade brasileira ainda anela pelo “direito de ler”, permanecendo privada de atividades básicas que envolvem a leitura, tais como: ler o letreiro do ônibus; ler uma bula de remédio; escolher seu alimento em um cardápio; conhecer as letras que compõe seu nome; contribuir com o dever de casa

⁷ O Instituto Paulo Montenegro é uma organização sem fins lucrativos, vinculada ao O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE, que tem por objetivo desenvolver e executar projetos na área de Educação.

de seus filhos; ler o jornal no café da manhã, entre outras. Por conseguinte, diante de tantas faltas que certamente visitam a vida de uma pessoa não alfabetizada, ganha destaque pela nossa retina o (não) direito à literatura, a ausência de vivenciar a leitura literária, aquela que de acordo com Roland Barthes (1987, p.21-22), se encontra nos textos capazes de dar prazer:

[...] aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, [...] aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

Os dados revelam ainda haver em solo brasileiro pessoas desprovidas da leitura, e indica essa lacuna como comprometidora para participação em uma sociedade grafocêntrica. Assim, espera-se que a discussão a respeito da leitura não fique presa em um emaranhado de folhas que compõem as agendas das instâncias lembradas aqui pelas estudiosas Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009a), tornando-se inócua, e sim propagada e difundida com o propósito de nutrir as vidas dessas pessoas com a leitura (literária).

1.2 Leitura literária: um nutriente necessário

A Literatura não é, como tantos supõe, um passatempo. É uma nutrição

(MEIRELES, 1979, p.55).

Cecília Meireles ficou conhecida pela singularidade em que concebia seus poemas e, ainda, pelo seu engajamento em questões educacionais. Foi responsável por um trabalho de grande relevância para a historiografia da literatura infantil brasileira, *Problemas da Literatura infantil*, que ganhou formato de livro após um curso ministrado por ela a professores do estado de Minas Gerais, em 1952. Desde menina, passou grande parte de seu tempo em companhia de livros, o que a fez associar a literatura como um nutriente necessário para o espírito e, por isso, de extrema importância para a humanidade.

Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar. Mais tarde foi nessa área que os livros se abriram, e deixaram sair suas realidades e seus sonhos, em combinação tão harmoniosa que até hoje não compreendo como se possa estabelecer uma separação entre esses dois tempos de vida, unidos como os fios de um pano (MEIRELES, 1979, p.55).

Órfã antes de completar seu terceiro aniversário, e sem nenhum irmão (todos os três outros filhos de seus pais faleceram), Cecília cresceu sob os cuidados da avó, em uma infância cercada de “silêncio e solidão”. Neste cenário, a fantasia foi uma aliada que contribuiu significativamente em sua construção enquanto pessoa, o que lhe possibilitou conviver entre as “realidades e sonhos” presentes nos livros, não sabendo ela “estabelecer uma separação entre esses dois tempos de vida, unidos como os fios de um pano”.

Essa relação tão íntima estabelecida entre leitor e literatura pode ser compreendida, uma vez que, “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos” (COSSON, 2006, p.17). De fato, somos seres incapazes de vivermos sem o processo de fabulação, razão pela qual necessitamos entrar em contato com as obras literárias.

A literatura, por conseguinte, permite reflexões acerca da vida. Ao nos apresentar em suas páginas a importância em olharmos o outro, e é a partir desse olhar que sua prática diferencia-se das demais. Merece destaque que a leitura literária, em tantos momentos, agride o leitor, dificultando, após o percurso da leitura, sua permanência no mundo da mesma maneira em que se encontrava antes de percorrer as páginas. Como se lê no excerto, relatado por Vera Teixeira Aguiar (2007, p.18): “ao término da leitura, não sou a mesma de antes, porque tenho comigo os resultados da experiência vivida, equilibrada na linha que une fantasia e realidade”.

Essa vivência do outro em profundidade, descrita por Aguiar (2007), não apenas nos ajuda a enfrentar conflitos internos, como também abre uma janela para a compreensão que o outro é diferente e singular. Dessa maneira, constata-se que ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, “mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de

compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2006, p.27).

Nessa esteira de pensamento, com o intuito de contribuir para a compreensão da importância da leitura literária, Ricardo Azevedo (2004, p.40-41) advoga que a literatura propicia experiências significativas ao leitor:

Por meio de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes [...] as paixões e as emoções humanas; a busca de autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade [...] a mortalidade; a sexualidade; a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade.

As observações feitas permitem entender que a leitura de textos literários ajuda a romper com nossos limites e, ainda, alimenta o espírito, o que de fato exprime sua estada enquanto direito na sociedade. Em defesa desse direito, Antonio Candido (2004, p.6) escreveu que este nos deve ser assegurado, pois “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Acentuamos que esse direito deve ser difundido para toda a sociedade, procurando diminuir a distribuição desigual feita neste país (e no mundo) entre os que *dominam* e os que são por estes *dominados*. Por isso, “é indispensável tanto à literatura sancionada quanto a literatura proscrita, a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisa predominante” (CANDIDO, 2004, p.4).

Em vista disso, uma possibilidade em contribuir com a acessibilidade a obras literárias vem sendo feita por meio das políticas públicas ao reverterem uma parcela do dinheiro público na compra de acervos que são entregues às bibliotecas escolares. Assim, abarcaremos, no próximo subitem, reflexões acerca do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE por ser, atualmente, o maior comprador e distribuidor de obras literárias no Brasil, assegurando o encurtamento da distância entre a literatura e a sociedade.

1.3 PNBE: semeador de livros e leituras

Os livros de literatura, no espaço escolar, conferem à criança uma multifacetada forma de acesso ao saber

(MACIEL, 2008, p.7).

A reflexão acurada por meio da escrita da professora e pesquisadora Francisca Izabel Pereira Maciel (2008), na epígrafe que emoldura este texto, adverte sobre a importância das escolas disponibilizarem obras literárias aos seus alunos. De fato, tal feito vem sendo aprofundado anualmente, por meio das políticas públicas de leitura, mas isto não garante que a “multifacetada forma de acesso ao saber” esteja sendo alcançada, o que nos instiga a averiguar no decorrer deste trabalho as faces *propagadas e/ou omissas* do PNBE, por ser o maior programa em vigência.

Em consonância, Fernandes (2007) discorre, na *corpórea* do seu trabalho, acerca dos programas de incentivo à leitura no Brasil e aponta que foi a partir da década de 1980 que ocorreu um avanço notório nesse segmento. A autora avalia a trajetória do Programa Nacional Salas de Leitura – PNSL: 1984 – 1996, que foi instituído pela Resolução nº 14, de 26 de julho de 1984 do Conselho Deliberativo da FAE, tendo como objetivo geral “oferecer uma oportunidade alternativa ao trânsito do livro no circuito escolar através da criação de Salas de Leituras” (FERNANDES, 2007, p.44).⁸ Entretanto, diante das agruras que compõem o cenário da leitura brasileira, o PNSL chega ao fim de suas atividades no ano de 1996, sem a sensação do dever cumprido:

[...] desde seu início, uma das metas mais importantes do PNSL era a universalização do atendimento à rede pública de ensino, mas essa nunca foi atingida por causa da limitação de recursos nele alocados (FERNANDES, 2007, p.44).

Após um ano de término do PNSL, em 1997, o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE é instituído pela Portaria Ministerial nº 584, do Ministério da Educação, que traz em sua concepção o objetivo de incentivar a descoberta de novos mundos e culturas por meio da leitura. Para operacionalizá-lo, a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) é responsável pela definição das diretrizes e seleção dos títulos integrantes dos acervos e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) pela aquisição e distribuição dos acervos para as escolas, tendo

⁸ Ver mais sobre o Programa Nacional Salas de Leitura – PNSL em: FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007 (p. 41-61).

recursos financeiros originários do Orçamento Geral da União (OGU) e da arrecadação do salário-educação. Esse programa está apoiado no artigo 208 inciso VII da Constituição Federal, que preconiza o “atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático escolar” (BRASIL, 2009, p.114).

Desde sua gênese, o PNBE tem se mantido como o maior programa de distribuição de obras literárias no Brasil. Convém ressaltar que iniciou no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 - 1998), e prosseguiu até o término do segundo mandato (1999 - 2002). Todavia, o programa já havia ganhado tamanha representatividade entre as políticas públicas de leitura que foi mantido no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 - 2006); (2007 - 2010), o que veio a legitimar sua inserção como um programa de Estado e não mais de governo. Além de o programa permanecer nos dois mandatos do governo Lula, ele foi ampliado, rompendo com os limites dos programas anteriores, o que é constatado com a procedência atual no governo da presidenta Dilma Rousseff (2011 - atual).

Sublinhamos, ainda, que a sequência do PNBE tem sido um fator benéfico, pois uma vez que é contínuo, torna-se passível de melhorias a cada novo edital. Pela nossa retina, é relevante destacar que esse fluxo anual tem cooperado em favor de alternâncias significativas no quadro das bibliotecas públicas brasileiras, até então vistas como “poucas e precárias”. Nesse sentido, Fernandes (2007) defende a importância dos programas governamentais para a formação de leitores, visto que a carência de uma grande parte da população impossibilita o acesso a livros.

Assim, ratificamos que pesquisar sobre o PNBE é considerável em inúmeros fatores, em especial, para nutri-lo e validar suas ações no campo das políticas públicas de leitura no Brasil. Evidentemente que semear e cultivar frutos nesse solo nem sempre foi uma atividade profícua, com isso, não estamos afirmando que hoje esteja mais fácil, e sim, que o programa supracitado tem contribuído com a colheita de novos frutos por meio dos avanços conquistados.

Desse ângulo, visitamos o Portal do Ministério da Educação - MEC ⁹, onde encontramos informações que elucidam a proeminência do PNBE por promover:

⁹Disponível na página:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=574>.
Acesso em: 25 de agosto de 2011.

o acesso à cultura e o incentivo à formação do hábito da leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência”, alternando sua política de atendimento com o propósito de adequar-se “à realidade e às necessidades educacionais.

A partir de 2010, o atendimento do PNBE foi oficializado pelo referido Decreto 7084 e o fornecimento das obras será em ciclos bienais, da seguinte forma:

[...] em 2009: acervos para escolas públicas que oferecem Ensino Fundamental II (6º. ao 9º. ano) e Ensino Médio; 2010: acervos para escolas públicas que oferecem Ensino Infantil, Ensino Fundamental I (1º. ao 5º. ano) e EJA; 2011: idem 2009; 2012: idem 2010 e assim por diante, em ciclos bienais (BRASIL, 2011, s/p).

Entretanto, mesmo com uma trajetória consolidada, muitos bibliotecários, educadores, gestores e alunos desconhecem as obras que compõem os acervos literários das escolas brasileiras. Nesse sentido, alguns pesquisadores¹⁰, em sua maioria em nível de mestrado e doutorado de diferentes cantos do país, vêm efetuando pesquisas referentes às ações do PNBE, favoráveis para que o programa não caia no anonimato e possa ser repensando, visando um melhor desempenho.

O MEC também compreende a importância de pesquisas avaliativas sobre a trajetória do programa, o que levou a consolidação de uma parceria com os pesquisadores ligados à Associação Latino-americana de Pesquisa e Ação Cultural (ALPAC), do Laboratório de Políticas Públicas (LPP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), gerando, assim, o estudo “*Programa Nacional Biblioteca da Escola [PNBE]: leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras*”¹¹, que teve por finalidade:

Investigar a realidade das práticas pedagógicas em torno das obras distribuídas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola, realizando um diagnóstico sobre: o que professoras e professores, diretores, coordenadores pedagógicos, responsáveis por biblioteca, estudantes e pais pensam sobre os livros de literatura que chegam às escolas; que uso vem sendo feito desses livros; quais são as práticas de leitura e de escrita realizadas nas salas de aula e pelas escolas; e que papel a biblioteca tem representado nas escolas públicas. [...] A divulgação dessa pesquisa pelo MEC se constitui como mais um material de

¹⁰ Nas palavras que introduzem esta pesquisa, encontram-se elencados alguns nomes de pesquisadores que vêm contribuindo com a avaliação e disseminação do referido programa.

¹¹ Disponível na página: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf. Acesso em: 22 de abril de 2011.

formação, discussão e debate em torno da leitura e da escrita, ao apresentar os caminhos possíveis de uma pesquisa avaliativa, as escolhas feitas, os modos como se vai produzindo a metodologia para abordar a realidade que se deseja conhecer, as questões enfrentadas no trabalho de campo, a sistematização de informações coletadas e as possíveis leituras dessas informações como dados significativos, que revelam aspectos até então encobertos pela fragmentação de informações do campo sobre o objeto de estudo (BRASIL, 2008b, p.09).

A importância de pesquisas como essa é vital. Além de alcançar reflexões acerca das políticas públicas em vigência, contribui sistematicamente com o esquadramento das ações geradas por meio do programa, e ainda, das falhas que precisam ser revistas em melhor benefício dos acervos distribuídos:

A partir da pesquisa realizada, pôde-se, principalmente, constatar: a dificuldade dos professores para trabalharem com os acervos; a ausência quase total de formação que permita a esses profissionais refletir sobre sua prática pedagógica e discutir diferentes concepções de linguagem, de leitura e escrita; os limites de aproveitamento do material disponível e a angústia dos professores, pela falta de tempo para exercitar a própria leitura (BRASIL, 2008b, p.20-21).

Diante do fragmento extraído do texto, são perceptíveis as lacunas existentes nos programas de política públicas de leitura. Mesmo que não seja responsabilidade do PNBE orientar os profissionais acerca do uso das obras que se fazem presentes nas escolas públicas que integram o Brasil, é função dos governos alinhar esta política com outras a fim de um melhor proveito. De fato, por meio da leitura do estudo (BRASIL, 2008b), corroboramos da importância em investir na formação de nossos professores e bibliotecários enquanto leitores, pois essa falta tem sido um dos agravantes em prol da formação dos alunos leitores.

Em consonância, a pesquisa *Programa Nacional Biblioteca da Escola: análise descritiva e crítica de uma política de formação de leitores* (BRASIL, 2009), realizada em parceria do MEC com o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação - CEALE analisou o processo de avaliação e seleção de obras de literatura endereçadas às escolas públicas brasileiras nas edições do PNBE, correspondentes aos anos de 2007, 2008 e 2009.

Por meio desta, temos contato com cifras importantes na trajetória do programa:

PROGRAMA/ANO	DISTRIBUIÇÃO	QUANTIDADE (ACERVOS, OBRAS E COLEÇÕES)	VALORES
PNBE/98 (Acervos)	1999	20.000	17.447.760,00
PNBE/99 (Acervos)	2000	36.000	23.422.678,99
PNBE/2000 (Obras)	2001	577.400	15.179.101,00
PNBE/2001 (Coleções)	2002	12.184.787	50.302.864,88
PNBE/2002 (Coleções)	2003	4.216.576	19.523.388,68
PNBE/2003 (Coleções)	2003	8.169.082	36.208.019,30
PNBE/2003 (Acervos– Casa de Leitura)	2004	41.608	6.246.212,00
PNBE/2003 (Acervos– Biblioteca Escolar)	2004	22.219	44.619.529,00
PNBE/2003 (Obras– para professores)	2004	1.448.475	13.769.873,00
PNBE/2005 (Acervos)	2005/2006	306.078	47.273.736,61
PNBE/2006 (Acervos)	2007	96.440 acervos/7.233.075 livros	46.300.000,00
PNBE/2007 (Acervos Educação Infantil)	2008	97.407	9.044.930,30
PNBE/2007 (Acervos Educação Fundamental)	2008	160.830	17.336.024,72
PNBE/2007 (Acervos Ensino Médio)	2008	24728	38.902.804,00
PNBE/2008 (Acervos Ensino Fundamental)	2009	Livros em distribuição. Dados não concluídos.	ND
PNBE/2008 (Acervos Ensino Médio)	2009	Livros em distribuição. Dados não concluídos.	ND
TOTAL DO PERÍODO			385.576.922,48

Tabela 2: Dados estatísticos PNBE

Fonte: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pnbe.pdf>

Com efeito, pelo fato de a pesquisa não trazer dados sobre o PNBE/2009, coube ao nosso estudo examinar alguns documentos acerca do referido ano, sendo possível constatar que a quantidade de obras adquiridas foi de 7.736.400 compradas em 2009 e entregues no ano seguinte. Em 2009, o MEC beneficiou com novos acervos literários cerca de 26,6 milhões de estudantes das séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio (1º ao 3º ano) das escolas públicas de todo o país, ao atingir 16,4 milhões de alunos matriculados nas 49.327 escolas que ofertam o Ensino Fundamental contempladas pelo Programa. Em relação ao Ensino Médio, a estimativa foi menor, abarcou-se 17.471 unidades, atingindo 7,2 milhões de estudantes.

Diante desses números, visitamos o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, com data de 30 de novembro de 2009, com o

propósito de observar a quantidade de alunos e escolas existentes no Brasil. Por meio do documento, compreende-se que o Brasil possui 197. 468 escolas matriculadas, entre públicas e privadas, que abarcam um total de 52. 580. 452 alunos. O gráfico abaixo nos mostra que as escolas privadas ocupam um percentual mínimo se comparada às públicas [figura 2].

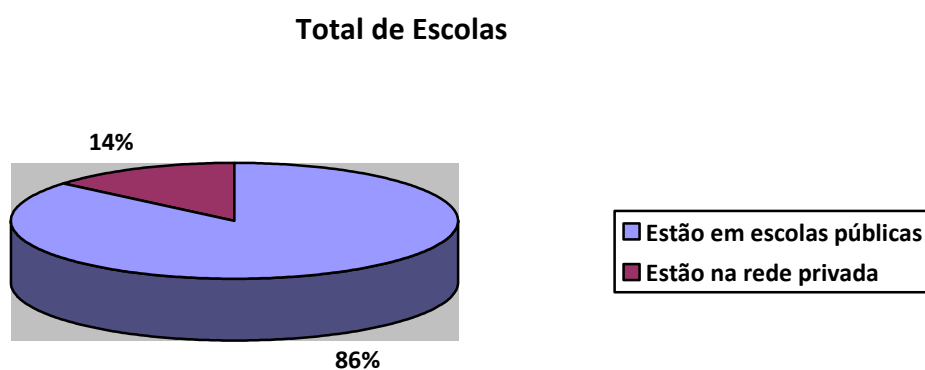


Figura 2: Escolas Públicas e Privadas brasileiras
Fonte: INEP

Notamos que é fundamental nutrir as bibliotecas públicas, haja vista que a maior parte da população educacional brasileira está representada neste quadro. É preciso que ocorra um investimento anual em proveito da disposição dos acervos literários, pois, como argumenta Maciel (2008), para uma biblioteca ser qualitativa é preciso:

[...] Alimentá-la frequentemente, nutri-la com obras significativas, tanto nacionais quanto estrangeiras, exercer um controle de qualidade na aquisição desses livros, possibilitar que o estudante tenha sempre ao seu alcance um universo de opções que possa ser lido. Compreendido e assimilado, tudo isso representa, em verdade, recriar um país, redescobrir suas potencialidades (MACIEL, 2008, p.18).

As palavras de Maciel (2008) contribuem para o esclarecimento da necessidade em alimentar as bibliotecas públicas e, de modo indubitável, o PNBE é um dos programas que mais abastecem essas prateleiras. Contudo, ainda há muito por fazer e esse programa precisa ser repensado e valorizado, com o propósito de desencadear práticas de leitura literária significativa e atingir as escolas que não utilizam os acervos.

Assim, para formar um leitor de maneira democrática, é preciso que as instituições contem com estratégias confiáveis de avaliação, compra e distribuição. Logo, é de vital importância que nos trabalhos relacionados às políticas públicas de

leitura sejam estudados os critérios levados em consideração pelas instâncias governamentais na seleção de obras literárias, a fim de compreendermos quais critérios são utilizados pelos especialistas da área para a composição de um acervo literário qualitativo.

1.4 Critérios de seleção do PNBE/2009

Se eu pudesse mexer nos currículos de educação dedicaria metade do tempo à literatura.

(ALVES, 2008, p.122)

No âmbito das políticas públicas educacionais, as avaliações são preocupações constantes para os governantes, por isso, espera-se das equipes que integram este processo comprometimento e seriedade, porque suas escolhas são responsáveis pelos materiais entregues às instituições públicas que auxiliam milhares de alunos no processo ensino/aprendizagem.

No que se refere ao PNBE, a responsabilidade pelo processo de seleção (atualmente) é do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da CEALE - FAE¹², que vem colaborando com a avaliação dos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola desde o ano de 2006¹³, e torna-se responsável pela convocação de profissionais qualificados para a seleção das obras. Desde que esta parceria foi firmada (CEALE e PNBE), houve uma preocupação em romper com a hegemonia constante do eixo Rio - São Paulo, visto que uma das problemáticas encontradas é a repetição de editoras contempladas e de alguns autores, contribuindo com a formação de um cânone literário infantil, ou seja, a inserção repetida (e muitas vezes desnecessárias) de alguns em contraste da ausência de outros autores.

A esse respeito, frisamos a pesquisa pioneira de Fernandes (2007), que averiguou em seu estudo sobre o PNBE a invariável predominância da região Sudeste do país, tanto nas editoras, quanto nos autores contemplados. Esse resultado foi

¹² O Ceale foi instituído em 1990 com o objetivo de promover pesquisas e ações educacionais na área de alfabetização e do ensino de Português.

¹³ A respeito das primeiras equipes responsáveis pela composição do acervo do PNBE, ver: FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007, p.62-78; referente ao ano de 2005 ver: ANDRADE, Ludmila; CORSINO, Patrícia. Critérios para a construção de um acervo literário para as séries iniciais do ensino fundamental: o instrumento de avaliação do PNBE 2005. In: PAIVA, Aparecida (et al). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.79-91.

confirmado com o recente trabalho *Literatura Infante Juvenil e Políticas Públicas de Leitura*, um estudo do Projeto Literatura em Minha Casa, de sua orientanda Flávia Ferreira de Paula (2010) defendido no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Destacamos que as referidas estudiosas tiveram, como objeto de estudo, acervos e editais anteriores a inserção do Ceale como órgão responsável pela seleção dos acervos destinados às escolas públicas.

A título de esclarecimento, realizamos um mapeamento acerca das editoras beneficiadas por meio das compras governamentais realizadas em 2009, que constata que o sudeste continua na liderança das editoras contempladas, como comprova o gráfico abaixo:

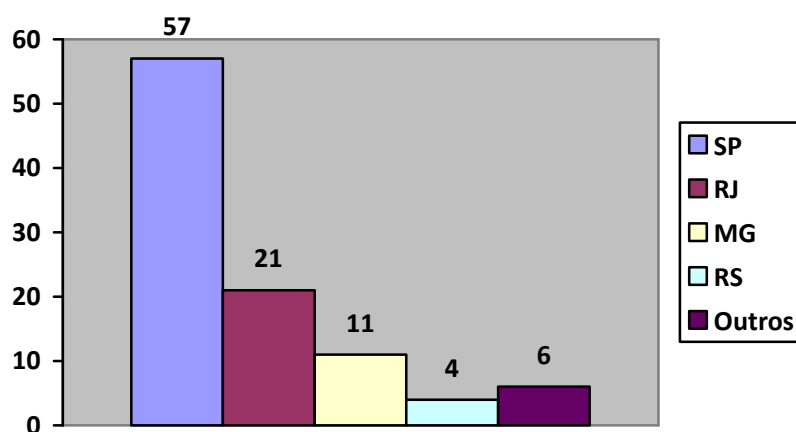


Figura 3: Editoras beneficiadas – PNBE/2009

Ao lado disso, buscamos alinhar análises acerca do acervo e do edital do PNBE/2009. Com relação à seleção do acervo, por meio de dados a nós confiados pelo próprio Ceale¹⁴, tivemos a notícia de que cerca de 100 avaliadores, distribuídos entre diferentes estados brasileiros - Rio Grande do Sul; Mato Grosso; Pará; São Paulo; Rio de Janeiro; Espírito Santo; Santa Catarina; Minas Gerais; Ceará; Rio Grande do Norte; Paraíba; Distrito Federal e Paraná participaram da avaliação. Desse modo, as obras selecionadas passaram por um processo criterioso de seleção antes de chegarem às escolas, com base nos critérios presentes no edital.

Para compreendermos esses critérios, analisamos o edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa

¹⁴ Fonte: base de dados do PNBE 2006/2011 – Centro de Documentação do CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG.

Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2009¹⁵ (Anexo I), datado em vinte de maio de dois mil e oito e assinado pelo presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, Daniel Silva Balaban e a secretária de Educação Básica Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva. Aqui, tentamos esmiuçar os critérios adotados para seleção do acervo, por meio do edital lançado pelo Ministério da Educação, por intermédio da SEB e do FNDE.

No referido ano, o programa encaminhou verbas para as compras de livros que foram destinados às escolas que oferecessem as séries/anos finais de Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio das redes: municipal, estadual, federal e do Distrito Federal, bem como nas escolas de educação especial públicas, comunitárias e filantrópicas, constantes no censo escolar, que prestassem atendimento aos alunos com necessidades especiais.

O edital determinou as regras para inscrição das obras de literatura e incorporou dois anexos. No primeiro anexo “Triagem/Critérios de Exclusão” ficou explicitado que seriam excluídas obras que não estivessem claramente identificadas com título, autoria, editora, ficha catalográfica e número do ISBN. Ao termos contato com as 300 obras (Ensino Fundamental) distribuídas às escolas públicas brasileiras, foi possível verificarmos que todo o acervo está de acordo com as exigências especificadas em edital. Também foi critério de exclusão a estada de obras selecionadas e adquiridas na edição de 2006 e 2008 do PNBE para o Ensino Médio.

O item 1.1.3 dos critérios de exclusão evidenciou que não seriam selecionadas obras editadas em mais de um volume ou coleção. Entretanto, há no acervo selecionado alguns títulos que nos deixaram em dúvidas. Sublinhamos as seguintes obras: *Bárbara e Alvarenga*, *Chica e João* e *Dirceu e Marília*, todas de autoria de Nelson Alves da Cruz e editados pela Cosac & Naify Edições Ltda. Observamos que as três narrativas retratam um período da história brasileira, a Inconfidência Mineira. Outro exemplo, *Histórias dos Jawi, um povo da Tailândia*, *Histórias dos Maori, um povo da Oceania* e *Histórias dos Sugpiaq, um povo do Alasca*, todas de autoria de Claire Merleau-Ponty, publicadas pela Comboio de Corda Editora Ltda. Nessas obras, as narrativas se assemelham no quesito de retomarem lendas e costumes dos referidos povos, além de serem do mesmo autor.

¹⁵ O presente documento encontra-se disponível no site: < www.fnde.gov.br >. Acesso em 23 de janeiro de 2011.

Desse modo, a leitura do edital nos permitiu questionar se esses critérios são realmente suficientes para exclusão de obras que irão compor acervos que envolvem tantos alunos, editoras, verbas, autores e escolas. Parece que não. No entanto, antes de um balanço entre os acertos e desacertos, coube uma atenção especial aos critérios de seleção que se encontram no Anexo II do edital.

Nomeado como “Critérios de avaliação e seleção”, o edital afirmou que os acervos seriam compostos por obras de diferentes gêneros literários, com o propósito de propiciar ao aluno/leitor um panorama da literatura brasileira e estrangeira. Os critérios se dividiram em três eixos específicos: qualidade do texto; adequação temática e projeto gráfico.

Segundo o edital, a qualidade do texto literário está vinculada às possibilidades de ampliar o repertório cultural, propiciando a fruição estética, que dialoga com os PCN`s (BRASIL, 1997). Com isso, apresenta a preocupação em selecionar gêneros literários que favorecessem a “uma experiência múltipla no âmbito da literatura”. O edital preveu:

no caso dos textos em prosa, serão avaliadas a coerência e a consistência da narrativa, a ambientação, a construção e a caracterização das personagens, a adequação do discurso das personagens as variáveis de natureza situacional e dialetal bem como o cuidado com a correção. No caso dos textos em verso, será observada a adequação da linguagem ao público a que se destina, tendo em vista os diferentes princípios que, historicamente, vêm orientando a produção e a recepção literária. Para todas as categorias, os textos deverão ser eticamente adequados, evitando-se preconceitos, moralismos, estereótipos (BRASIL, 2009, p.13).

Quanto à adequação temática, foi solicitado que as obras contemplassem diferentes contextos sociais, culturais e históricos, o que de fato aconteceu, por meio de títulos e autores diversificados, tanto nacionais quanto estrangeiros, e, ainda “não serão selecionadas obras que apresentem didatismo, moralismos, preconceitos, estereótipos ou discriminação de qualquer ordem” (BRASIL, 2009, p.14). De modo evidente, tais restrições foram lançadas pelo fato de a literatura infantil ter nascido em meio a ideologias o que deixou resquícios impregnados em sua atividade até os dias atuais¹⁶.

E, por fim, o projeto gráfico foi avaliado nos seguintes aspectos: apresentação da capa apropriada ao projeto estético-literário da obra; uso de fonte e espaçamentos adequados à leitura; distribuição equilibrada de texto e imagens; ilustrações se houver,

¹⁶ A esse respeito, ver capítulo 2.

artisticamente elaboradas; uso de papel e cola (se for o caso) que favoreçam a boa leitura e que resistam ao manuseio por muitos leitores. O edital previu, ainda, que constasse em cada obra uma biografia do autor, com o objetivo de contextualizar o leitor acerca do referido escritor.

Na tentativa de trazer para o texto os critérios norteadores de exclusão e seleção das obras que compõem o acervo literário do PNBE/2009, chegamos à compreensão de que acertos e desacertos permeiam as compras governamentais que nutrem as bibliotecas escolares, por isso a relevância em serem analisados anualmente, por diferentes olhares.

Observamos entre os desacertos, que seria válido o ilustrador, assim como o autor, ter sua biografia contextualizada. Essa questão é levantada, pois em algumas obras encontram-se ambos referenciados, uma maneira de valorizar o trabalho. Além disso, remeter a outros títulos, que podem propiciar ao leitor *curioso* novas possibilidades de leituras.

Também consideramos como uma falha, que precisa ser pensada, a voz do leitor em potencial a ser escutada, visto que o edital assegura que as obras são selecionadas de acordo com o público alvo. No entanto, este público tem seus gostos e escolhas silenciados. Ao certo, entendemos a necessidade em propiciar o contato com obras clássicas e diversificadas (como previsto em edital) a fim de promover o “panorama” da literatura brasileira e estrangeira, mas isto não anula a possibilidade de “ouvir” o aluno/leitor.

Em contrapartida, acertos permearam toda a seleção. O projeto gráfico é qualitativo, as obras ilustradas possuem figuras amplas e coloridas. Houve, também, um cuidado especial com a escrita, espaçamento, capitular, papel que facilita a leitura. Os livros comprados pelo governo são exatamente os mesmos que se encontram nas livrarias para venda, haja vista que no início do programa eles não possuíam a mesma qualidade gráfica e editorial, como por exemplo, os acervos referentes ao projeto Literatura em Minha Casa.

Não pode passar despercebida a seleção de autores contemplados no PNBE versão 2009, Não analisamos cada um, mas sim os que integram nosso *corpus* de trabalho, o que nos levou ao resultado de que todos são premiados, o que contribui para a afirmativa de um acervo qualitativo, no entanto, acena para a confirmação do cânone literário infantojuvenil, pois os ilustres desconhecidos continuam longe dos bancos escolares. Contudo, é de grande relevância à diversidade, é válido mencionar a

pluralidade de temas e gêneros¹⁷, que proporcionam ao leitor e ao professor uma gama de opções para serem trabalhadas dentro e fora do contexto escolar.

Em vista disso, o próximo subitem que integra o segundo capítulo deste trabalho tem como propósito estabelecer algumas considerações sobre a origem da literatura infantil brasileira. Destacando seus expoentes e, ainda, confrontaremos por meio de acurações teóricas críticas, acerca do rompimento didático moralizante com a inserção de Monteiro Lobato, considerado o escritor que avançou com a escrita destinada aos pequenos leitores das amarras pedagógicas e moralizantes.

¹⁷ A esse respeito ver PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. (Orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. P.07-20.

**Literatura Infantojuvenil
e
representação**

2.1 Percurso e percalços da Literatura Infantil Brasileira

Os textos que no início do século traziam o rótulo de “Literatura Infantil” eram sisudos e exemplares, o que faz do criador da irreverente Emília o reintrodutor do riso como arma crítica, nos livros destinados a crianças.

(SANDRONI, 2011, p.67)

A literatura infantil brasileira, mesmo com uma trajetória consolidada, ainda é motivo de muitas discussões, seja no mercado editorial, ou nos programas de graduação e pós-graduação em Literatura e Educação e, principalmente, na produção crítica que ajuda aquecer debates acerca de sua existência que há tempos saiu do anonimato, tendo um crescimento veloz mediado pelas políticas públicas.

Efetivamente, para Nelly Novaes Coelho (1984, s/p), “literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. Entretanto, a discussão em torno do adjetivo “infantil” justifica-se por conta de um surgimento conturbado e marcado por intenções políticas. De tal modo, é possível assegurar que as mazelas atribuídas a sua formação em território brasileiro deixaram resquícios, o que compromete ainda hoje sua estada no âmbito escolar e cultural.

Esta discussão é energizada por meio de um trabalho singular escrito a quatro mãos, intitulado *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (LAJOLO; ZILBERMAN, 1986), em que as autoras registram informações de extrema relevância para a historiografia da literatura infantil brasileira, como bem anunciada no título da obra:

Ela não teve origem popular, nem aparecimento espontâneo: seu surgimento foi induzido, patrocinado pelos autores que escreveram livros para crianças no período de transição entre os séculos XIX e XX. Desde então, [...] as editoras começaram a prestigiar o gênero, motivando seu aumento vegetativo ao longo dos anos 20 e 30, bem como a adesão progressiva de alguns escritores da nova e atuante geração modernista [...] o regime ofereceu aos escritores para as crianças temas e posicionamentos que asseguraram suas incursões na rede escolar que, ampliada, retribuiu com um contingente maior de leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1986, p.61-62).

As estudiosas asseveram que os primeiros textos escritos neste chão cultural foram encomendados com o propósito de difundir a imagem de um país moderno, que se encontrava em desenvolvimento. Era o final do século XIX, o Brasil estava em

processo de transição de regime político. A República, adotada a partir de 1889, substituía a monarquia após o longo reinado de D. Pedro II, imperador desde 1840. Nesse período, o que circulava sob a rubrica de infantil eram textos adaptados e/ou traduzidos do continente europeu.

Por conseguinte, temos notícias de que os primeiros livros “apropriados” ao público menor de idade nasceram na Europa¹⁸. Estes textos eram procedentes da tradição popular, tendo suas histórias recontadas até os dias atuais no formato dos contos de fadas, dos quais, elencamos: *João e Maria*, *A Bela e a Fera*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* etc. Narrativas orais que eram contadas por e para adultos, até que homens como Charles Perrault (1628-1703), na França, e Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, na Alemanha, as transcreveram com o propósito de ter as crianças como público alvo¹⁹.

Com um século de atraso, começa a nascer em terras brasileiras os primeiros textos infantis: “as primeiras obras publicadas visando o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1984, p.15). Seus principais escritores foram: Figueiredo Pimentel, Francisca Julia, Julia Lopes de Almeida, Olavo Bilac e Viriato Correia, considerados expoentes da literatura infantil brasileira.

Os livros escritos por esses autores contribuíam para disseminar valores e crenças, haja vista que a literatura infantil sempre foi uma forte aliada da escola, que era e ainda é o melhor lugar para a disseminação dos valores da classe dominante entre as classes subalternas.

Em consonância, no prefácio da obra *Poesias Infantis* (1924)²⁰, o poeta parnasiano Olavo Bilac deixa registrado seu posicionamento mediante a solicitação que a ele fora feita, tendo como pretensão a escrita de livros infantis:

Quando a casa Alves & C^a me incumbiu de preparar este livro para uso das aulas de instrução primária, não deixei de pensar, com receios, nas dificuldades grandes do trabalho. Era preciso fazer qualquer coisa simples, acessível à inteligência das crianças; e quem vive e escreve, vencendo dificuldades de forma, fica viciado pelo hábito de fazer

¹⁸ Para saber mais acerca da gênese da literatura infantil, ver: SALEN, Nazira. *História da literatura infantil*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

¹⁹ A esse respeito ver: COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas: símbolos mitos arquétipos* São Paulo: DCL, 2003; e, GUEDES, Maria Helena Touro Beluque. *As tramas dos contos de fadas na formação de sujeitos-leitores: (re) construindo sentidos em A Bela Adormecida e A Moça Tecelã*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras – UFGD, 2011.

²⁰ Disponível no site:< <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/Textos.htm>>. Acesso em: 19 de março de 2011.

estilo. Como perder o escritor a feição que já adquiriu, e as suas complicadas construções de frase, e o seu arsenal de vocábulos peregrinos, para se colocar ao alcance da inteligência infantil? (BILAC, 1924, s/p).

Pela leitura acima observamos que Bilac escrevia para adultos, o que lhe gerou preocupações ao se deparar com um novo público: o infantil. Dessa forma, o resultado foi a construção de um livro obstante do universo literário:

O livro aqui está. É um livro em que não há animais que falam, nem fadas que protegem ou perseguem crianças, nem as feiticeiras que entram pelos buracos das fechaduras; há aqui descrições da natureza, cenas de família, hinos ao trabalho, à fé, ao dever; alusões ligeiras à história da pátria, pequenos contos em que a bondade é louvada e premiada (BILAC, 1924, s/p).

Com efeito, a obra produzida por Olavo Bilac acabou por parecer um manual de ensino e de “boa” conduta, recheada com os preceitos acerca da moral, do civismo, da intelectualidade e religiosidade. A esse respeito, Marisa Lajolo (1982) delonga inúmeras páginas em sua tese *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*, validando que:

temas que conotam a harmonia social, que dão lustro e polimento a uma vida sem nódoas [...] inventariando as qualidades que julga haver em seu livro, numa concepção empobrecedora do universo mágico infantil”. Com isso, destacamos que a leitura prazerosa, lúdica e inventiva não ganhou espaço na criação bilaciana (LAJOLO, 1982, p.58).

Diante dessa precariedade no cenário literário infantil, surge na década de 1920, Monteiro Lobato²¹ que, ao resgatar a fantasia em suas histórias, engaveta o que até então circulava em formato de livros endereçados as crianças. Sua presença é de tamanha relevância que, a partir de então, passa a servir de referência para os novos escritores, apresentados hoje como herdeiros do *Sítio do Pica Pau Amarelo*²².

Com uma escrita peculiar, Lobato cria um universo capaz de romper “com o círculo da dependência dos padrões literários provindos da Europa” (FERREIRA, 2008, p. 427) o que lhe concede o título de pai da literatura infantil brasileira. Transformando

²¹ Sobre Monteiro Lobato ver: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP, 2008.

²² Acerca dos “herdeiros do Sítio do Pica Pau Amarelo” ver: ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

esse campo até então pantanoso em um lugar frutífero tendo como proposta “educar seus leitores para o direito da liberdade e questionarem o que lhes era dado” (VIEIRA, 1999, p.48).

A estudiosa lobatiana Adriana Silene Vieira (1999) retoma no artigo *O livro e a leitura nos textos de Lobato* fragmentos da correspondência enviada a Godofredo Rangel compiladas no volume *A barca de Gleyre*, para demonstrar a preocupação que o autor tinha com a formação dos próprios filhos diante dos textos que circulavam no período, ao referir a literatura infantil como “pobre e besta”. Diante disso, a proposta de Lobato era a de romper com a tradição de textos didáticos ou de formação moral e cívica para crianças, “seu projeto era outro: queria justamente educar seus leitores para exercerem o direito da liberdade e questionarem o que lhes era dado” (VIEIRA, 1999, p.48).

O criador da (nova) literatura infantojuvenil brasileira teve êxito em sua produção. Após seu surgimento, a escrita didática e moralizante deixou de ser vista com bons olhos. No entanto, resquícios de sua permanência em nossa história de leitura perpassaram o ensino até os dias atuais. Para muitos, a função da literatura infantil continua sendo a de ensinar. Assim, sua permanência dentre os muros acadêmicos é dividida em dois sistemas: o literário e o educacional, “no sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar” (CADERMATORI, 2010, p.5).

Convém ressaltarmos que, muitas vezes, ocorre uma apropriação equivocada da literatura destinada aos menores de idade, tornando-a limitada e com prazo de validade, o que levou o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade a questionar sua existência ao retorquir se haverá nas outras esferas da arte tal distinção:

O gênero "literatura infantil" tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de construir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? (ANDRADE, 1944, s/p).

Todavia, a ideia de não haver uma literatura específica para criança, e sim uma que seja de seu interesse, já foi motivo de muitas discussões entre especialistas do

assunto²³. Em vista disso, as considerações acuradas pela estudiosa Ligia Cadermatori (2010, p.16-17) nos levam ao entendimento que:

A literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor. A idade deles, em suas diferentes faixas etárias, é levada em conta. Os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou. Assim, o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são selecionados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos, ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas. Um texto redundante, que só articula o que já é sabido e experimentado, pouco tem a oferecer [...] As obras infantis que respeitam seu público são aquelas cujos textos têm potencial para permitir ao leitor infantil possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que lê. A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor, em livros usados como transporte de intenções diversas, entre elas o que se passou a chamar de “politicamente correto”, a nova face do interesse pedagógico, que quer se sobrepor ao literário.

Compactuando dessa reflexão, elucidamos para a compreensão de que a literatura infantil é um terreno fértil, com possibilidade de diferentes estudos, ao abarcar contextos sociais, políticos e educacionais. Esta, como toda arte, é um meio de fruição capaz de suscitar reflexões a seus apreciadores. Além disso, “só porque o texto se destina a leitores supostamente “inocentes” não basta que ele seja em si mesmo inocente” (HUNT, 2010, p.37).

Por isso, nos cabe aclamar pela sua presença na sociedade, a começar pelos bancos escolares, tão carentes de fabulação. Nessa perspectiva, no próximo subitem, discutiremos o valor em ofertar textos literários desvinculados da obrigatoriedade no processo da construção de novos leitores.

²³ A esse respeito consultar os livros: MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1979 ; ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

2. 2 Literatura e ensino: em prol da formação de novos leitores

E, no entanto, eu me daria por feliz se as nossas escolas ensinassem uma única coisa: o prazer de ler! (ALVES, 2004, p.13).

Saber ler e escrever em uma sociedade grafocêntrica como a nossa é de vital importância, já que sinais gráficos circunscrevem toda a nossa volta. Todavia, “o prazer de ler”, mencionado por Rubem Alves na epígrafe, extrapola com a decodificação de códigos e alça voos entre os textos literários, fazendo coro com a discussão travada neste texto por nós e pelos estudiosos aqui lembrados que sublinham a relevância da literatura no contexto escolar.

A partir de então, Fernandes (2011, p.328) discorre que é de fundamental importância a estada da literatura dentre os muros escolares, por tratar-se de “um direito inalienável, possibilitando ao leitor do texto literário conhecer diferentes mundos e culturas; apresentar uma existência melhor [...] compreender a si mesmo e transformar-se”. Diante disso, validamos que a literatura na escola, além de contribuir para um conhecimento maior acerca da esfera artística, pode renovar os olhares com que se enxergam a delicada fita que entrelaça literatura e sociedade, como diria Lajolo: “além do texto, aquém da vida” (1999, p.65).

Em sintonia, a pesquisadora Lajolo (2005) alerta que para a leitura poder exercer seu papel na vida dos alunos, a escola não pode ter como padrão uma leitura mecânica e desestimulante, ao contrário, pode e precisa tornar seus alunos capazes de uma leitura abrangente, crítica e inventiva. Somente assim, os livros farão sentido na vida deles e, dessa forma, a escola estará efetivamente a ensinar seus alunos usarem leituras e livros para viverem melhores.

De tal modo, o trabalho com a leitura precisa ser ativo e contínuo, mediado por leitores vorazes e eloquentes. A esse respeito, Ana Maria Machado (2011, p.24) enfatiza que,

[...] se não veem os professores lendo, se jamais os ouvem comentando um livro com empolgação, recomendando uma leitura, ou criticando um texto com conhecimento de causa, registram o inevitável: que todas aquelas palavras eventuais sobre leitura são falsas e vazias. Puro blá-blá-blá.

A problemática levantada pela escritora brasileira é de suma relevância, pois infelizmente muitos de nossos professores não são conhecedores de obras literárias e em

muitos casos não veem na literatura a concepção horaciana de arte, que deveria ser ao mesmo tempo “útil” e “bela” o que dificulta a construção de seus alunos enquanto leitores literários, o que ganha amplitude por ser “o principal responsável para mediar a relação entre o leitor aprendiz e o livro no contexto escolar” (FERNANDES, 2011, p.329).

Com essa preocupação, cabe ao professor apresentar aos alunos diferentes obras literárias, livres das amarras didáticas, por meio de práticas diversificadas que podem ser adotadas em suas aulas, tais como: roda de leituras; debates; leituras dramatizadas; analogias entre textos literários e outras esferas artísticas; leituras silenciosas; leituras coletivas, entre outras. Entretanto, para que obtenha sucesso na iniciação da formação literária dos alunos, é primordial que as atividades aconteçam em horário “nobre”, isto é, em momentos que os alunos estejam concentrados nas atividades sem expectativas de ouvirem o sinal tocar. A hora destinada à leitura poderá ser antecipada de uma apresentação envolvente e, seguida de discussões reflexivas.

Para tanto, Egon Rangel (2003) examina as dificuldades das escolas brasileiras ao lidarem com o ensino de literatura, e constata que a cada dia sua estada no contexto escolar nos anos iniciais vem sendo abalada, o que compromete o contato do leitor em formação com textos literários.

A literatura há tempos não integra a estrutura curricular do Ensino Fundamental enquanto disciplina, tendo sua permanência dividida com a Língua Portuguesa, ao ocupar, por meio de textos fragmentados, apenas algumas páginas do livro didático da referida disciplina, além de ser tantas vezes utilizada como pretexto para ensinar gramática. Desse modo, a leitura de fruição é posta a prova. Sua imagem como algo instigante é necessária para a formação intelectual e espiritual, por ir ao encontro de tantos conflitos humanos, tais como: dor, morte, amor, ódio, traição, rivalidade, justiça.

Infelizmente, a problemática do ensino de literatura continua no Ensino Médio. Apesar de ter presença garantida entre as disciplinas, a questão ganha amplitude no método como tem sido trabalhada. Rildo Cosson (2006) trata de alguns pontos cruciais que vêm comprometendo o despertar do gosto pela literatura, ao explicitar que:

O ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, [...] quase como apenas uma cronologia literária, em sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos de autores (COSSON, 2006, p.21).

Somado a isso, quando textos literários são abarcados se restringem as listas dos vestibulares, que em quase nada favorece o processo de aquisição do gosto pela leitura literária, por serem obrigatórias, de interesses momentâneos e de períodos de tensões na realidade dos jovens.

O problema não fixa limites em território brasileiro, visto que, por meio de entrevista concedida a Revista Bravo²⁴, o historiador búlgaro Tzvetan Todorov incita para a compreensão de que “o excesso de ‘ismos’ afasta os jovens da leitura, e diz que a principal função de um professor é ensinar o aluno a amar os livros” (MELLO; NIGRI, 2010, s/p), pois “as crianças não têm ideia da riqueza que podem encontrar num livro porque ninguém mostrou a elas” (MELLO; NIGRI, 2010, s/p).

O autor tem sua discussão aprofundada no livro *A literatura em Perigo* (2010), em que deslinda caminhos a respeito do ensino de literatura nas escolas, constatando que o problema não está na ausência de poetas e ficcionistas, mas sim na forma em que se tem oferecido a literatura aos alunos: “o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária” (TODOROV, 2010, p. 10).

As ponderações tecidas por Todorov fazem coro com a realidade de diferentes alunos, no que diz respeito à didática estabelecida em sala de aula. Esta visa o ensino de literatura baseada em teorias, contextos e dados históricos, mostrando-a de uma face pouco interessante, instigante e envolvente.

Para tanto, Cosson examina atentamente que:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmo e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. [...] É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel

²⁴ MELLO, Anna Carolina; NIGRI, André. Literatura não é teoria, é paixão. Entrevista com Tzvetan Todorov. In: *Literatura*. Revista Bravo, 2010, s/p.

humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização (COSSON, 2006, p.17).

Para que todos tenham direito à literatura, Cosson (2006) reconhece a necessidade de sua permanência nas escolas, ocupando um papel que extrapole o espaço de uma ementa tantas vezes equivocada. Devem-se promover metodologias que motivam o interesse do estudante pela disciplina, onde literatura mostre história, sociedade e cultura de forma a motiva-los ao raciocínio crítico do porque dos fatos que os rodeiam.

Consoante a Todorov (2010), acreditamos que é preciso ensinar a amar os livros antes de tudo. Para isso, *Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's* (BRASIL, 1997) garantem que é a literatura a responsável por permitir que haja a fruição estética e que esta seja vista como meio de acesso a conhecimentos, e da consolidação dos direitos dos alunos.

Sendo assim, é essencial que os professores tenham em mente que o ensino de literatura não se restringe a épocas, estilos, características de escolas literárias, como já discorrido, e sim priorizam a formação do leitor literário, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito. Cabe valer-se do ensino de literatura para ampliar visão de mundo, liberdade de expressão e satisfação de ser o que é e a busca dos objetivos almejados, levando em conta suas singularidades, em vista disso Candido (2004, p.8) legitima a função humanizadora da literatura:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.

Para tanto, essa humanização não é gratuita. Precisamos ter claro que a leitura literária: “como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação” (AZEVEDO, 2004, p.38). Concomitante a Azevedo, Cosson (2006, p.23) explicita em seu texto que “a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. [...] Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto”, e sim, “organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar” (COSSON, 2006, p.23).

Podemos dizer que, pelo fato de a leitura literária ir além da simples decodificação, torna-se fundamental no processo educativo, pelo que pode inferir na personalidade humana, nos remete a ser e ter consciência da realidade que o cerca. Pela retina do professor e pesquisador Cosson (2006, p.30-39), a leitura literária é em:

a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas por que possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem [...] Ler é bem mais que seguir uma linha de letras e palavras. Também não se restringe a uma decodificação, nem depende apenas do texto [...] ler depende mais do leitor do que do texto [...] ao privilegiar o leitor no processo da leitura [...] o sentido atribuído ao texto não é um gesto arbitrário, mas sim uma construção social.

Dentre as concepções que acarretam a prática da leitura, ganha destaque “aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas” (COSSON, 2006, p.40). Tais transformações podem ser iniciadas por meio da literatura e seguir na vida do leitor literário, ao tratar de assuntos peculiares à humanidade. Assim, possibilita o real entendimento de fatos e contextos sociais, políticos e culturais no decorrer da história.

Como vemos, os estudiosos elencados nesta discussão acuram por meio de reflexões teóricas a importância da literatura no contexto escolar. Em suma, a literatura é o caminho com maior probabilidade para alcançar resultados satisfatórios e profícuos na construção do leitor, por extrapolar com a mera decodificação de códigos ao alcançar voos por meio de experiências literárias, que colaboraram, assim, de maneira singular com a formação do leitor durante toda sua jornada. Apesar disso, ainda acontecem equívocos ao acatar a literatura no âmbito escolar que nada favorecem na formação do jovem leitor.

Com efeito, desprendemos no próximo subitem a respeito do conceito de representação, de grande relevância em nosso trabalho, uma vez que, por meio das *representações* de leitura, teceremos um diálogo entre os leitores de carne e osso com os de papel e tinta.

2.3 Conceito de representação: algumas considerações

Para o ser humano, o mundo nunca pode ser apresentado, ele sempre tem que ser representado

(Ruiz, 2003, p. 59)

Para as reflexões deste subitem, destacamos inicialmente o trabalho de Antoine Compagnon em *O Demônio da teoria: literatura e senso comum* (2003), mais precisamente, o capítulo intitulado “O mundo”. Ao delinear uma releitura da *mimèsis*, confronta a concepção clássica com a contemporânea, conforme ele mesmo anuncia, partindo de dois clichês adversários, o antigo (Aristóteles) e o moderno (Auerbach). O autor valida que “a *mimèsis* seria a representação de ações humanas pela linguagem, ou é a isso que Aristóteles a reduz, e o que lhe interessa é o arranjo narrativo dos fatos em história” (COMPAGNON, 2003, p.102).

Todavia, a problemática da representatividade não se encerra junto as possíveis compreensões do termo *mimèsis*, que, de acordo com Compagnon, foi gerada a partir da *Poética* de Aristóteles, mas caminha entre outras percepções. De fato, sua importância entre nosso estudo partilha do entendimento da professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè (2005, p.21): “a pesquisa não comunga de nenhuma noção ingênua da mimese literária – que a literatura deve servir como “espelho da realidade”, deve ser o retrato fiel do mundo circundante ou algo semelhante”. A questão sugere que “reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de *identidades*, ainda que elas sejam múltiplas” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14).

Daí a necessidade em articular a identidade dos leitores de papel e tinta com os de carne e osso, por acreditar que a interação entre o ficcional e o real seja uma maneira de inaugurarmos novas práticas de leituras e leitores, visto que, nas páginas da literatura, direcionada ao público menor de idade, encontram-se representações significativas e inovadoras vivenciadas por leitores que ganham vida sempre que os livros são abertos e as páginas manuseadas.

Falar de identidade cultural, conforme nos aponta Stuart Hall (2011), implica pensar na questão de como esse sujeito é representado, formando um todo, no caso, o sujeito leitor. Diante disso,

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da

representação. (...) Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural* (HALL, 2011, p.49, grifos nossos).

Esse sistema de representação cultural, tal como nos aponta Hall (2011), corresponde a como o sujeito é identificado segundo o lugar que ocupa no território. Espera-se que ao ter contato com essas representações, o leitor possa repensar sobre peculiaridades humanas, e assim, sua leitura seja comparada à vida, que passa por diversas etapas com o propósito de crescimento e amadurecimento, e no âmbito da leitura isso não é diferente. Com a ruptura de obstáculos e a conquista de novos desafios, o leitor tende a se tornar crítico e inventivo, sendo capaz de articular o seu eu mais profundo com a comunidade onde ele se insere. Por isso, a importância em semear leituras que representem a vida, pois de fato, não há neutralidade nas construções que descrevem as ações humanas. Assim, abarcar o conceito de representação tem tanto merecimento como “as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p.17).

Não cabe a este trabalho proclamar a literatura acima de outros meios de representação da esfera artística, mas sim, apresentá-la como um instrumento significativo no cerne das discussões acerca das representações. Há a ciência de que a problemática não é exclusiva do território literário, mas rompe com as fronteiras do saber ao fazer moradia também em outros *locus*. Nesse sentido, para discussão a respeito do termo, as ponderações que aqui são feitas encontram-se no livro *A História Cultural: entre práticas e representações*, do historiador Roger Chartier (1988), e retomadas posteriormente em *À beira da falésia* (2002, p.74), elucidando que:

[...] as entradas da palavra “representação” atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: de um lado, a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou uma pessoa.

Na primeira acepção, o conceito de representação “sustenta toda a teoria do signo do pensamento clássico, elaborada em sua maior complexidade pelos lógicos de Port-Royal” (CHARTIER, 2002, p.74). Assim, podemos pensar na placa de trânsito que contem a letra E, dentro de um círculo de borda vermelha. Ela tem por objetivo simbolizar que, na área em que se encontra, é permitido estacionar. A placa, desse

modo, é a representação do estacionamento regulamentado. Esse referente, contudo, não tem ligação imediata com a placa. Todavia, as atribuições feitas ao signo a todos que possuem habilitação é o que leva o motorista a compreender tal permissão.



Figura 4: Placa de Sinalização Permitido estacionar

No segundo sentido, “a representação é a exibição de uma presença”, é possível elucidarmos reflexões, por exemplo, por meio de uma fotografia:



Figura 5: Crianças e livro²⁵

A figura elucida três meninos, sentados lado a lado, tendo como interesse o livro aberto nas mãos do integrante que está ao meio. Ao certo, no momento em que se tem contato com a fotografia, mesmo sendo uma cópia do instante em que foi registrado, o que acontece é uma representação por meio de um objeto que remete à cena.

²⁵ Disponível em: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1920&bih=887&gbv=2&tbm=isch&sa=1&q=crian%C3%A7as+lendo&oq=crian%C3%A7as+lendo&aq=f&aqi=&aql=&gs_sm=e&gs_upl=14451114451101154031111010101713171316-11110. Acesso em 15 de março de 2011.

Compreendemos que representar significa tornar presente. Nesse entender, é compreensível que a literatura enquanto uma representação simbólica, por meio da escrita, reinaugura em suas páginas conceitos, problemas e vivências possíveis dos seres humanos. É importante observar que o conceito de representação está ligado fortemente com as diferenciações culturais, pois de fato, tanto possibilita o resolver, quanto inaugurar novos conflitos, visto que,

as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988, p.17).

Nesse horizonte, Dalcastagnè (2005) trabalha com a ideia de que para um leitor abrir as páginas de um romance, ele busca conexão com “outras experiências de vida”, indiferente se encontrará situações capazes de serem vividas por ele ou pela curiosidade em percorrer terras alheias, corpos distintos, amores proibidos.

Assim, a proposta para o próximo capítulo é a de analisar as representações de leitura por meio do *corpus* selecionado, pois

se, por um lado, essa escolha da *leitura* como matéria de ficção poderia estar ligada à tradição pedagogizante do gênero infanto-juvenil, constata-se, por outro lado, que no *modo de representar* há, via de regra, a superação de propósitos meramente utilitários (CECCANTINI, 2008, p.81).

**Representações de Leitura na
literatura infantojuvenil**

3.1 Histórias de leituras que as narrativas nos contam

[...] Mas, com toda certeza, é por causa dos avôs e dos pais que a Lu, com doze anos, já leu tanto. Eles têm um montão de livros em casa, paredes e mais paredes cobertas de estantes, cheias de livros, quase tudo com marca de já ter sido lido e relido, sabe como é?, aquelas lombadas meio enrugadinhas... E eles leram mesmo, ficam comentando as coisas de que gostaram

(MACHADO, 2009, p.17).

Estudos recentes confirmam que para muitos brasileiros, ainda hoje, o acesso a obras literárias se restringe ao âmbito que circunscreve a escola. Com isso, é possível compreender o cenário descrito na citação que integra a obra *Amigos Secretos*, de Ana Maria Machado (2009), como realidade de uma parcela ínfima da sociedade brasileira. Essa constatação evidencia a importância do abastecimento das bibliotecas escolares com obras diversificadas, capazes de serem atraentes para os diferentes perfis de leitores. É justamente nesse momento em que a literatura infantojuvenil incorpora seu lugar de prestígio dentre o mercado editorial, pois, como pontuado no capítulo 1, valores são revertidos em compras governamentais.

Contudo, é preciso analisar as obras que circulam sob a rubrica infantojuvenil com o objetivo de averiguar se estas conseguiram libertar-se das intenções pedagógicas ou continuam fazendo coro com os discursos predominantes, uma vez que as conclusões obtidas no trabalho de Fernandes não foram muito positivas, como podemos observar logo abaixo:

Ao longo do trabalho, nas conclusões parciais do final de cada tópico, pode-se perceber que a literatura infanto-juvenil das últimas décadas do século XX continua dependendo, cada vez mais, da mediação escolar para sua circulação e, em decorrência disso, ainda está subordinada aos interesses pedagógicos dessa instituição (FERNANDES, 2007, p.285).

Entretanto, a autora acena para algumas rupturas, “tanto nos aspectos formais quanto no conteúdo, procurando transformar as relações atuais entre o gênero e a escola” (FERNANDES, 2007, p.285). Diante desses avanços, compreendemos que mesmo a literatura infantojuvenil não integrando a história da literatura canônica, alcança, dia após dia, uma variegada soma de leitores:

[...] Essa produção, dada a importância que assume na formação do leitor no cenário atual, adquire intensa visibilidade e deixa de ser um sistema periférico para conviver com outros sistemas paralelos (FERNANDES, 2007, p.287).

Em vista disso, almejamos ampliar um diálogo que possa acrescentar as discussões que vêm sendo travadas em torno da democratização da leitura e da formação do leitor em terras brasileiras.

Nosso foco de análise se envereda em busca das representações de leituras presentes nas obras literárias que circulam nas escolas públicas brasileiras, com o intuito de observar se os referidos “materiais de qualidade” trazem entre suas páginas *modelo de leitores e práticas proficientes*, como os sugeridos pelos PCN`s (BRASIL, 1997, p.42).

Para esse fim, estabelecemos três pontos norteadores em favor de nossas análises: intertextualidade, uma vez que todas as narrativas que compõem o *corpus* de trabalho se entrecruzam com outros textos literários, desencadeando uma ampla possibilidade de novas leituras; o cenário da biblioteca, por compreendermos a tamanha amplitude deste espaço na história da leitura e, por fim, os leitores de papel e tinta que caminham entre as páginas da nossa literatura infantojuvenil.

Nesse horizonte, sublinhamos o relevante papel que anualmente o PNBE vem desempenhando enquanto política pública, ao selecionar e adquirir as obras literárias que integram as bibliotecas públicas escolares. Fator determinante para a constituição do *corpus* literário desta pesquisa ser fruto de um dos seus acervos, mais precisamente a versão de 2009.

Para os limites deste trabalho, o *corpus* de análise congrega oito obras literárias, escritas por diferentes autores brasileiros contemporâneos, com tramas distintas. Ao certo, as similaridades entre essas são as relevantes representações de leitura, o que justifica a seleção, uma vez que foi anunciada, nas *Palavras Iniciais* deste estudo, que trabalharíamos com obras brasileiras e contemporâneas, tendo como foco analisar o papel que a leitura ocupa entre elas.

Na obra *Amigos Secretos*, escrita por Ana Maria Machado (2009), herdeira de Lobato, que recebeu, pelo conjunto de sua obra, o prêmio *Hans Christian Andersen*²⁶, um grupo de crianças está de férias em um sítio (alusivo ao de Lobato), lugar comum, já que sempre que o ano letivo termina, os personagens apresentados como integrantes do

²⁶ As autoras Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado foram as únicas escritoras brasileiras a receberem o referido prêmio, respectivamente nos anos 1982 e 2000.

Clubinho, embarcam com a família para a zona rural. O momento culminante da trama acontece quando são surpreendidas ao terem acesso ao *Sítio do Pica Pau Amarelo*. Tudo isto, graças ao personagem Duda (único que morava no sítio e era integrante da turma), que, ao invés de colocar uma fita VHS no aparelho de vídeo, acaba por inserir o grande sucesso *Reinações de Narizinho* de Lobato. Inaugura, assim, um portal que os levam ao mundo imaginário e vice versa. Para aquelas crianças, o sonho de fazer parte das histórias lobatianas deixou de ser utópico e passou a ser “real” [figura 6 – capa da obra].

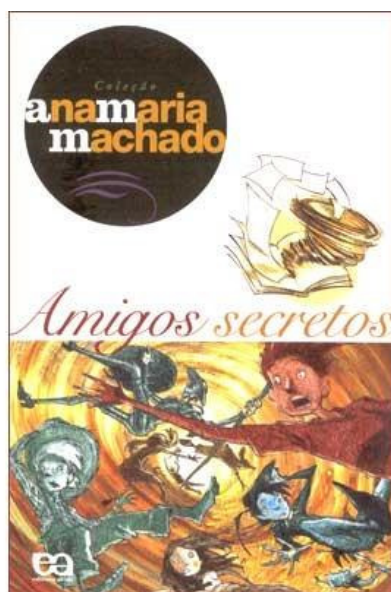


Figura 6: Laurent Cardon
Ilustração para *Amigos Secretos*, capa.

Na sequência, apresentamos outro personagem que tem contato direto com o universo literário, Mário, o protagonista da obra *O Mário que não é de Andrade* (2008) de Luciana Sandroni²⁷. Seu nome é uma homenagem ao modernista Mário de Andrade, que é objeto de estudo da tese de doutoramento de Luísa, sua mãe. Nessa narrativa, o garoto, após uma visita à casa do escritor em um feriado com sua mãe, passa a ter encontros com o Mário de Andrade, por meio de diferentes momentos da vida do escritor, se surpreendendo sempre que se deparava com uma cena alusiva as leituras efetuadas por Luísa [figura 7 – capa da obra].

²⁷ A autora Luciana Sandroni já foi premiada com o Prêmio Jabuti e o da Câmara Brasileira do Livro (CBL).

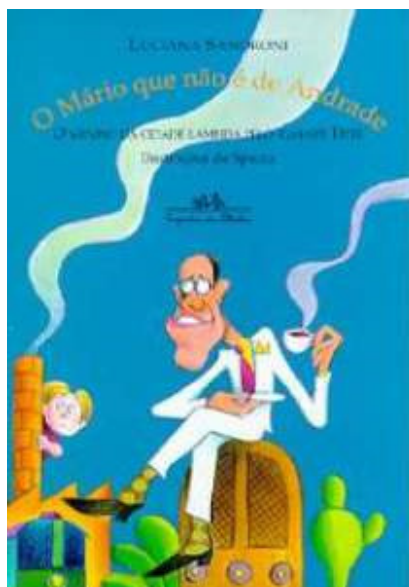


Figura 7: Spacca
Ilustração para *O Mário que não é de Andrade*, capa.

Os personagens da obra *Assassinato na Biblioteca* (2009), de Helena Gomes²⁸, convivem em meio a diversos livros, uma vez que grande parte da narrativa acontece em uma biblioteca escolar, cenário de investigações policiais e particulares acerca de alguns crimes acontecidos entre suas estantes. Lara, que foi morta há 37 anos, reside desde então entre as prateleiras da biblioteca, tornando-se, assim, uma leitora assídua. A menina começa uma amizade cheia de aventuras com Igor, um garoto tímido, que vivia isolado do mundo desde o falecimento de seu pai e o novo casamento de sua mãe, e se torna a única pessoa capaz de enxergá-la, o que contribuiu satisfatoriamente para o desenrolar de toda a trama [figura 8 – capa da obra].

²⁸ Outros livros da autora integram os acervos do PNBE: a adaptação *Tristão e Isolda* (Berlendis e Vertecchia, 2010, selo Altamente Recomendável pela FNLIJ e finalista do Prêmio Jabuti 2011), *Sangue de Lobo* (DCL, 2010, selecionado para o PNBE 2011 e finalista para o Prêmio Jabuti 2011).



Figura 8: Rico Lins
Ilustração para *Assassinato na Biblioteca*, capa.

Outra narrativa que nos mostra representações de bibliotecas e de leituras é a obra de Gustavo Bernardo²⁹, *O mágico de verdade* (2008). O texto prende o leitor da primeira a última página, por meio de personagens que dialogam entre si e também com o receptor da obra. Um mágico começa a participar de um programa de auditório e surpreende o público e o apresentador por meio de seus números de ilusionismos. Entre as mágicas, damos destaque ao reaparecimento da Biblioteca de Alexandria, momento em que é devolvida a vida a esse grande monumento histórico que por tanto tempo guardou obras raras entre suas paredes, partilhando com o leitor informações ricas, capazes de contribuir com o repertório de livros de quem esteja caminhando entre as páginas da narrativa [figura 9 – capa da obra].

²⁹ Prêmios recebidos pelo autor Gustavo Bernardo: Pedro Pedra [Prêmio Altino Arantes 1981, concedido pela Biblioteca Altino Arantes, de Ribeirão Preto, SP, e Láurea de "Altamente Recomendável para Jovens 1982", concedida pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil]; A alma do urso [Prêmio Orígenes Lessa - "O Melhor para o Jovem 2000" - concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Prêmio Júlia Lopes de Almeida 2000, concedido pela União Brasileira de Escritores, e Indicação na categoria "literatura infanto-juvenil" para o Prêmio Jabuti 2000, concedido pela Câmara Brasileira do Livro]; Lúcia [Indicação na categoria "Romance" para o Prêmio Jabuti 2000, concedido pela Câmara Brasileira do Livro]; A dúvida de Flusser [Prêmio Jabuti – Menção Honrosa 2003 na categoria "Teoria da Literatura", concedido pela Câmara Brasileira do Livro].



Figura 9: Paula Delecave
Ilustração para *O mágico de verdade*, capa.

A obra de Drummond Amorim³⁰, *Beto, o Analfabeto* (2008), narra a vida de dois Betos. O primeiro, um livro que era considerado analfabeto pelos demais colegas, já que nunca havia sido lido por ninguém. O segundo era o Beto que trabalhava na coleta pública de sua cidade, ironicamente denominado como Beto, o analfabeto, por não ter sido escolarizado. No desenrolar da trama, é promovido o encontro de ambos, o que estabelece fortes representações de leitura [figura 10 – capa da obra].

³⁰ Drummond Amorim é um autor premiado em diversas categorias, obteve duas dezenas de prêmios em âmbito nacional, entre eles: Guimarães Rosa, João-de-Barro, Cidade de Belo Horizonte (MG), Alfredo Machado Quintella, Altamente Recomendável/FNLIJ, (RJ), Concurso Nacional de Contos do Paraná (PR), Status, Jornal Auxiliar/Corporação Bonfigioli, indicação e finalista do Jabuti (SP). Livros seus foram selecionados em programas de prefeituras (B.Hte, S.Paulo etc.) e do governo federal (MEC/PNBE), adotados em escolas país afora, além de adaptados para cinema, teatro, rádio, televisão e festas populares.

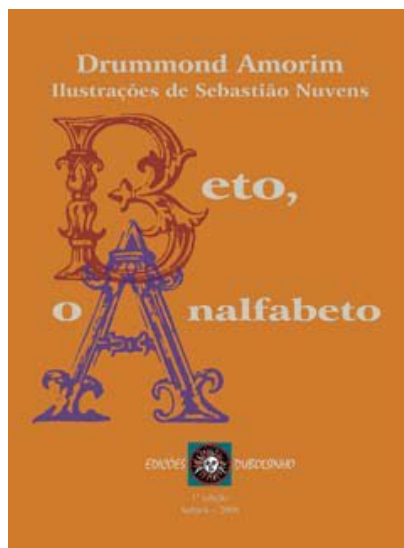


Figura 10: Sebastião Nuvens
Ilustração para *Beto, o Analfabeto*, capa.

O mundo é pra ser voado (2006), de Vivina de Assis Viana³¹, tem como protagonista um adolescente que se vê diante da necessidade em mudar-se de cidade com seus familiares para São Paulo e deixar sua namorada em Minas Gerais. Apesar de a narrativa não ter como foco principal a leitura, há representações significativas em toda a escrita, uma vez que os personagens são apresentados enquanto leitores. Além disso, a narrativa faz alusão a uma biblioteca particular, de propriedade dos pais do protagonista [figura 11 – capa da obra].



Figura 11: Lúcia Brandão.
Ilustração para *O mundo é pra ser voado*, capa.

³¹ A autora Viana de Assis Viana recebeu no ano de 1989 o Prêmio Jabuti de literatura infantojuvenil com o *Mundo é pra ser voado*.

Em *Pode me beijar se quiser*³² (2009), Ivan Angelo conta a história de Miguel, um garotinho que mora no sítio com seus pais e vê a chance de mudar de vida ao ter contato com o mundo circense. Decidido a deixar família, amigos e o amor de infância para trás, com o propósito de conhecer lugares distintos em companhia do circo, Miguel é surpreendido ao receber de presente um livro usado *Os três mosqueteiros* (versão condensada) de sua professora. Ao presentear o aluno, a educadora diz ainda que não seria preciso viajar com o circo para estar em outros ambientes, a leitura literária poderia proporcionar isto a ele. Assim, após o término da leitura, o protagonista decide adquirir outro título, agora comprado com o seu próprio dinheiro: *Os Miseráveis* de Victor Hugo. Feita essa leitura, deixou o sonho de ser um integrante do circo e firmou consigo o objetivo de ser advogado, para “defender os injustiçados”, consequência da última leitura [figura 12 – capa da obra].

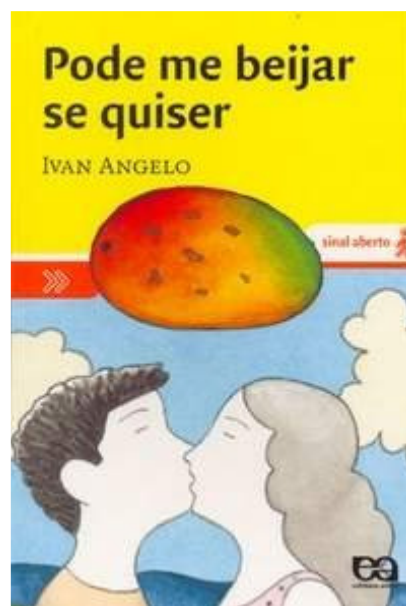


Figura 12: Ricardo Azevedo
Ilustração para *Pode me beijar se quiser*, capa.

E, por fim, *Letras finais* (2008), de Luís Dill³³, narra a história de Oswaldo, um adolescente que se caracteriza como poeta, ao atribuir grande parte de seu tempo escrevendo poesias para a Amanda, menina pela qual é apaixonado. Após perder o irmão em um acidente, o garoto é sequestrado, momento em que rememora fragmentos

³² O romance *Pode me beijar se quiser* de Ivan Angelo recebeu em 1997 o Prêmio Associação Paulista de Críticos de Artes - APCA.

³³ Recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura nas categorias Conto e Juvenil. Foi finalista do Prêmio Jabuti por 4 vezes.

de sua vida, tendo como companhia a obra, *A divina Quimera*, de Eduardo Guimaraens, primeiro e único presente recebido de seu irmão [figura 12 – capa da obra].

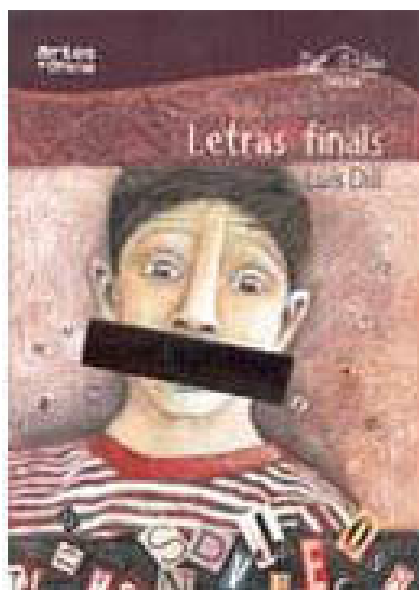


Figura 13: André Neves.
Ilustração para *Letras Finais*, capa.

De modo geral, as narrativas contam histórias de leitura e de leitores, elementos fundamentais para nosso trabalho, que contribuirão significativamente para a composição das análises deste estudo. Explicitamos que as *representações* de leitura (espaço e personagens) são o fio condutor entre as oito obras selecionadas, que nos garantem o “elo entre o mundo interior e exterior” (SANDRONI, 2011, p.22).

3.2 Outros livros, outras histórias: intertextualidade na literatura infantojuvenil

Meu amor ao livro começou muito cedo, pois tive a sorte de crescer num ambiente cultural. Em casa havia uma boa biblioteca de bons autores estrangeiros e brasileiros

(MINDLIN, 2009, p.26).

José Mindlin, considerado pela crítica como um dos maiores bibliófilos brasileiros, resgata em sua obra *No mundo dos livros* (2009) a importância em ter crescido em uma casa que guardava, entre as paredes, uma quantia significativa de obras literárias. Ressalta, ainda, o papel de seu irmão, três anos mais velho, estudante de arquitetura e leitor assíduo, que sempre o convidava para perambular entre as livrarias locais à procura de novos títulos para suas leituras, em sua construção enquanto leitor.

Tal feito contribuiu para que entre seus 12 e 13 anos, já tivesse lido obras tão complexas, como as de Alfredo d'Escragolle Taunay, Alexandre Herculano e um livro acerca da história da arte:

Do escritor português, me lembro de *Lendas e narrativas*, do *Bobo*, e de *O monge de Cister*. E de Taunay, além de *A retirada da Laguna e Inocência*, me lembro de *Céus e terras do Brasil* e de *O encilhamento*. Passava, encantado, das histórias religiosas e medievais de Alexandre Herculano às paisagens ensolaradas do interior do Brasil. Lia isso tudo, de calças curtas, na sala de visitas da casa de meus pais (MINDLIN, 2009, p.26).

Conforme lemos no excerto a respeito da história de leitura de Mindlin, constatamos a singularidade de obras literárias no processo de formação do leitor, pois entre todos os fatores necessários para a concretização deste processo (mediadores, escola, familiares leitores etc.), o contato com o livro é singular, por isso, insubstituível. Para tanto, é necessário que diversos autores e gêneros sejam ofertados para as crianças, criando, assim, novas possibilidades de leituras, além de contribuir com a ampliação do repertório do leitor em iniciação. Em vista disso, evocamos o pensamento da escritora Regina Zilberman (2005, p.9): “livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar”. É incontestável que o contato com obras literárias, desde a idade tenra, coopera de modo positivo com o desenvolvimento da criança, porque além de propiciar “uma multifacetada forma de acesso ao saber” (MACIEL, 2008, p.7), como exposto no capítulo anterior, auxilia no processo da formação do pequeno leitor.

Com efeito, é possível afirmar que *um livro puxa outro*, visto que as alusões intertextuais presentes nas obras literárias remetem o leitor a uma espécie de memórias de leituras anteriores, que contribui para a construção de uma biblioteca do que já fora lido. A esse respeito, esclarece Ana Maria Machado (2011, p.91):

Claro, não serão encontrados naqueles que, embora atraentes, são apenas “livros para crianças” sedutores e coloridos. [...] Mas basta a começar a haver uma narrativa digna desse nome, com conflitos, antagonismos, crises, personagens e alguma complexidade, com um trabalho de linguagem capaz de criar ambiguidade semânticas, e estratégias de relato que deem margem a situações ricas em possibilidades de sentidos variados e uma dinâmica de plurissignificação, e, portanto acontece: os traços dessa intertextualidade começam a ser sugeridos aqui e ali. São sinais de que

aquele texto tem uma densidade de outro tipo e entrou no terreno da literatura porque permite reapropriação múltiplas em diferentes leituras.

Por meio do feito intertextual, temos um “prato cheio” para análise. É prodigioso salientar que o texto não se inicia com o título do livro, muito menos se finda com o último ponto final. Há mais coisas entre a capa e a contracapa do que até o próprio autor possa compreender:

[...] os livros que chegam a uma literatura não partem do zero, mas fazem parte de uma linhagem que já vem e muito tempo. Não brotam do nada por geração espontânea. São o resultado de uma fecundação feita por obras anteriores. É natural que tragam vestígios de seus ancestrais, quase de forma genética. [...] se é literatura, mais cedo ou mais tarde, em algum momento, está sujeita que nela aflorem vestígios de outros textos ou fantasmas de outros escritos com os quais dialoga (MACHADO, 2011, p.90).

A partir da fala de Machado, certificamos que o feito intertextual não é algo novo, o entretecer de histórias acompanha o processo da criação literária, no entanto, esse “diálogo” não é exclusivo da literatura. O russo Mikhail Bakhtin desenvolveu um estudo de grande relevância acerca deste assunto:

Pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. [...] *O livro, isto é, o ato da fala impresso*, constitui igualmente um elemento de comunicação verbal [...] é feito para ser aprendido de maneira ativa.

O dialogismo proposto por Bakhtin deu origem ao que a semióloga Julia Kristeva (1974) chamou mais tarde de “intertextualidade”. Por ser uma re(leitura) do termo bakhtiniano, a estruturalista atribuiu ao linguísta a paternidade do conceito que ficou difundido entre os estudiosos da linguagem. Pela retina da autora,

todo texto se constrói como um mosaico de citações; todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla (KRISTEVA, 1974, p.64).

Assim, a intertextualidade pode ser entendida como uma ponte, que leva a outros textos literários e, ainda, a outras esferas artísticas, tais como: cinema; teatro; música entre outros, dependendo exclusivamente do repertório cultural de cada um.

Toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associação desse texto do momento com outros já lidos. Essa associação é livre e independe do comando de consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor. Os textos, por isso, são lidos de diversas maneiras, num processo de produção de sentido que depende do repertório textual de cada leitor, em seu momento de leitura (PAULINO, 2005, p. 54).

Vemos, desse modo, a pertinência em exprimir os diálogos intertextuais presentes nas obras de literatura infantojuvenil, escopo do nosso trabalho, pela recorrência de outras “histórias” contadas no corpo de cada obra eleita para integrar este estudo.

3.2.1 Alguns clássicos (e outros canônicos) passaram por aqui...

Os livros acumulam a sabedoria que os povos de toda a Terra adquiriram ao longo dos séculos

(TODOROV, 2010, p.22).

No momento da leitura, o leitor pode descobrir que o texto que está sendo lido estabelece diálogos com outros, isso acontece por meio da intertextualidade, que de acordo com Machado (2011, p.100): “é um dado do processo criativo e costuma se manifestar na literatura infantil tanto quanto na literatura sem adjetivo. Faz parte dos recursos à disposição de quem escreve e desafia a audácia dos que se dispuserem a explorá-la”. No Brasil, temos Monteiro Lobato como um exemplo digno de ser destacado. Leitor assíduo desde os tempos de menino, o autor se apropria das leituras realizadas para introduzir personagens da literatura universal em seu mundo literário, o famoso *Sítio do Pica Pau Amarelo*.

O modelo de escrita de Lobato foi seguido por alguns de seus leitores que mais tarde tornaram-se escritores, como é o caso de Ana Maria Machado. Na obra *Amigos Secretos*, Machado (2009) resgata títulos consagrados, a partir de um diálogo intertextual dos personagens que estão de férias em um sítio (exceção de Duda) com os que habitam o famoso *Sítio do Pica Pau Amarelo* “onde eles recebem visitas de muitos outros personagens e de onde partem para diversas aventuras” (MACHADO, 2011, p.94). O constante estabelecimento de relações entre realidade e fantasia na obra

analisada, permite ao leitor um contato com dois mundos: o sítio (das férias) e o lobatiano.

Na obra, notamos a presença de um clássico da literatura infantil, *Peter Pan*, que percorre a narrativa, ao observar a cena em que Pereba (protagonista da obra) confundia a fada pequenina com um beija-flor, diferente de Lu (adolescente integrante da narrativa), que foi logo lançando a ideia de quem realmente deveria ser “Acho que era a Sininho, do *Peter Pan*... Mas isso eu não posso garantir” (MACHADO, 2009, p.51), a caracterizando enquanto leitora de *Peter Pan*.

Nessa narrativa, as descobertas do jovem leitor ganham vida a cada virar de página, pois passa a conviver com diferentes personagens que antes de estarem ali, já gozara da vida em outros livros, propiciando certa intimidade entre o leitor e a obra. No entanto, caso este não seja conhecedor das leituras que antecederam na escrita da obra, nasce uma grande oportunidade de caminhar por entre alguns clássicos da literatura, que de acordo com Calvino (1993, p.11), “são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram”.

Outro momento da narrativa que explicita o entretecer de texto acontece em um diálogo enriquecedor entre Lu e Emília (personagem do *Sítio do Pica Pau Amarelo*). Ao conhecerem Durval (personagem secundário) elas sugerem:

– Ele é um nobre disfarçado, que está sendo perseguido pelos inimigos e foi obrigado a se refugiar conosco. Acho que o nome dele mesmo é Durval, como aquele personagem do Alexandre Dumas Filho.

– Ele é conde? – sussurrou Emília, que ainda não tinha lido nada de nenhum dos dois Alexandre Dumas, nem pai nem filho, mas sempre ouvia Dona Benta falar nos *Três Mosqueteiros*, *A Máscara de Ferro*, no *Conde de Monte Cristo*, na *Dama das Camélias* e nas outras histórias deles (MACHADO, 2009, p.55).

Nessa citação, títulos rememorados da literatura são resgatados, carecendo de um leitor atento. É pertinente mencionar que todos pertencem a literatura sem rótulos, isto é, sem endereçamento ao público alvo, o que corrobora a assertiva de que um *livro puxa outro*.

A obra *Beto, o Analfabeto*, também congrega representações intertextuais de leitura. Seu protagonista, o jovem Beto, é inserido no universo literário por meio das mediações feitas pela professora Ana, que depois tornou-se sua esposa, tornando-se um

leitor literário assíduo e comprometido com causas sociais. Organizou, em companhia de Ana, uma biblioteca comunitária, pois objetivava contribuir com outras pessoas, que viviam distante dos livros e da leitura. Diante disso, organizou uma lista com autores, que mediante seu olhar, mereciam habitar as prateleiras daquele espaço, criado com tanta solidariedade:

Augusto dos Anjos	Camões
Carlos Drummond de Andrade	Cervantes
Castro Alves	Dante
Cecília Meirelles	Dostoievski
Érico Veríssimo	Edgar Allan Poe
Euclides da Cunha	Faulkner
Fernando Sabino	Fernando Pessoa
Graciliano Ramos	Flaubert
Guimarães Rosa	Gabriel García Márquez
Jorge Amado	Goethe
Machado de Assis	Hemingway
Manoel de Barros	Homero
Manuel Bandeira	James Joyce
Mário de Andrade	Jorge Luis Borges
Mário Quintana	Julio Cortázar
Monteiro Lobato	Kafka
Murilo Rubião	Oscar Wilde
Pedro Nava	Proust
Raul Pompéia	Salinger
Rubem Braga	Shakespeare
Vinicius de Moraes...	Thomas Mann
	Tolstoi...

Tabela 3: Autores listados na obra *Beto, o Analfabeto*, de Drummond Amorim

Ambas as listas (nacional e estrangeira) trazem nomes de autores consagrados pela crítica e academia. Para o narrador, “são nomes de alta categoria e não custa repeti-los. É sempre bom ouvir e guardar tais nomes, mesmo camuflados nos parênteses” (AMORIM, 2008, p.81).

Aguça nossa curiosidade, que entre tantos nomes memoráveis, um total de quarenta e três, apareça uma única mulher, a brasileira Cecília Meirelles. Essa constatação participa de alguns estudos contemporâneos³⁴ cujos resultados revelam que, no Brasil, o escritor ainda é branco, homem e de classe média, como pontua a pesquisadora e professora Regina Dalcastagnè (2005).

Há também uma notável presença de clássicos universais, fortalecendo a importância em lê-los, por serem histórias que “conseguem permanecer vivas na

³⁴ ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global editora, 1985; DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Estudos da literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n.26, p. 13-71, 2005.

memória e no coração do leitor” (FERNANDES, 2011, p.342). Entretanto, a maioria dos jovens desconhece esses livros como fonte de prazer e conhecimento, em razão da obrigatoriedade imposta nas escolas, que desencadeia tantas vezes a errônea impressão de serem narrativas velhas e incapazes de dialogarem com suas vidas. De fato, o que eles não aprenderam foi que a leitura de um clássico “deixa impressões na alma do leitor porque fala de coisas essenciais, das verdades mais profundas e sugere formas de superar conflitos. [...] nunca envelhece, mas se renova a cada leitura, em cada tempo e em cada lugar. (FERNANDES, 2011, p.343).

A narrativa de Ivan Angelo, *Pode me beijar se quiser* (2009), também é um chamariz para novas leituras:

O pai de Miguel viu, dia após dia, o filho entretido com aquele livro. Quase não saía mais para brincar. Era tempo de jabuticaba, novembro, e ele só fora ao pomar duas vezes naquela semana. Quando Miguel terminou e deixou o livro sobre a mesa da cozinha, o pai leu o título.
– *Os três mosqueteiros*. Eu vi o filme no cinema do Miro (ANGELO, 2009, p.146).

Por meio da intertextualidade, a narrativa trava diálogo com outras obras, aqui *Os três mosqueteiros* e, ainda, com a versão fílmica que abre a possibilidade de diálogo com outras esferas artísticas. Como sublinha a professora Maria Cristina Prates Fraga (2008, p.): “é a partir dessa rede de interlocução que acreditamos poder apresentar ao nosso leitor/aluno [...] obras líricas, ficcionais ou dramáticas da literatura brasileira, em seu diálogo permanente com outras literaturas, com outras artes, com a sociedade”.
Minha voz.

As representações intertextuais na narrativa elencada prosseguem e dão abertura para outra discussão de relevância, os livros adaptados e/ou condensados:

Depois das provas de fim de ano pediu à professora outro livro, mas queria comprado. Deu-lhe um dinheiro [...] perguntou se dava, ela disse dá, dá e saiu depressa, emocionada. Trouxe *Os miseráveis*, de Victor Hugo, edição condensada. [...]
Miguel não havia terminado a leitura, embaçada várias vezes pelas lágrimas, quando chegou Lindinha, de férias. Ela – antes mesmo de vê-la, só de sabê-la perto – e o livro formaram no espírito dele duas decisões, que eram praticamente uma: não viajar com o circo e estudar para defender os injustiçados [...]
– Antes eu queria ir embora com o circo. Agora não vou mais.
– Antes de quê? [...]
– Antes de ler esse livro (ANGELO, 2009, p.140-150).

Certamente há níveis de dificuldades vinculadas nas leituras dos clássicos, que precisam ser vencidas gradativamente. Nesse sentido, é importante ofertar aos alunos adaptações qualitativas³⁵, como sugere Ana Maria Machado (2002) em *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. A adaptação é uma alternativa enriquecedora que, quando mediada por um bom leitor, é capaz de instigar o aprendiz a buscar novas sensações ao manusear as páginas do livro na íntegra. É preciso, portanto, que essas leituras sejam apresentadas aos alunos de maneira instigante, desvinculada das obrigatoriedades de ensino, que foram atreladas aos textos literários.

Momentos como este, destacados para nossas análises, são contumazes nas narrativas que compõem o *corpus* de trabalho, carecendo de um leitor atento, capaz de associar o que está sendo lido com outras leituras já realizadas ou não, classificando como “leitor competente”, que de acordo com os PCN`s “só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente” (BRASIL, 1997, p. 41).

3.2.2 Os títulos brasileiros que as histórias nos contam

De noite o menino resolveu ler Paulicéia desvairada. Não entendeu lá muita coisa dos poemas e acabou pegando no sono
(SANDRONI, 2008, p.49)

A literatura brasileira é guardiã de obras memoráveis e consagradas pela crítica, tendo entre seus títulos canonizados, autores que perpassam gerações sob a compreensão de suas singularidades. Apesar disso, temos conhecimento de que para muitos de nossos leitores em potencial, seus enredos ainda não fazem sentido, haja vista, que retratam entre suas páginas contextos distantes dos quais vivemos atualmente, como por exemplo, a situação vivida por Mário, protagonista da obra *O Mário, que não é de Andrade* (2008), ao se deparar com a obra *Paulicéia desvairada* (1922) do modernista Mário de Andrade.

Entretanto, trazemos novamente para a discussão a proeminência da intertextualidade, pois esta pode ser uma ferramenta adicional para a construção de

³⁵ Dentre o acervo adquirido por meio do PNBE/2009 há diferentes títulos adaptados da literatura universal, inclusive *Os miseráveis*, de Victor Hugo, lembrado na obra de Ivan Angelo.

novas práticas de leitura. Um leitor, ao se deparar com nomes de autores ou de obras literárias em uma leitura desvinculada da obrigatoriedade de ensino, pode se sentir atraído em buscar tal título. Momento esse em que é fundamental a mediação entre literatura e leitor. Por conseguinte, a citação abaixo enfatiza (demonstra) a importância do mediador no processo de apresentação:

O terceiro homem, que no primeiro dia ficou na cozinha encaixotando pratos e panelas, foi se sentindo a vontade com a conversa. E arriscou:
– Eu já li um livro. [...].
Perguntei:
– Qual?
– Um que a moça me deu.
– Namorada?
– Não, eu era motorista de táxi; ela, professora [...]
– E onde entra o livro nessa história?
– Ela perguntou se eu podia esperar na porta da escola. E eu podia. Aí ela me deu um livro, dizendo: “Vai lendo isso aí, que o tempo passa mais depressa”. [...]
– Depois, ela voltou e perguntou se eu tinha lido, gostado, se queria ler mais, se quisesse podia ficar pra mim, ela arranjava outro. Eu fiquei.
– E que livro era?
– Era esse da escrava Isaura, que passou na televisão (VIANA, 2006, p. 46-47).

A citação em destaque integra a obra de Viana (2006) e faz alusão a *Escrava Isaura*, publicada em 1985, pelo autor Bernardo Guimarães, conhecido como imperador do Brasil. Com efeito, além da obra mencionada, a narrativa estabelece um diálogo com outros dois assuntos de suma relevância: o livro enquanto propriedade e a mediação de leitura. Neste caso, a mediação é feita através de uma professora fora de expediente, evidenciando sua prática enquanto leitora.

Efetivamente, nosso estudo vem traçando um caminho que deixa claro que o objeto livro ainda está distante de ser uma realidade presente nas casas da maioria dos brasileiros, em consequência do valor e, da dissociação como necessária para a condição humana. Em contraste, pontuamos que avanços significativos vem sendo alcançados em prol do abastecimento das bibliotecas escolares, mas tememos que ainda seja lento e longo o caminho até o fortalecimento das bibliotecas privadas,

A arte literária deveria fazer parte do ambiente familiar e escolar desde os primeiros meses de vida. Essa afirmação pode parecer utópica, mas não é. Ela está fundamentada em um referencial teórico que permite acreditar que a democratização do ensino exigiria um

repensar sobre nossa história sócio-econômica de exclusão [...] Entretanto, percebe-se que a desigualdade econômica dificulta a criação de um ambiente de leitura, mostrando que a Literatura, a situação socioeconômica e as práticas culturais devem ser pensadas de forma indissociáveis (PINHEIRO, 2011, p.45).

A discussão acurada, por meio da fala da professora Alexandra Santos Pinheiro (2011), promove um diálogo com os dois relevantes assuntos mencionados. Pois, se o objeto livro não é realidade no ambiente familiar, como destacado, por conta da desigualdade econômica, é justamente essa mesma diferença socioeconômica que colabora sistematicamente com o quadro de professores não leitores no Brasil, já que “o preço dos livros é elevado, a distribuição de renda é injusta, soma-se a isso a carreira docente, marcada por uma elevada carga horária de trabalho e por salários desmotivadores” (PINHEIRO, 2011, p.37). Não estamos com isso, eximindo o comprometimento e a seriedade dos professores enquanto profissionais, mas sim enaltecendo fatores comuns a prática docente brasileira oriunda de uma formação tantas vezes precária.

De fato, para a grande maioria de alunos em idade escolar, o primeiro contato com obras literárias é estabelecido por mediação do professor, o que justifica nossa discussão. De modo evidente, um mediador só existe quando for antes de tudo leitor, pois só assim conseguirá contribuir em favor de uma sociedade leitora, caso contrário, seu discurso não será condizente com sua prática.

Em consonância com a obra de Ivan Angelo que deu voz a esta discussão, em *Letras Finais* os fatores se repetem, uma vez que a professora (não nomeada) sorteia livros entre seus alunos, com o propósito de difundir o escritor contemporâneo Eduardo Guimaraens:

[...] meu irmão chega em casa depois do colégio e, como sempre faz, joga a pasta sobre sua cama. Eu, na cama ao lado, folheando uma revista velha, vejo o livro espirrar dali de dentro. Sei como ele não gosta de ler, como detesta o colégio, embora seja um dos mais populares da escola toda, entre alunos, funcionários e professores [...]
– Ta, é um livro, eu sei. Roubou? – provoco, tamanha é minha estranheza com aquele objeto no meio de suas coisas.
– Ganhei.
– Ganhou? De que jeito?
– Ah, um sorteio idiota lá na aula. A professora sorteou uns livros.
[...] Estico a mão e apanho o volume. Capa toda marrom.
O perfil de um rosto retângulo branco. *A divina quimera*. Eduardo Guimaraens. Folheio.

– Livro de poesia – comento a beira do deboche, sabendo que ele não dá a mínima para poesia.
– Gostou? Então é teu. Pra não dizer que nunca te dei nada – e sai apressado.
É o primeiro presente que recebo do meu irmão.
E o último (DILL, 2008, p. 1).

O quadro de professoras leitoras e mediadoras inclui Ana, que ao contribuir com a concretização de Beto, um jovem trabalhador, a aprender a ler e ser leitor, favorece satisfatoriamente para seu ingresso na escola:

– tempo a gente faz. Ouviu que a sorte ajuda a quem vai à luta? Durante o dia você trabalha, mas a noite pode muito bem estudar – ela disse. – Lendo e escrevendo, só terá a ganhar, porque será sua vez de saber as coisas por você mesmo. É só uma ideia, acho que vale a pena tentar (AMORIN, 2008, p.77).

O personagem Beto, que já havia passado por muitas limitações por conta de ser analfabeto, acata o conselho da professora e começa a estudar. O que resultou em também seguir a carreira de docência, para então, ajudar aqueles que, como ele, um dia viveu sem conseguir ler:

[...] Também o que não entende Beto, /Hoje tão alegre e pimpão, /foi ter de achar num monturo/ a base de seu futuro. / E o que mais, mais o entristece, / nas horas de solidão / (mesmo cercado de afeto / e disso ninguém se esquece), / é pensar que há analfabetos/ num lindo e vasto paísão / mas tão cheio de ex-Betos (AMORIM, 2008, p.94).

Outra professora leitora, e conseqüentemente mediadora, é Luísa, personagem secundária da obra *O Mário que não é de Andrade* de Luciana Sandroni, que ocupa o papel de mãe do protagonista Mário.

O personagem central dessa narrativa tem no objeto literário de sua mãe seu maior adversário, visto que todo o tempo de sua mãe era destinado a estudar sobre o escritor. Até nos momentos de lazer, Luisa pensava em sua pesquisa “Ei, tive uma ideia: sabe o que a gente podia fazer? Dar uma olhada na casa dele! É aqui mesmo, Na Barra Funda, pertinho da nossa” (SANDRONI, 2008, p.16):

– Mãe, por que você não dormiu na sua cama?
– Não sei... Eu estava aqui, lendo, e acabei pegando no sono. Apaguei mesmo [...]. Tenho que acabar o último capítulo da tese. Ainda tenho que ler uma pilha de livros, fazer umas anotações (SANDRONI, 2008, p. 8).

[...]

– Bom, então... que tal se eu contasse a história do Macunaíma? – perguntou Luísa, animada.

– Ah, não, mãe.

– Está bem. Foi só uma ideia. Aliás, uma ideia muito boba, porque Macunaíma é um livro para adultos. Não tem nada a ver com criança. É até um livro considerado difícil.

– Tá legal, mãe. Conta, vai... disse o menino.

Luísa deu um sorriso e começou sua história (SANDRONI, 2008, p. 12).

Luísa consegue despertar em seu filho, o Mário que não é de Andrade, interesse pela obra do escritor. A estratégia que utiliza é a de suscitar curiosidade, ao lançar a ideia de que as obras do autor não são convenientes para o público infantil.

E o que será apropriado ao público infantil? Serão somente as obras catalogadas como “apropriadas”, ou, as que a eles despertarem interesse e, o grau de maturidade não ser empecilho? Todavia, afirmadas ou não pela crítica, há livros que surgem efeito entre os leitores, temidos por uns, amados por (muitos) outros, os *Best Sellers* ocupam lugar de prestígio entre os jovens leitores.

3.2.3 *Best Sellers*: uma obra a parte

Meu prezado apresentador, que eu saiba Harry Potter é um personagem, ao passo que eu sou uma pessoa. Personagens infanto-juvenis costumam de fato ser apresentados como órfãos para comover os leitores. [...] Mas a minha orfandade não tem nada de literária.

(BERNADO, 2008, p. 17).

A professora e pesquisadora Marisa Lajolo (2001) re-escreveu seu livro *Literatura: leitores e literatura* há pouco mais de uma década, pois constatou que desde sua primeira versão (1982), houve muitas modificações em relação ao que seja literatura:

A literatura hoje não é mais artesanal nem é produzida por umas poucas indústrias ou escrita por uns poucos escritores que têm o monopólio do mercado e da opinião. Hoje a literatura é produzida por uma indústria tão sofisticada quanto a indústria de alimentos, que oferece molho de tomate para todos os gostos, com coentro ou sem cebolinha, com pedaços grandes de tomate ou como creme homogeneizado (LAJOLO, 2001, p.9).

Na discussão levantada pela estudiosa, damos ênfase que na contemporaneidade contamos com uma ampla diversidade de títulos, autores e temas, haja vista que “a literatura fala de vários mundos” e, entre toda essa gama de possibilidades que foi inaugurada no decorrer dos anos, damos destaque a presença massificada dos *Best Sellers*, portal de infindáveis discussões em prol de sua legitimidade (ou não) enquanto literatura.

Todavia, o motivo de ter sido lembrado em nosso trabalho é outro. Estudos atuais defendem que as obras rotuladas como *Best Sellers*, ou tão pejorativamente “literatura de massa”, trata-se da renovação que faltava na história da leitura, pois, a bandeira erguida é de que nunca se leu tanto, quanto se tem lido na atualidade:

Esses jovens estão lendo e muito, mas não o que é “necessário” ler. Esses jovens estão mergulhados nos *Best sellers*, na literatura de massa. Nesse sentido, esses alunos se dizem não-leitores justamente porque não leem o que a escola exige, associam o que é literatura somente ao que a escola pede, se leem obras diferentes das exigidas (DAU; PINHEIRO, 2011, s/p).

É preciso esclarecer que diante de um texto escrito, os jovens fazem buscas que lhe sejam significativas, como sublinha Michele Petit (2008, p.57), em um relevante estudo acerca das preferências da juventude:

[...] Caçam furtivamente nos textos, buscando algo que os toque independentemente das categorias, das classificações convencionais, das linhas de divisão entre gêneros mais ou menos legítimos. As divisões que estabelecem uma oposição entre leituras “úteis” e leituras de “distração” não valem mais: eles podem se divertir com o movimento das estrelas, e pensar que seja infinitamente “útil” e precioso descobrir palavras que dão voz a seus medos ocultos ou sentido à sua vida.

Diante da reflexão da pesquisadora, fazemos uma conexão precisa com o que nos trouxe a essa discussão, a obra *O mágico de Verdade*, de Gustavo Bernardo, que merece toda nossa atenção no decorrer deste texto, pois além de toda expressividade artística presente em sua escrita, não acreditamos ser gratuita a intertextualidade com a obra *Harry Potter*, lembrada na epígrafe deste texto, líder de vendas entre o público jovem.

Aqui, acreditamos que seja um divisor de águas para as análises que se referem ao entretecer com outras histórias, pois em contraste com os outros subitens que foram

delongados objetivando verificar os diálogos intertextuais presentes em nosso *corpus*, a obra de Bernardo foi a primeira e única a dialogar com os temidos ou amados *Best Sellers*.

Em outro momento, uma nova alusão nos remete a *Best Seller* “Imagino que esteja se referindo àquele senhor que se diz mago e escreve uns livros que todo mundo lê. Bem, ele também é um personagem simpático” (BERNADO, 2008, p. 17), aqui, pela nossa bagagem enquanto leitoras, referindo-se ao brasileiro Paulo Coelho. O que contribui com a geração de diferentes estudos em propósito de entender os possíveis avanços alcançados neste universo tão vasto, que é o da leitura literária.

A escritora Regina Zilberman, em um clássico trabalho *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa* (1987), frisa que as escolhas feitas pelos jovens têm dois lados, sendo: “a causa e a solução do problema da leitura entre os jovens (ZILBERMAN, 1987, p.7), o que pela nossa retina transforma os *Best Sellers* em uma faca de dois gumes, haja vista que: “são lidos pelos jovens, mas abafados nas escolas” (DAU; PINHEIRO, 2011, s/p).

A esse respeito, destacamos o trabalho *Práticas de leitura entre alunos do terceiro ano do ensino médio: um estudo de caso* (DAU; PINHEIRO, 2010). Por meio de um questionário, as autoras Mayara Regina Pereira Dau e Alexandra Santos Pinheiro constataram que os jovens leem sim, no entanto, suas leituras não são pautadas nas canônicas que ainda são em muitas escolas as únicas contempladas como literárias, o que leva os jovens leitores em seus entendimentos ao exílio perante a sociedade de leitores.

Destarte, consideramos que Gustavo Bernardo, ao fazer referências alusivas a obras consideradas como *Best Sellers*, está colaborando com o avanço de pesquisas, como a rememorada no parágrafo antecedente, uma vez que os possíveis leitores de sua obra poderão se reconhecer entre a narrativa como os leitores que são, um impulso significativo para as “novas” representações de leituras.

Em linhas gerais, ao analisar as referidas obras, é prodigioso salientar que, por meio da intertextualidade, surge uma rica possibilidade de trabalhar com a formação de leitores. Com efeito, uma obra pode encaminhar para outras leituras, contribuindo, assim, com uma gama de alternativas, pois nós leitores, “temos vontade de conversar com os livros que lemos” (MACHADO, 2011, p.99), e por meio das reflexões estabelecidas, é pertinente salientar que todo autor deposita em sua escrita resquícios de sua bagagem enquanto leitor, entretecendo suas criações literárias com leituras que

integram seu arcabouço literário. Deste modo, sempre que lemos um livro, constatamos que nos deparamos com outras histórias, algumas conhecidas, outras que são apresentadas no momento da leitura.

3.3 (Sem) censura: entre livros e bibliotecas

[...] Quanta boca aberta! Só porque os senhores estão vendo o venerável Museu de Alexandria surgir do fundo da terra e da História, sem fumaça, sem terremoto e sem fogos de artifício, como seria adequado para uma casa de papiros, pergaminhos e livros. Por favor, entremos

(BERNADO, 2008, p. 68-69).

Por meio de um “passe de mágica”, Gustavo Bernardo (2008) nos convida a (re)visitar um grande monumento histórico: a Biblioteca de Alexandria. Construída pelos Ptolomeus³⁶ no antigo Egito, o prédio guardava, entre suas paredes, obras literárias e outros livros, capazes de representar a memória da antiguidade egípcia pela cultura grega.

O estudo de Steven Roger Fischer (2006) deslindou entre terras longínquas e tempos antigos com o propósito de organizar a *História da leitura* (título da sua tese). Diante da leitura de seu texto, nos é permitido compreender o porquê da cidade de Alexandria ter nomeado a memorável Biblioteca. A pesquisa pontua que antes da importação do papiro, proveniente de Alexandria, as “grandes obras literárias haviam sido conservadas, com frequência, apenas em um exemplar feito de pele” (FISCHER, 2006, p.50), e, somente com a chegada do produto, começou a ocorrer a reprodução. Assim, já era possível que os livros fossem compilados em um único espaço, com o objetivo de conservar os frutos da produção humana. Desse modo, é relevante sublinhar que os governantes da referida biblioteca ambicionavam concentrar, dentre seus muros todos os rolos de papiro existentes, como observa Bernardo (2008, p.70):

Tinham ordem de confiscar todos os livros que se encontrassem nos navios que passassem por Alexandria para copiá-los, devolvendo-os depois aos seus legítimos proprietários. É preciso nos lembrarmos que não havia imprensa: cada exemplar precisava ser cuidadosamente copiado um a um. Às vezes, no afã de corrigirem os originais, eles os

³⁶ O Museu de Alexandria começou a ser erguido no ano 280 antes de Cristo por Ptolomeu, o Salvador, que sucedeu Alexandre, o Grande. A Biblioteca foi finalizada pelo segundo Ptolomeu, o Filadelfo (BERNADO, 2008, p.77).

alteravam e não pouco. O objetivo não era modesto: pretendiam conseguir todos os livros do mundo e traduzi-los para o grego.

Para contribuir com o projeto expansionista, bibliotecas foram compradas, outras doadas e houve, também, empréstimos com a finalidade de reprodução. Outrossim, a Biblioteca de Alexandria foi gradativamente crescendo, com o passar do tempo, o prédio abrigava “o maior volume físico de literatura que a região jamais havia visto”, após “um século e meio, a coleção expandiu-se, chegando a contar com cerca de quinhentos mil rolos de papiro; outros quarenta mil foram armazenados em um depósito separado, anexo vizinho Templo de Serápis” (FISHER, 2006, p.54).

Contudo, o sonho da biblioteca universal foi desfeito em meio a chamadas ocasionadas por um incêndio que de fato aconteceu. No mundo ficcional, algumas atribuições são feitas ao motivo de tal feito:

Há quem diga que ela foi destruída pelo bispo Teófilo, um cristão que viu no prédio o depósito das maldades do paganismo. Outros dizem que ela foi destruída pelo emir Amr Ibn al-As, que mandou distribuir os milhares de manuscritos entre os banhos públicos de Alexandria com o único objetivo de queimá-los para aquecer a água. A ordem teria vindo do califa Omar, para quem tudo já estaria no Corão, logo, todos os outros livros seriam dispensáveis (BERNADO, 2008, p. 77).

A representação de biblioteca rememorada na escrita de Bernardo é muito cara para a história da leitura, uma vez que diversas bibliotecas foram queimadas em diferentes momentos com o intuito de silenciar pensamentos. Em consonância, temos a notícia de que, no ano de 1559, foi publicado por intervenção da igreja Católica um índice de livros proibidos, o *Índex*. Este se manteve como fonte de conduta por mais de um século, censurando “centenas de obras teológicas, outras tantas de autores seculares, de Voltaire e Diderot a Colette e Graham Greene” (MANGUEL, 1997, p.320), contribuindo para a assertiva do “poder” instaurado pela leitura, que causa temor da antiguidade a contemporaneidade. De fato,

O que parece é que tantos cristãos quanto muçulmanos sempre foram capazes de construir civilizações, mas também de *queimar os pensamentos* que as questionassem. Muitos cristãos recusam-se ainda hoje a ler outra coisa que não a *Bíblia*, com medo do pecado que se esconde nos livros (BERNADO, 2008, p. 77 grifo nosso).

Ainda em relação à citação da obra *O mágico de verdade*, damos relevância a menção feita a Bíblia, guardiã das sagradas escrituras perante o cristianismo, por

compreendermos que sua inserção não foi gratuita. Em favor dessa hipótese, o livro *Retratos da leitura no Brasil* (AMORIM, 2008) assegura que é o livro mais lido, liderando em alternados quesitos, tais como: gênero mais lido, livro mais importante, última leitura realizada e releituras. Convém frisarmos que entre os declarados não serem leitores (por não terem lido nenhum livro nos últimos três meses), correspondendo a 45% dos entrevistados, um total de 6% (correspondente 4,5 milhões de um total de 77, 1 milhões) revelaram serem leitores da Bíblia. Não tivemos com tais dados a confirmação de que a Bíblia seja o livro mais lido por conta de ideologias religiosas (aqui nasce uma possibilidade de pesquisa), no entanto, comungamos que é relevante todo esse destaque em relação ao gênero.

De volta as obliterações de força, evidenciamos que a preocupação em limitar o acesso a livros foi vivida no século passado, como corrobora Bernardo,

Infelizmente, o hábito de queimar livros não se restringiu àqueles tempos antigos: no meio do século XX os nazistas fizeram gigantescas fogueiras de livros, tentando queimar todo pensamento que não reproduzisse a cartilha de Hitler, Goering e Goebbels. Por isso mesmo o retorno na Biblioteca de Alexandria é tão fabuloso nos tempos que correm (BERNADO, 2008, p. 77).

No dia 10 de maio de 1933, na capital alemã, mais de 20 mil livros foram queimados em praça pública por nazistas, na presença de milhares de pessoas que aplaudiram tal feito, “regimes autoritários em geral não só estabeleceram rigorosas censura como também proibiram a leitura de livros considerados “nocivos” e, mais do que isso, destruíram e queimaram em praça pública bibliotecas inteiras” (MINDLIN, p. 15). Ao certo, tais informações acerca da história da leitura vêm contribuir com nossas reflexões enquanto pesquisadoras, pois, de fato, a falta de neutralidade concebida no ato da leitura é a mola motora para a luta de sua democracia.

Nesse horizonte, Manguel (1997, p.315-316) frisa que,

As obras de Protágoras foram queimadas em 411 a.C., em Atenas. No ano de 213 a. C., o imperador chinês Chi Huang-Ti tentou acabar com a leitura queimando todos os livros de seu reino. Em 168 a. C., a biblioteca judaica de Jerusalém foi deliberadamente destruída durante o levante dos macabeus [...] Em 303, Diocleciano condenou todos os livros cristãos à fogueira [...] Em 10 de maio de 1933, em Berlim, diante das câmeras, o ministro de Propaganda Paul Joseph Goebbels discursou durante a queima de mais de 20 mil livros para uma multidão entusiasmada de mais de 100 mil pessoas.

De tal modo, a escrita literária de Bernardo se energiza por meio das acurações estabelecidas pelos leitores, Mindlin e Manguel. Ao certo, temos notícias que a queima de livros foi algo recorrente entre os que almejavam silenciar os livros que traziam entre o emaranhado de folhas, mais que códigos a serem decifrados, mas sim ideias capazes de suscitar outras, ou até mesmo estabelecer diálogos com os que estivessem dispostos a embarcarem neste universo.

A queima de livros não cessou em nosso acervo ao findarmos a leitura da obra *O mágico de Verdade*, mas ganhou outro cenário ao iniciarmos a leitura da obra *Beto, o analfabeto* de Drummond Amorin (2008), haja vista que a primeira parte da narrativa tem como ambiente uma biblioteca particular, de um homem não leitor que, por não saber ler, queria contribuir para que outros permanecessem como ele “Como não sei ler, contribuí pra que ninguém mais soubesse” (AMORIN, 2008, p.48).



Figura 14: Livros sendo queimados em Berlim.
Fonte: Apud Alberto Manguel (1997)

A biblioteca, mesmo composta com livros de diferentes gêneros, formatos e temáticas, era um lugar sombrio e assustador, onde os livros não se sentiam bem em morar: “O livrinho tinha razão de viver deslocado na Biblioteca Maldita. Lá, quase ninguém entrava, batendo ou sem bater” (AMORIM, 2008, p.16). De certo modo, esta realidade apresentada no mundo ficcional faz alusão ao social, visto que em muitas escolas brasileiras os acervos são impossibilitados de serem manuseados por alunos

com o propósito de uma preservação, o que acontece é que estão “preservando” os alunos de crescimento intelectual e cultural. Já outras bibliotecas permanecem fechadas por falta de mão de obra qualificada ou, ainda, são ocupadas por profissionais não aptos que, não sendo leitores, contribuem de forma precária no processo de formação de leitores.

No entanto, uma parte da sociedade, mais precisamente os que exercem algum tipo de poder e possuem a ciência da capacidade “libertadora” atribuída à leitura, acredita que “aqui para nós, todo livro devia ser proibido. Como a gente ainda manda, começemos pelo começo, toquemos fogo nesses objetos inúteis” (AMORIN, 2008, p.54), pois de fato os livros “servia para suscitar abafadas propostas, servia para abrir cabeças, servia para clarear a embaçada visão da teimosa, renitente ignorância” (AMORIN, 2008, p.56) Ou seja, tornar o cidadão crítico e inventivo, capaz de buscar melhorias e saber tão bem seus direitos quanto seus deveres.

Nesse momento, um novo incêndio é inaugurado na narrativa infantojuvenil, desta vez, com inquisidor declarado “Destruir livros era com ele, tinha se especializado no assunto. Nisso apelava para qualquer desculpa e, feliz feito pinto no lixo (já se dizia) faltava tocar harpa durante os incêndios que até então promovera” (AMORIM, 2008, p.55).

A história da leitura também nomeia um inquisidor do século XX, Anthony Comstock, que, tal como o personagem da obra de Amorim, “teria preferido que a leitura jamais tivesse sido inventada” (MANGUEL, 1997, p.317). A respeito desse censor que afirmou ter destruído durante sua vida 160 toneladas de literatura, por considerá-las obscena, e foi responsável por mais de uma dezena de suicídios, alegando que as obras publicadas eram imorais. Por conseguinte, os autores eram presos, muitos não resistiam e acabavam por tirarem sua própria vida, uma vez que sua liberdade já havia sido destruída junto aos seus livros, como aconteceu com o “ex-cirurgião irlandês Willian Haynes” (MANGUEL, 1997, p.317).

Manguel (1997, p.320) explicita que “a censura de Comnstock limitava-se, num ataque de ultraje, a pôr as obras suspeitas em um catálogo dos amaldiçoados”. Concomitantemente, o Dr. Psiu, proprietário da biblioteca em questão, também via os livros como malditos “Ah, melhor não ter nascido, como é dura a minha vida ele pensava. E vá dureza nisso, a começar da solidão da estante, dita “Biblioteca Maldita” (AMORIM, p.13). A partir da leitura do trecho extraído da obra de Amorin, podemos pensar nos livros que são distanciados dos seus possíveis leitores, o que corrobora a

assertiva de que a censura continua a caminhar entre a história da leitura, mesmo que de forma metafórica.

E, assim, o incêndio teve ordem de ser iniciado. Labaredas crepitavam sobre todas as obras,

Vamos lá, use aquelas brochuras magrelas pra lá de vagabundas. Arregace as mangas, abane essas chamas. Direita, esquerda, volver, isso, avive o fogaréu lindão. Já que não dá pra fuzilar sempre os autores panacas, há que mandar brasa em seus livros inúteis – palpitava Dr. Psi, carrapato grudado na autoridade [...] De todo jeito, o mais desgramado incêndio, a mais porreta queima de inutilidades nos últimos anos, coisa fina, de dramaticidade ímpar. A encenação mais linda ou mais horrível ali vista, a depender tanto dos vários pontos de vista, como do estoque de palavras ao alcance de cada paliteiro. Gostando ou não e para quem viu ou soube, baita festança macabra bem no centro da praça principal. Labaredas enormes lambiam o céu, estalando no meio da fumaça escura, que fechou o tempo, sob gritos, uivos, pipocar de foguetório, aplausos, vaias abafadas e desfile de tropas, pra não negar as origens (AMORIM, 2008, p. 58-60).

Sem nenhum pudor, obras foram queimadas em praças públicas, sob a ideia de serem inúteis, por isso, dispensáveis a humanidade. De fato, se realmente fossem “inúteis” não teriam ocasionado “baita festança macabra bem no centro da praça principal”. Em outro tempo, uma obra literária também foi escrita frisando a queima de livros em repartições públicas, sob a perspectiva de que não serviam para nada, além de corromper a moral e os bons costumes: *Fahrenheit 451*, escrita por Ray Bradbury e publicada pela primeira vez em 1953, ganhando versão fílmica em 1966, sob direção de François Truffaut.

Em *Fahrenheit 451*, o poder de censura e queima de todos os livros que fossem encontrados ficava sob responsabilidade da Corporação de Bombeiros, o que metaforicamente leva a uma antítese, neste caso, causada inversão de funções nessa profissão, de apaziguadores de incêndio, tornaram-se os ocasionadores (melhorar comparação). Dialogando com a citação acima, quando temos a compreensão dos inquisidores estarem sob ordem de um comandante, no caso Dr. Psiu, o que corresponde a narrativa, pois o capitão Beatty regia toda a incorporação.

Em favor da hipótese das bibliotecas ocasionarem medos em muitas pessoas, aparece em nosso *corpus* uma biblioteca escolar que foge do tradicional. A obra de Helena Gomes, *Assassinato na Biblioteca*, constitui-se em uma atmosfera assustadora, como o próprio título sugere,

Igor fez inúmeras tentativas até que a décima chave abriu a porta pesada da biblioteca, dupla, feita de madeira muito grossa e antiga. Como um gato, deslizou para dentro do ambiente escuro, dominado pelo silêncio profundo e assustador. Nunca imaginaria que de noite a biblioteca, às escuras, formava um cenário perfeito para um filme de terror. Com a mão direita, tirou da mochila a lanterna e o par de luvas de lã que trouxera especialmente para a investigação (GOMES, 2009, p.40).

Com o desfecho de vários crimes, o cenário é incendiado por Luis, mais um personagem das narrativas infantojuvenis, a odiar bibliotecas. Ele adentra a escola disfarçado de professor, mas era na verdade, um criminoso da época da ditadura que buscava destruir seus inimigos do passado,

Luis odiava escolas, *odiava bibliotecas* e, mais do que tudo, odiava alunos! [...] Com o baque do galão, que encontrou o piso após atingir o homem, parte da gasolina se espalhou pelo local. [...] o conteúdo do segundo galão foi despejado em um rastro que terminou na biblioteca, exatamente aos pés da primeira estante de livros, próxima ao balcão de atendimento (GOMES, 2009, p.234, grifo nosso).

[...]

Os bombeiros chegaram rapidamente. Dominaram o incêndio em poucas horas. O fogo não destruiu totalmente o colégio e tampouco fez vítimas. Havia apenas o prejuízo material e a *perda de livros inestimáveis, alguns muito antigos e raros*, guardados desde sua fundação (GOMES, 2009, p.247, grifo nosso).

O que será que levou Luis a odiar bibliotecas? Essa pergunta se fez latente em nossa leitura da referida narrativa, encaminhando a reflexão do contexto alusivo, parte fulcral de toda a trama, a ditadura militar.

A ditadura militar foi um período marcado pelo autoritarismo (1964 – 1985) que levou tantos artistas ao exílio. Também considerado como divisor de águas para as esferas artísticas brasileiras, especialmente para a literatura infantojuvenil:

depois que Lobato morreu, em 1948, houve um hiato, uma espécie de terra de ninguém nessa área [...] quando houve golpe militar em 64, a maioria dos livros que se publicavam para crianças no país eram meio bobos, mais na área da pedagogia do que da literatura, e tentavam da lições- salvo uma ou outra exceção (MACHADO, 2011, p.110).

Por meio da fala de Machado (2011), temos contato com um passado não obstante longe, sendo “vivido” na contemporaneidade por meio da literatura. Ao certo,

trouxemos essa discussão para essa escrita, a partir do entendimento que foi neste momento que os herdeiros de Lobato começaram a publicar seus livros, com a preocupação de produzirem livros qualitativos e condizentes com o nome que recebem *literários*. Diante disso, Ana Maria Machado (2011, p.111 grifos nossos) explica,

Talvez tenha sido por isso que, individualmente, fomos começando a escrever de uma forma que as crianças pudessem entender – *simbolicamente*, poeticamente, humoristicamente. Exatamente como outros intelectuais estavam fazendo nas canções brasileiras, como assinalam os críticos que se ocuparam da produção cultural do período, ao sublinhar que esses dois campos (literatura infantil e música popular) foram justamente o que se destacaram por mais alta qualidade e os que mais se desenvolveram nesse período.

De tal modo, sublinhamos a importância das construções simbólicas no universo literário, uma vez que, cessada a queima de livros e difundida a liberdade de expressão, continuamos ainda hoje a viver sob censura de uma forma metafórica.

Não conseguimos compreender como gratuita a queima de bibliotecas presentes nas três obras elencadas, e sim construções simbólicas, porém, alusivas às diversas censuras que ainda hoje vivemos. Sob a ótica da total “liberdade” concedida por meios tecnológicos, uma grande parcela se ilude com tal feito ao não perceber que mais uma vez o contato com o objeto livro está sendo sonogado. Entendemos também que a “queima de livros” nas referidas obras dialogam com a precariedade das bibliotecas públicas, aqui reclamadas de maneira metafórica.

Destacamos, ainda, os grandes mercados editoriais enquanto inquisidores ao catalogarem as obras em divisões que são determinantes para as milionárias compras governamentais, interferindo diretamente com o que será lido pelos alunos em formação. E, ainda, frisamos pais, professores, coordenadores que sonogam o *direito* de escolha, confiscando obras das prateleiras ou, em casos mais comuns, dificultando o acesso ao trancafiarem portas, armários e, assim, novas possibilidades de leituras.

De fato, vivemos (sem) censura, mas obliterados ao diversos tipos de sistemas.

3.4 Leitores de papel e tinta

– *Como você acha que eu me virei nesses 37 anos morando numa biblioteca? Eu precisava tirar os livros das prateleiras para ler, certo? Tinha que virar a página...*

(GOMES, 2008, p.107).

Este capítulo está sendo gerado sob a perspectiva de investigar as representações de leituras (especialmente as literárias) presentes em nosso *corpus* de análise. Em vista disso, a proposta deste subitem é a de responder quem são os leitores de papel e tinta que permeiam a literatura infantojuvenil brasileira, com o propósito de discutir com os *PCNs*, no que se refere “modelos de leitores proficientes” a serem formados pelos “materiais de qualidade” (BRASIL, 1997, p.42) distribuídos às escolas públicas por meio do PNBE.

Nesse sentido, corroboramos a importância da escola na formação do leitor literário, sendo responsável por propiciar aos seus alunos acesso a um acervo qualitativo e diversificado, com o objetivo de ampliar as possibilidades de escolhas do corpo discente e, ainda, contribuir com o processo de identificação, tão singular na infância e adolescência. Desse modo, a estudiosa Fernandes (2007, p.251-252) destaca que,

Levando-se em conta a importância que a formação do leitor e a utilização da literatura infanto-juvenil têm assumido a partir das últimas décadas do século XX, tornou-se fundamental a inclusão da leitura e da literatura como parte indissociável da análise da representação de ensino.

Conforme a pesquisadora salienta, leitura e literatura se tornaram integrantes da representação de ensino, o que garante sua permanência entre os muros escolares. Para tanto, é preciso que sua inserção neste cenário seja pensada por meio de práticas de leituras desvinculadas das amarras didáticas.

Nesse prisma, mencionamos o trabalho do professor João Luís C. T. Ceccantini (2008) *Leitura para além da escola: representações da leitura na literatura juvenil contemporânea*, parte de sua tese de doutoramento³⁷, que discute obras de literatura infantojuvenil premiadas nas duas últimas décadas do século XX, tendo como uma das

³⁷ A tese é intitulada *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada* (2000).

metas verificar as representações de leitura presentes na contemporaneidade. No referido trabalho, o autor acena para algumas rupturas positivas e justifica ainda que:

se, por um lado, essa escolha da *leitura* como matéria de ficção poderia estar ligada à tradição pedagogizante do gênero infanto-juvenil, constata-se, por outro lado, que no *modo de representar* há, via de regra, a superação de propósitos meramente utilitários (CECCANTINI, 2008, p. 81).

Diante do exposto, é pertinente ressaltar que vem sendo construída uma memória das representações e práticas de leitura nas obras ficcionais, contribuindo significativamente com a história da leitura, inaugurada no Brasil por Lajolo e Zilberman em *A formação da leitura no Brasil* (2009a). Assim, com toda a gama de manifestações de estudos recorrentes no contexto literário infantojuvenil, nosso trabalho se insere na perspectiva de cooperar com os avanços (ou não) em relação à representatividade da leitura literária. Para tanto, buscaremos responder algumas questões: Quais são a faixa etária e o sexo de nossos leitores? Onde acontecem essas leituras? A escola é predominante para a realização das escolhas literárias? As conotações associadas a leitura são positivas?

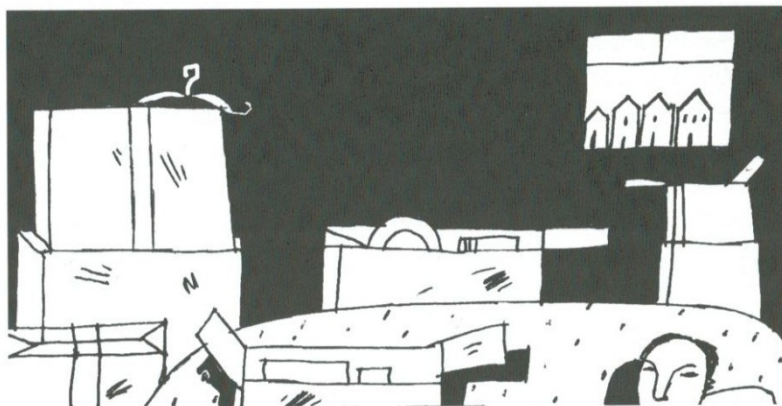
Conforme podemos observar, no conjunto de obras pesquisadas, a leitura é peça fundamental na maioria das narrativas. No percentual menor, encontram-se³⁸ *O mágico de verdade* (BERNARDO) e *O mundo é pra ser voado* (VIANA). A primeira não faz nenhuma referência a personagens lendo, entretanto, é repleta de alusões intertextuais, como já discorrido. Os possíveis personagens leitores são adultos e do sexo masculino, e a maior parte da narrativa se passa em um programa de auditório na cidade de Rio de Janeiro, longe dos bancos escolares. A segunda é narrada pelo protagonista da trama, um adolescente que vive conflitos internos desde a notícia que precisará mudar de cidade por conta do trabalho de seu pai que é jornalista, sentindo-se dividido entre ir com sua família para São Paulo e deixar sua namorada em Minas Gerais. É relevante sublinharmos que, o cenário das narrativas destacadas, são exatamente o retrato do sudeste brasileiro, que abarca a grande maioria de editoras contempladas no edital do PNBE/2009, levantando a hipótese dos autores também serem dessa região, o que

³⁸ A obra *Pode me beijar se quiser* de Ivan Ângelo não tem como objeto central a leitura, e sim, a transição de infância para adolescência de Miguel (protagonista), no entanto, consideramos a leitura como parte indissociável da narrativa, pois é a partir da leitura do clássico *Os Miseráveis* de Victo Hugo, que ele toma decisões norteadoras para sua vida.

afirma o eixo Rio - São Paulo como grande monopólio de escritores, editoras e representatividade nas tramas da literatura brasileira.

Durante a cena de mudança, é apresentado ao leitor referência alusiva a uma casa de leitores: “Cada livro, cada quadro, armário, mesa, cadeira, caneta, caderno, borracha, brinquedo, lápis, prato, talher, vassoura, balde, tudo me lembrava mudança” (VIANA, 2006, p.21). Em um diálogo com os funcionários da empresa contratada pelo transporte da mobília, o protagonista destaca seu pai como um leitor assíduo,

Meu pai lê todo dia. Ou melhor, toda noite [...] o carregador mais velho perguntou se minha mãe não reclamava de arrumar tanto livro.
– Não – respondi, meio distraído, folheando *Os meninos da Rua Paulo*, lido há uns dois anos (VIANA, 2006, p.46).



Figuras 15: Cenário da mudança, *O mundo é para ser voado*, p.21.
Ilustração de Lúcia Brandão

Apesar de a descrição o apresentar enquanto leitor, não há nenhuma ilustração do pai lendo. A única imagem que aparece algum personagem com o objeto livro em mãos é a da citação acima.

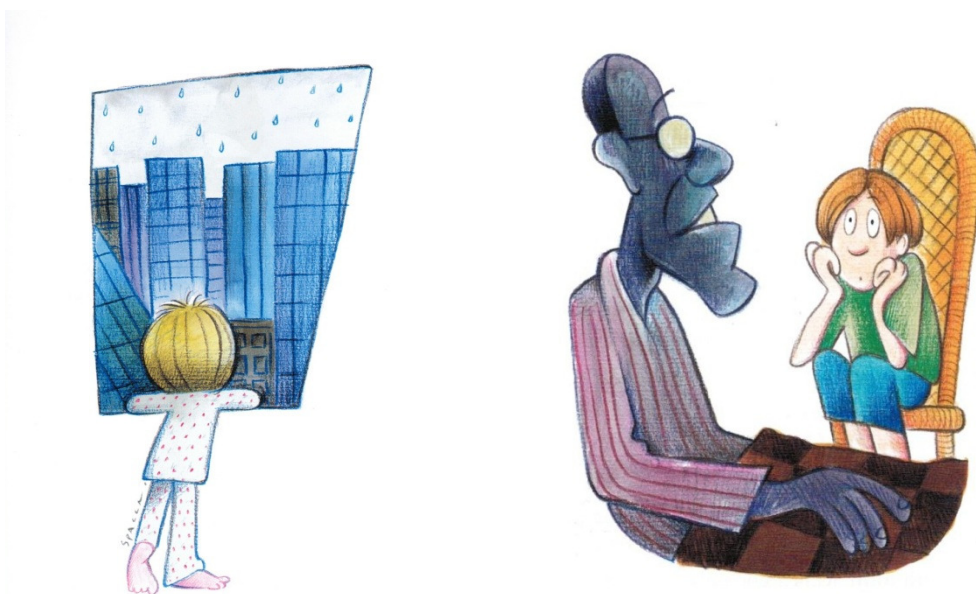
No elenco de familiares leitores, temos também Luísa, mãe do protagonista da obra *O Mário que não é de Andrade*, estudiosa do modernista que dá nome ao seu filho. O pequeno Mário [figura 16] estava de férias em companhia de sua mãe e de seus livros em seu apartamento na cidade de São Paulo, isso desencadeia toda a trama, já que o garoto começa a ter encontros com o Mário de Andrade [figura 17].

Nessa narrativa são vários os momentos em que aparecem alusões a livros literários, mais precisamente às obras de Mário de Andrade, no entanto, a poucas

menções são feitas a prática de leitura sendo concretizada, como a que acontece no fragmento abaixo:

- Mãe, por que você não dormiu na sua cama?
- Não sei... Eu estava aqui, lendo, e acabei pegando no sono. Apaguei mesmo [...] Tenho que acabar o último capítulo da tese. Ainda tenho que ler uma pilha de livros, fazer umas anotações. (SANDRONI, 2008, p. 8).

Klaus, o pai de Mário também era leitor de Mário de Andrade e igualmente tinha como objeto de estudo as obras do referido escritor. Este morava na Alemanha com uma nova família, e se comunicava com seu filho por meio de cartas, que este hesitava em ler até receber conselhos de seu amigo “ficcional” com o propósito de estabelecer uma melhor relação com seu pai.



Figuras 16 e 17: Protagonista da obra *O Mário que não é de Andrade*, p.6;
Mário de Andrade e Mário, p.92.
Ilustração de Spacca

É relevante destacarmos a obra *Assassinato na Biblioteca*, de Helena Gomes (2008) como a única narrativa que tem como parte fulcral o cenário de uma escola tradicional, localizada da cidade de Santos/SP. Contudo, a leitura que fizemos da obra vai além das representações contumazes que são alusivas ao cotidiano escolar (didáticas e moralizantes), e sim inovadoras, no sentido das personagens protagonistas, Lara e Igor, apesar de serem ambas adolescentes, não “vivem” no mesmo tempo cronológico,

sendo que Lara foi assassinada há 37 anos, mas sua alma não foi liberta e, por isso, continua com a mesma aparência que possuía antes de morrer.

A partir da leitura da obra, sublinhamos a relevância de Lara e Igor serem leitores, como anunciado entre as 253 páginas que compõe a escrita de Gomes, neste título tão promissor,

[...] Tinha que devolver um livro [...] Resmungou um oi para a idosa Conceição, a bibliotecária simpática que sempre o recebia com um sorriso. Era a única [...] – Chegou um livro novo do André Vianco – avisou a mulher, que conhecia os gostos de todos os alunos, principalmente daquele bauruense estranho ninho [...] Igor deu de ombros e caminhou sem pressa alguma em direção aos corredores formados por estantes abarrotadas de livros. Não havia mais ninguém circulando pela biblioteca. Apenas ele, os livros e a bibliotecária em seu posto atrás do balcão [...] Igor colocou o livro de contos debaixo do braço, resgatou a mochila que deixara no chão, onde se sentara para ler, e pegou o caminho de volta (GOMES, 2008, p. 21-23).

A citação nos traz uma imagem positiva de bibliotecária e de mediadora de leitura, haja vista que a “idosa Conceição” como é referenciada na narrativa, além de conhecer todos os alunos da escola em que trabalhava, ainda, fazia mediações ao oferecer novos títulos que fossem comuns ao gosto dos educandos que por ali passavam.

É justamente a partir da ida de Igor à biblioteca que sua amizade é iniciada com Lara. Os dois foram os primeiros a terem notícias sobre o assassinato da bibliotecária. No entanto, eles não presenciaram o crime, pois estavam entre as prateleiras lendo:

Não prestei atenção porque muitas pessoas sempre passam pelo balcão de atendimento. E depois, eu estava concentrada em um livro de poesias, parada logo no começo do primeiro corredor...
– Fantasmas lêem? – estranhou Igor.
– Bom, não sei quanto aos outros. Passo meu tempo lendo bastante (GOMES, 2008, p.40).

As duas cenas de leitura solidificam e renovam os laços entre leitura e escola, e avançam em alguns sentidos que merecem destaques: o papel da bibliotecária que conhece os gostos de cada aluno; a biblioteca estar aberta durante o horário das aulas; ser uma biblioteca “abarrotada de livros”. Imagens essas que contribuem com a concepção da importância deste espaço que ao certo deveria ser o coração da escola, e tão erroneamente tantas vezes é tido como depósito de livros.

A narrativa, *Letras Finais*, de Luís Dill (2008), não tem como cenário o âmbito escolar, todavia, algumas alusões são feitas a este espaço, no momento em que um

personagem secundário (não nomeado pelo autor) “meu irmão chega em casa depois do colégio e, como sempre faz, joga a pasta sobre sua cama” (DILL, 2008, p.1).

O personagem protagonista é leitor e escritor, um verdadeiro apaixonado pelo gênero poesia “[...] Retiro o taco e apanho as folhas dobradas. Três páginas de caderno universitário. Releio os poemas que fiz para Amanda. Tenho ideias para novos. Só não tenho coragem de mostrá-los a ninguém, muito menos a ela” (DILL, 2008, p. 35).

Outras cenas de leitura circunscrevem toda a narrativa, como a citação abaixo:

Deixo a revista de lado e fico folheando o tal livro. *A divina quimera*. Eduardo Guimaraens. Estranho a falta do til assim como as pessoas estranham o dáblio do meu nome. Bisbilhoto as letras miúdas nas páginas iniciais. Homenagem do Instituto Estadual do Livro e da Biblioteca Pública do Estado, DAC/SEC-RS, no cinquentenário da morte do poeta (DILL, 2008, p.2).

Vale destacarmos que, há uma transição de gênero textual, o personagem que estava lendo uma revista, transporta-se para o livro que ganhará de seu irmão. A seguir, extrai um poema do livro supracitado e o copia:

Copio da página 89 do livro *A divina quimera*, de Eduardo Guimaraens:

*Vem a noite. E, com ela, o silêncio e a saudade
que veste o coração de cinza e lilás,
sobre a minha alma abrindo a ardente claridade
do sonho que ilumina a ampla e sidérea paz!*

*Sonho do que sofri, pela felicidade,
Pela vida e, talvez, pelo esplendor fugaz
da beleza que aureola a tua mocidade
e hoje é, supremo, o dom que o teu amor me faz!*

*Que insônia de paixões via pela noite a fora!
Saudade! – Foi, contudo, o encanto amargurado:
E nem sempre sorriu alguém ao pé de mim!*

*Nem sempre! Mas que importa o sofrimento, agora?
Que importa a mágoa toda? E o engano do passado?
Ser feliz, afinal, é ter sofrido assim (DILL, 2008, p.30).*

A imagem de leitura resgatada da obra de Dill é muito cara para as discussões acerca da leitura no contexto escolar, pois muitos dos alunos em idade escolar vivem momentos como os destacados na obra acima, o que contribui significativamente com o

binômio ler e escrever, pois este pode sentir a necessidade de observar a escrita de outros autores, como esses expressam seus sentimentos e, assim, avançar enquanto leitores e ainda, para o surgimento de novos escritores. O leitor pode se identificar com o personagem da narrativa e se deparar com o entendimento de que a escrita não é privilégios de alguns poucos eleitos, mas possível a todos, por meio da prática e do envolvimento com a leitura, haja vista, que ambas se adquirem com o tempo, pois de acordo com a estudiosa Maria das Graças Rodrigues Paulino (2010, p.47) “a escola inibe a criação de textos dentro dos modelos literários. [...] Isso é acompanhado de uma mitificação do trabalho do escritor, que é visto como aquele que nasceu com o dom de escrever”.

Em *Pode me beijar se quiser*, de Ivan Angelo, o cenário da narrativa é uma fazenda do interior paulista. As referências à leitura habitam desde as primeiras páginas quando Miguel, o protagonista, é responsável por entregar correspondências nas casas vizinhas e se depara com uma revista de mulheres nuas que lhe chama a atenção. Aqui, abrimos um espaço para a representação de leitura em destaque. Esta cena é extremamente relevante para a história da leitura, uma vez que o gênero em questão contribui satisfatoriamente para o entendimento de que mudanças de valores estão sendo alcançadas na contemporaneidade. Aponta, ainda, para rupturas das tramas que compõem o universo infantojuvenil, uma vez que, cenas como essas não eram consideradas como “apropriadas” para o referido público.

Na sequência da representatividade de Miguel enquanto leitor, temos o primeiro contato desse personagem com uma obra literária. Essa aproximação foi consequência de uma mediação feita por meio de sua professora:

Tirou da bolsa um livro grosso, já usado. *Os três mosqueteiros*.

– Toma. Era do meu pai.

O pai de Miguel viu, dia após dia, o filho entretido com aquele livro. Quase não saía mais para brincar (ANGELO, 2009, p. 146).

Como vemos, o acesso ao livro de leitura é possibilitado pela professora, que acaba por contribuir com o leitor em formação. De certa forma, a representação de leitura da obra de Angelo (2009), é consonante com o papel de destaque dado ao mediador de leitura e seu papel de destaque no processo (aqui) alcançado.

Também em *Amigos Secretos*, observamos um grupo de adolescentes e crianças leitoras [figuras 18 e 19], que estão de férias em um sítio.



Figuras 18 e 19: Personagens da obra *Amigos Secretos*, p.128, p.124.
Ilustração de Laurent Cardon

A leitura favorita do grupo parece ser as obras de Monteiro Lobato, mais precisamente *Reinações de Narizinho*, por ser de conhecimento entre todos. Essa informação pode ser inferida pelo estado desse objeto livro ter sido o causador da abertura do portal entre o sítio (em que estão de férias) e o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, o que valida que o grupo possuía um exemplar da narrativa, e se essa estava dentre as paredes do clubinho, significa que era importante para o grupo, pois os personagens só guardavam nesse espaço objetos que lhes fossem de grande valor (MACHADO, 2009). Entretanto, não há referências do que os personagens estejam lendo, mas sim do que já leram, o que os incluem enquanto leitores, como o fragmento abaixo, momento em que Lu (personagem) estabelece um diálogo com Narizinho:

- Eu adoro as histórias de vocês, li todos os livros do Monteiro Lobato. Alguns, mais de uma vez. Sempre sonhei que podia ser tudo verdade, eu podia ir até o Sítio, conhecer vocês todos, a gente podia se meter numa aventuras juntos...
- Pois então venha – convidou Narizinho (MACHADO, 2009, p.35).

O contato inaugurado entre ambas comprova a “intimidade” que Lu parecia ter com Narizinho e seu *hábitat*. Outro momento em que é referenciado o conhecimento dos personagens serem leitores, aqui precisamente de Lobato, acontece por meio de uma inquietação de Helô, outra integrante do clubinho:

– Mas, é claro, a Emília é uma boneca de pano! Só ficou assim faladeira e asneirenta depois que tomou a pílula falante do Doutor Caramujo. Vocês não sabiam?
Saber, sabíamos. Pelo menos, alguns de nós, os que já tinham lido os livros de Monteiro Lobato (MACHADO, 2009, p.34).

O trecho extraído valida que aqueles que haviam lido a obra de Lobato estavam em vantagem dos que não. Para estes era mais fácil compreender o que estava acontecendo, “– Bom, mas eu sempre li as histórias do Sítio, conheço vocês todos, como se fossem de verdade, meus amigos” (MACHADO, 2009, p.35). Destarte, essa familiaridade com os personagens das obras lidas é um fator positivo para os que convivem em meio a livros e leituras, pois a leitura literária permite que habitemos outros corpos, mundos e tempos, sem sairmos de nosso espaço, indo ao encontro com o processo de fabulação de que temos total necessidade. A narrativa elencada deixa transparecer a importância em ser leitor e, por vez, conhecedor de outros personagens.

E, por fim, a obra *Beto, o analfabeto* não se diferencia da narrativa de Ana Maria Machado. Nesta, os personagens leitores também não são referenciados lendo. Como percorrido no corpo deste trabalho, a trama tem a leitura como parte central, o que evidencia Ana (a professora mediadora) e Beto como leitores vorazes e eloquentes:

Devagar, com a ajuda de Ana, o aplicado ex-gari foi ajeitando a vida, sem se esquecer de organizar a própria sala de leitura, que logo passaria a biblioteca comunitária. Foi lá que alojou antes entronizou o livrinho, bem à vista de quem o quisesse conhecer (AMORIN, 2008, p.79)

De modo geral, as conotações associadas à leitura são positivas e merecedoras de destaque. As análises tecidas no decorrer deste capítulo, buscou averiguar as representações de leitura presentes em nosso *corpus*. Nesse sentido, apontamos como relevante que os leitores pertencem tanto ao sexo masculino quanto ao feminino, e que esses são: adultos, crianças e adolescentes, ampliando significativamente o processo de identificação durante a leitura, o que caminha favoravelmente no processo de ampliação das identidades representadas nas obras literárias infantojuvenis.

Nesse sentido, Hall (2011, p.24) defende “a ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a história do sujeito moderno”, ou seja, a versão particular do sujeito precisa ser preservada e se aqui, queremos defender a importância do processo de identificação, tão singular no processo de formação de leitores, a

literatura precisa ter entre seus títulos obras diversificadas, que falem a todo seu público³⁹. Embora nosso *corpus* tenha caminhado rumo à pluralidade, pontuamos como fator negativo a ausência do homoafetivo entre as narrativas, o que já foi confirmado no estudo da professora Dalcastagnè (2005) em relação à literatura brasileira contemporânea.

Destacamos também o espaço onde acontecem as narrativas, haja vista que essas se dividem entre o rural e o urbano, e em nenhuma isso acontece de maneira pejorativa. Frisamos, ainda, o avanço dado em relação ao espaço escolar, este deixou de ser parte principal e tornou-se secundário.

Contudo, no que concerne à discussão acerca dos “modelos de leitores proficientes” solicitados pelos PCN’s (1997, p.42) a favor da formação de leitores mediante os “materias de qualidade” e “práticas de leituras”, elucidamos a ausência de práticas de leitura de fato, pois, nossos possíveis leitores de papel e tinta (quase) nunca aparecem lendo, apesar de serem leitores. Aqui, nosso trabalho chega a uma relevante constatação, nossa hipótese é de que essa ausência não seja negativa, pelo contrário, o espaço entre aberto seja uma positiva possibilidade dos leitores em potencial atribuírem suas próprias práticas de leituras, caso contrário, correriam o risco de serem cobrados a se espelharem nas práticas exemplificadas, o que levaria a uma pedagogização.

Nesse prisma, constatamos que no conjunto de textos analisados, houve mudanças nos modelos e concepções de leitura e literatura, com a ampliação de seus contextos e leitores. Tais representações “apontam para a democratização das práticas leitoras no Brasil [...] possibilitando a travessia do ensino da leitura para a leitura do cotidiano e vice-versa” (FERNANDES, 2007, p. 283). Diante de tais ponderações, compreendemos que nossos leitores de papel e tinta aguardam os leitores de carne e osso, para terem seus horizontes ampliados, tanto ao que se refere ao mundo literário, quanto ao social, pois quando nos tornamos leitores (literários) de fato, conseguimos olhar o que nos cerceia de forma mais crítica e humana.

³⁹ Não coube ao nosso estudo verificar as etnias, entretanto, acreditamos que seja de grande relevância. Contudo, sublinhamos aqui mais uma vez o trabalho PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. (Orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.07-20, neste sentido.

Considerações Finais

A colheita de (alguns) frutos

Chegamos ao fim com o propósito de outro começo

[...] leitura, livros e leitores inspiram pesquisas de natureza histórica, de perspectiva teórica, de recorte metodológico

(LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 17).

As estudiosas Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009) enfatizam, por meio da epígrafe, que “leitura, livros e leitores” vêm sendo o objeto de diferentes pesquisas na contemporaneidade, o que justifica nosso trabalho entre tantos outros que se interessam por história da leitura, literatura infantojuvenil, ensino e literatura e pelos usos sociais da literatura. Com essa convicção, demos início ao nosso texto, caminhando entre políticas públicas de leitura, a importância da literatura no contexto escolar, o surgimento da literatura infantil em terras brasileiras e, ainda, as análises feitas após elegermos oito obras que compõe o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE na versão 2009, tendo como fio condutor as representações de leitura em suas tramas.

No decorrer de todo o trabalho, das considerações parciais ao término de cada subitem, foi possível constatar que a escola continua sendo o cenário mais visado em prol da formação de leitores literários, o que contribui categoricamente para a ampliação dos acervos literários adquiridos por meio de compras governamentais. Ao nos certificarmos de tal feito, tornou-se claro a singularidade em abarcarmos em nosso estudo o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE, que desde sua formação é o responsável pelos editais que incluem e/ou excluem as obras literárias que adentraram as escolas públicas brasileiras cadastradas no censo escolar, responsáveis pela formação de um cânone literário infantojuvenil.

Consoante a esta assertiva, no primeiro capítulo, “Leitura, Literatura e PNBE: entre amores e desamores”, investigamos algumas concepções atribuídas a leitura por meio de documentos oficiais e programas de incentivo à leitura que circulam nas instituições de ensino e, ainda, o posicionamento de estudiosos da área, de forma a validarmos que os conceitos compreendidos vão além da mera decodificação de códigos, mas alçam vôos em textos literários, propiciando o entendimento da importância de obras literárias no processo de formação de leitores. Conforme observamos, essas obras chegam às escolas públicas brasileiras por meio do PNBE, o maior semeador de leituras literárias na última década, por isso a relevância em ser estudado.

Com efeito, sublinhamos que houve avanços significativos na trajetória do programa, a partir de sua implementação enquanto política de Estado, pois uma vez que é contínuo e independente de mudanças no governo, torna-se passível de melhorias a cada novo edital. Pela nossa retina, é relevante destacar que esse fluxo anual tem contribuído em favor de alternâncias positivas no quadro das bibliotecas públicas brasileiras. Entretanto, ainda é necessário alterar algumas bases de seu funcionamento, para garantir a democratização da leitura em solo brasileiro, como, por exemplo: investir na formação de mediadores de leitura, reestruturar as bibliotecas escolares, contratar bibliotecários em todas as escolas, obter um orçamento quantitativo em prol da concretização dos planos de leituras, ouvir as vozes dos alunos que recebem os acervos com o propósito de avançar no sentido da formação de novos leitores literários e ainda, a garantia da biblioteca como um espaço público e de direito de toda a sociedade.

Com o objetivo de contribuir para o aprofundamento do debate acerca de questões que envolvem a literatura infantojuvenil entre os muros escolares, no segundo capítulo, buscamos resgatar o surgimento da literatura infantil em solo brasileiro. Em linhas gerais, foi possível estabelecer uma compreensão acerca dos preceitos moralizantes e didáticos evidentes em seu nascimento e sua trajetória, o que valida a preocupação em romper definitivamente com os resquícios impregnados até hoje. Constatamos que sua presença nas escolas é de total relevância, haja vista, que esse é o lugar que propicia o contato com obras literárias para inúmeros alunos.

Em contrapartida, ao verificarmos a estada da literatura enquanto disciplina, certificamos que seu uso em sala de aula é inadequado, pois limita-se tantas vezes, ao estudo de períodos e escolas literárias, deixando o acesso à obras em segundo plano, o que compromete o processo de formação de leitores.

No capítulo 3, aceitamos a instigante provocação de analisar as representações de leitura que caminham entre a literatura infantojuvenil brasileira contemporânea. O *corpus* analisado acena para rupturas significativas, tanto nos aspectos formais quanto no conteúdo.

As referidas obras congregam uma forte presença intertextual, visto que em todas as narrativas há um entretecer com outras histórias, inaugurando novas possibilidades de leitura ao cooperar com o repertório cultural e literário do aluno em potencial.

Destacamos também o espaço da biblioteca, este aparece em três narrativas, tendo em comum a queima de livros, o que propiciou revisitar na história da leitura

outras casas que abrigavam obras e, também, foram destruídas. Com a preocupação em alcançar reflexões acerca da acessibilidade entre livros e leitores, não conseguimos entender como gratuita tais construções simbólicas, e sim como denúncias, mesmo que de forma metafórica.

Para finalizar, no conjunto de textos analisados, observamos mudanças das representações alusivas aos leitores. De fato, houve uma ampliação de seus contextos, horizontes e cenários. Nesse sentido, apontamos como relevante os leitores pertencem tanto ao sexo masculino quanto ao feminino, e esses são adultos, crianças e adolescentes, possibilitando avanços positivos no processo de identificação durante a leitura. Dessa maneira, observa-se que a literatura infantojuvenil, aqui representada por meio de um *corpus* específico, busca levar seus leitores a deleitar-se e ao mesmo tempo tornar-se mais crítico.

Com efeito, nossos leitores de papel e tinta esperam os de carne e osso que em algum canto desse país já entraram em contato com o universo literário e outros, que aguardam os referidos “materiais de qualidade” para habitarem o mundo dos livros, como fez a premiada escritora Lygia Bojunga Nunes, reconhecida pela singularidade de sua escrita:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.
Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.
E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar no livro (NUNES, 2003, s/p).

A referida autora, antes de escrever livros, residiu nas moradas feitas de palavras, entre tantas, as construídas por Monteiro Lobato, que quando se propôs a ser escritor, desejou que seus leitores tivesse vontade de morar dentro de seus livros, e por meio de toda sua trajetória e legado disseminado, podemos afirmar que alcançou seu propósito. De fato, muitos já moraram, outros ainda moram e muitos ainda virão a morar em suas casas feitas de palavras, aventuras, histórias e fabulação, que todo ser humano carece para nutrir o espírito.

Aqui, almejamos contribuir em proveito de uma sociedade mais democrática, que por meio das políticas públicas continue a abastecer as bibliotecas escolares e avance no sentido de qualificar os mediadores de leitura, para então, nossos leitores também sentirem vontade de habitar entre as páginas de tantos livros que circunscrevem

o universo literário e trazem entre suas tramas a capacidade de tratar de dores e prazeres passíveis a serem por cada um de nós.



Figura 20: Casa na árvore, *Amigos Secretos*, s/p.
Ilustração de Laurent Cardon

Por fim, encerramos este trabalho com o intuito de termos estabelecidos diálogos com outros estudiosos que partilham da importância em propiciar leituras literárias para nossos alunos, com o intuito de oferecer a estes, literatura enquanto alimento para o espírito. Diante disso, explicitamos que, mesmo o caminho sendo árduo, já colhemos belos frutos, contudo a colheita não ceifou, por isso, a singularidade de continuarmos defendendo nossas ideias, sem nos questionarmos se é loucura ou sonho, pois partilhamos com Monteiro Lobato (1956, s/p): “Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira, mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum” (LOBATO, 1956, s/p).

CORPUS

ANGELO, Ivan. *Pode me beijar se quiser*. Ilustrações de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 2009.

AMORIN, Drummond. *Beto, o Analfabeto*. Ilustrações de Sebastião Nuvens. Sabará, MG: Dubolsinho, 2008.

BERNARDO, Gustavo. *O mágico de verdade*. Rio de Janeiro: JPA, 2008.

DILL, Luís. *Letras finais*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2008.

GOMES, Helena. *Assassinato na Biblioteca*. Rio de Janeiro: JPA, 2009.

MACHADO, Ana Maria. *Amigos Secretos*. Ilustrações de Laurent Gardon. São Paulo: Abril, 2009.

SANDRONI, Luciana. *O Mário que não é de Andrade*. Ilustrações de Spacca. Belo Horizonte: Claro Enigma, 2008.

VIANA, Vivina de Assis. *O mundo é pra ser voado*. Ilustrações de Lúcia Brandão. São Paulo: Scipione, 2006.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. Literatura e educação: diálogos. In: PAIVA, Aparecida, Aracy Martins, Graça Paulino, Hércules Corrêa, Zélia Versiani (Orgs). – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ALVES, Rubem. *Ao professor, com o meu carinho*. Campinas, SP: Verus, 2004.

_____. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

ANDRADE, Ludmila; CORSINO, Patrícia. Critérios para a construção de um acervo literário para as séries iniciais do ensino fundamental: o instrumento de avaliação do PNBE 2005. In: PAIVA, Aparecida (et al). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.79-91.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Menino Antigo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p.38-47.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Editora Perspectiva, 1987.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro. Liv. Francisco Alves, 1924.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola –PNBE 2009. Brasília: Ministério da Educação, 2008a.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras*. Brasília: Ministério da Educação, 2008b.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional: Programa de Incentivo à Leitura. *PROLER: concepções e diretrizes*. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

BRASIL. Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. Brasília: Ministério da Educação, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Plano Nacional do Livro e da leitura. Brasília: Ministério da Educação e da Cultura, 2010.

CADERMATORI, Ligia. *O que é literatura Infantil?* São Paulo: Brasiliense, 2010.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem.* In: *Ciência e cultura*, v.24. n.9, p.803-809, set. 1972.

_____. O direito à literatura. In: *Vários Escritos.* SP: Duas Cidades: SP, 2004.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. Leitura para além da escola: representações da leitura na literatura juvenil contemporânea. In: SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas.* Belo Horizonte – Ceale: Autêntica, 2008.

_____. Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978 – 1997). 462 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.* Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes.* Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. *A história cultural entre práticas e representações.* Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador.* Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

_____. *Práticas da leitura.* Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.* 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: histórias, teoria e análise.* 3. ed. Refundida e ampl. São Paulo: Quíron, 1984.

_____. *O conto de Fadas: símbolos mitos arquétipos.* São Paulo: DCL, 2003.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum.* Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática.* São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Marta Morais da. *Metodologia do ensino da literatura infantil*. Curitiba: Ibpx, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Estudos da literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n.26, p. 13-71, 2005.

DAU, Mayara Regina Pereira; PINHEIRO, Alexandra Santos. *O que é Literatura?: leituras dentro e fora da escola*. In: Revista Linguagem. São Paulo.v.1, p.1-16, 2011.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007.

_____. Letramento Literário no contexto escolar. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos. *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação do docente*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011, p.321-348, 2011.

FERREIRA, Leda Cláudia da Silva. *A personagem do conto infanto-juvenil brasileiro contemporâneo: uma análise a partir de obras do PNBE/2005*. Brasília – DF, novembro de 2008. Dissertação (mestrado em Teoria Literária). Universidade de Brasília, UnB.

FISCHER, Steven Roger. *História da Leitura*. Tradução de Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

GIARDINELLI, Mempo. *Voltar a ler: propostas para construir uma nação de leitores*. Tradução de Victor Barrionuevo. São Paulo: Nacional, 2010.

GUEDES, Maria Helena Touro Beluque. *As tramas dos contos de fadas na formação de sujeitos-leitores: (re) construindo sentidos em A Bela Adormecida e A Moça Tecelã*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras – UFGD, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomas Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2011.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Kniple. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

INAF/BRASIL 2009. In: Instituto Paulo Montenegro. Indicadores de Alfabetismo Funcional. Disponível em: < http://www.ibope.com.br/ipm/relatorios/relatorio_inaf_2009.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2011.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1974.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Meus alunos não gostam de ler: o que eu faço?* Campinas: CEFIEL, 2005.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____; CECCANTINI, João Luís. *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP, 2008.

_____; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2009a.

_____; _____. *Das tábuas da lei à tela do computador*. São Paulo: Ática, 2009b.

_____; _____. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

_____; _____. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira*. São Paulo: Global, 1986.

LOBATO, Monteiro. *Miscelâneas*. São Paulo: Brasiliense. 1956. 7ª Edição.

LOPES, Eliane Marta Teixeira (et. al). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. *Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. O PNBE e o Ceale: como semear leituras. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. (Org.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.07-20.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Moama Lorena de Lacerda. *Literatura em Minha Casa: uma história sobre leitura, literatura e leitores*. João Pessoa – PB, 2007. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1979.

MELLO, Anna Carolina; NIGRI, André. Literatura não é teoria, é paixão. Entrevista com Tzvetan Todorov. In: *Literatura*. Revista Bravo, 2010, s/p.

MINDLIN, José. *No mundo dos livros*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. (Orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.07-20.

PAIVA, Fabrícia Vellasquez. *A literatura infanto-juvenil na formação social do leitor: a voz do especialista e a vez do professor nos discursos do PNBE/2005*. Rio de Janeiro: UFRJ, FE, 2008.

PAULA, Fátia Ferreira de. *Literatura infanto-juvenil e políticas públicas de leituras: um estudo do projeto Literatura em minha casa*. Dourados, MS: UFGD, 2010.

PAULINO, Graça. Leituras Populares. In: *Das Leituras ao Letramento Literário*. Belo Horizonte: FAE/UFMG E Pelotas: EDGUFPEL, 2010.

_____. Práticas de seleção de leitura. In: *Das Leituras ao Letramento Literário*. Belo Horizonte: Fa E/UFMG E Pelotas: edgufPel, 2010.

_____; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. *Intertextualidades: teoria e prática*. São Paulo: Formato, 2005.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Souza, Celina Olga de. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINHEIRO, Alexandra Santos. O Ensino de Literatura: a questão do Letramento Literário. In: *Leitura e Escrita na América Latina: teoria e prática de letramento(s)*. GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos; LEAL; Rosa Myriam Avellaneda. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

PNLL: textos e história. José Castilho Marques Neto (org). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010. 340p.

QUINTANA, Mario. *Eu passarinho*. São Paulo: Ática, 2009.

RANGEL, Égon. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: os amores difíceis. In: PAIVA, Aparecida et al (Orgs). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, p.127-145.

ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global editora, 1985.

ROSSI, Márcia Silveira de Oliveira. *Campanha pública de promoção da leitura: um estudo sobre as instâncias mediadoras do projeto Literatura em minha casa/2001 em Maringá/PR*. Maringá – PR, 2004. Dissertação. Universidade Estadual de Maringá, UEM.

SALEN, Nazira. *História da literatura infantil*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renações renovadas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Dayse Barroso. *Literatura em Minha Casa: uma pesquisa em escolas públicas do município de Londrina*. Londrina - PR, 2005. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina, UEL.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em Curso – trilogia pedagógica*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SILVA, Márcia Cabral da. *Infância e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. A leitura e a democracia. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (Org.) *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TODOROV, Tzevetan. *A literatura em perigo*. Tradução: Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VIEIRA, Adriana Silene. O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (et. al). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.45-64.

WALTY, Ivete Lara Camargo. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. (Org). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

OBRAS ADQUIRIDAS - PNBE 2009

OBRA	EDITORA	QUANTIDADE	CÓDIGO	AUTOR
FIGURINHA CARIMBADA	A GIRAFA EDITORA LTDA	25.788	17349L1814	Márcio Antônio de Araújo,RENATO AMARAL ALARCÃO
BOM DIA CAMARADAS	AGIR EDITORA LTDA	25.788	16890L1814	ONDIAKI
DOM MIGUEL -REI DE PORTUGAL	AGIR EDITORA LTDA	25.788	17178L1814	ROBERTO ATHAYDE
FEBEAPÁ 123	AGIR EDITORA LTDA	25.788	17332L1814	SÉRGIO PORTO
NEM TUDO COMEÇA COM UM BEIJO	AGIR EDITORA LTDA	25.788	17762L1814	JORGE ARAÚJO,PEDRO SOUZA PEREIRA
A MOEDA DO IMPERADOR	ALIS EDITORA LTDA	25.788	16559L1814	Joao Pontes
O FANTASMA DO TARRAFAL	ALIS EDITORA LTDA	25.788	17920L1814	Jean - Yves Loude,Maria Emila Palha Faria
LETRAS FINAIS	ARTES E OFÍCIOS EDITORA	25.788	23662L1814	LUIS AUGUSTO CAMPELO DILL
PINTANDO POESIA - POEMAS INSPIRADOS EM TELAS DE JOSÉ SORRENTI	AUTÊNTICA EDITORA LTDA	25.788	20625L1814	NEUSA SORRENTI
O CAPETA CARYBÉ	BERLENDIS EDITORES LTDA	25.788	17862L1814	Jorge Amado,Hector Julio Páride Bernabó
O LIVRO DA SELVA- AS HISTÓRIAS DE MOWGLI	BERLENDIS EDITORES LTDA	25.788	17960L1814	Bruno Berlendis de Carvalho,Gonzalo Ivar Cárcamo,Rudyard Kipling
A HISTÓRIA DO MUNDO EM QUADRINHOS - A EUROPA MEDIEVAL E OS INVASORES DO ORIENTE	BLOCKER COMERCIAL LTDA	25.788	16508L1814	Patricia Telles,Larry Gonick
A ÁRVORE QUE CANTA, O PÁSSARO QUE FALA E A FONTE QUE REJUVENESCE	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS	25.788	16420L1814	MARIE-THERESE KOWALCZYK
A ILHA DE NIM	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS	25.788	16519L0014	WENDY ORR,KERRY MILLARD
A MALDIÇÃO DE HORRENDO	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS	25.788	16547L1814	kimberly BULCKEN ROOT,Anna Fienberg
OUTRAS NOVAS HISTÓRIAS ANTIGAS.	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS	25.788	18204L1814	Rosane Límoli Paim Pamplona,DINO BERNARDI JUNIOR
VERSO E REVERSO. O OUTRO LADO DAS HISTÓRIAS.	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS	25.788	18666L1814	Rosane Límoli Paim Pamplona,MARIE-THERESE KOWALCZYK
HISTÓRIAS QUE EU VIVI E GOSTO DE CONTAR	CALLIS EDITORA LTDA	25.788	17473L1814	ROSÂNGELA MARIA DE QUEIROZ BEZERRA,DANIEL MONTEIRO COSTA
VOÇÊ SABE ASSOBIAR ?	CALLIS EDITORA LTDA	25.788	18705L1814	João Lin,Ulf Stark
ARTE E CIÊNCIA DE ROUBAR GALINHA	CÓDICE COMERCIO DISTRIBUIÇÃO E CASA EDITORIAL LTDA	25.788	16746L1814	João Ubaldo Osorio Pimentel Ribeiro
LUANA ADOLESCENTE, LUA CRESCENTE	CÓDICE COMERCIO DISTRIBUIÇÃO E CASA EDITORIAL LTDA	25.788	17594L1814	SYLVIA ORTHOF
OPERAÇÃO RESGATE NA JORDÂNIA: O SEGREDO DO DESERTO	CÓDICE COMERCIO DISTRIBUIÇÃO E CASA EDITORIAL LTDA	25.788	18140L1800	Luciana Savaget Teixeira Leite
HISTÓRIAS DOS JAWI, UM POVO DA TAILÂNDIA	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	25.788	17458L1814	Claire Merleau-Ponty,Pierre Le Roux,Peggy Adam
HISTÓRIAS DOS MAORI, UM POVO DA OCEANIA	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	25.788	17459L1814	Claire Merleau-Ponty,CÉCILE MOZZICONACCI,Joëlle Jolivet
HISTÓRIAS DOS SUGPIAQ, UM POVO DO ALASCA	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	25.788	17460L1814	Claire Merleau-Ponty,Caroline Nardi Gilletta,Mélanie Luthringer
O ALMIRANTE LOUCO	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	25.788	17827L1814	FERNANDO PESSOA,Odilon Pires de Almeida Moraes,CARLOS FELIPE MOISÉS
O COLOMBO DE CHELEM E OUTRAS HISTÓRIAS JUDAICAS	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	25.788	17880L1814	BEN ZIMET,Sophie Dutertre
O TURBANTE DA SABEDORIA E OUTRAS HISTÓRIAS DE NASRUDIM	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	25.788	18095L1814	SAMUEL JACOBY CASAL,ILAN BRENMAN
OS TÍTERES DE PORRETE E OUTRAS PEÇAS	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	25.788	18196L1814	VADIM NIKITIN,Federico García Lorca,RONALD POLITO DE OLIVEIRA
AS FABULOSAS HISTORIAS DE MERLIN E DO REI ARTUR	COMPANHIA EDITORA NACIONAL	25.788	16772L1814	GILLES MASSARDIER,BENJAMIN BACHELIER
FAUSTO	COMPANHIA EDITORA NACIONAL	25.788	17328L1814	JOHANN WOLFGANG VON GOETHE,BARBARA KINDERMANN
GUILHERME TELL	COMPANHIA EDITORA NACIONAL	25.788	17422L1814	BARBARA KINDERMANN,FRIEDRICH SHILLER
MOBY DICK	COMPANHIA EDITORA NACIONAL	25.788	17722L1814	SOPHIE FURSE,HERMAN MELVILLE

OLIVER TWIST	COMPANHIA EDITORA NACIONAL	25.788	18132L1814	JOHN MALAM,CHARLES DICKENS
A AMBICÃO DE MACBETH E A MALDADE FEMININA	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	25.788	16416L1814	Arievaldo Viana,Josimar Fernandes de Oliveira
CABELOS DE FOGO, OLHOS DE ÁGUA	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	25.788	16911L1814	Angela Leite de Castilho Souza,Isalino Silva de Albergaria,Maria Angela Haddad Villas
HISTÓRIAS QUE A MENINA - SEPENTE CONTOU	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	25.788	17471L1814	Fábio Cardoso dos Santos,Ilma Maria Vieira,Tatiana Mões Spinelli
HISTÓRIAS TECIDAS EM SEDA	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	25.788	17474L1814	Lúcia Hiratsuka
LEONARDO DESDE VINCI	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	25.788	17568L1814	Rubens Matuck,Nilson Moulin
MEMÓRIAS DE UM MENINO QUE SE TORNOU ESTRANGEIRO	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	25.788	17659L1814	Marcos César de Freitas,Joubert José Lancha
AGBALÁ	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	16649L1814	MARILDA CASTANHA
BÁRBARA E ALVARENGA	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	16854L1814	Nelson Alves da Cruz
CHICA E JOÃO	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	16978L1814	Nelson Alves da Cruz
DIRCEU E MARÍLIA	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	17163L1814	Nelson Alves da Cruz
KACHTANKA	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	17537L1814	Rubens Figueiredo,ANTON TCHEKHOV,GENNADIJ SPIRIN
LIVRO DAS PERGUNTAS	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	17587L1814	Pablo Neruda,JOSÉ DE RIBAMAR FERREIRA,ISIDRO FERRER
O MELHOR TIME DO MUNDO	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	17981L1814	DANIEL OLIVEIRA BUENO,Jorge Alberto Sussekind Viveiros de Castro
PINDORAMA	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	18269L1814	Marilda Castanha
SERÁ O BENEDITO	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	25.788	18463L1814	Odilón Alfredo Pires de Almeida Moraes,MÁRIO DE ANDRADE
A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS	DCL DIFUSAO CULTURAL DO LIVRO LTDA	25.788	16629L1814	Fernando Nuno Rodrigues
AS NARRATIVAS PREFERIDAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS	DCL DIFUSAO CULTURAL DO LIVRO LTDA	25.788	16789L1814	Ilan Brenman,Fernando Vilela de Moura Silva,ilan Brenman ME,BORRACHA MATUTA RTES GRÁFICAS LTDA-ME
FRANKENSTEIN	DCL DIFUSAO CULTURAL DO LIVRO LTDA	25.788	17366L1814	Leonardo do Amaral Chianca
O MISTÉRIO DA TERCEIRA MEIA	DCL DIFUSAO CULTURAL DO LIVRO LTDA	25.788	18001L1814	Rosana Fernandes Calixto Rios
LULUZINHA VAI ÀS COMPRAS	DEVIR LIVRARIA LTDA	25.788	17602L0014	JOHN STANLEY
NÍQUEL NÁUSEA TÉDIO NO CHIQUEIRO	DEVIR LIVRARIA LTDA	25.788	17773L0014	FERNANDO GONSALES
SURIÁ A GAROTA DO CIRCO	DEVIR LIVRARIA LTDA	25.788	18502L0014	LAERTE COUTINHO
A CAVERNA DOS TITÃS	DISTRRECORD DE SERVDE IMPRENSA SA	25.788	16446L1814	IVANIR ALVES CALADO
A LUZ É COMO ÁGUA	DISTRRECORD DE SERVDE IMPRENSA SA	25.788	16542L1814	GABRIEL GARCIA MARQUEZ
MENINOS, EU CONTO	DISTRRECORD DE SERVDE IMPRENSA SA	25.788	17675L1814	Antonio Torres da Cruz
O LIVRO DE ALADIM	DISTRRECORD DE SERVDE IMPRENSA SA	25.788	17963L0000	MALBA TAHAN
CORDEL EM ARTE E VERSOS	DUNA DUETO EDITORA LTDA	25.788	17095L1814	Manoel Moreira Junior
SEI POR OUVIR DIZER	EDELBRA INDUSTRIA GRAFICA E EDITORA	25.788	18447L1814	Bartolomeu Campos de Queiros
O ENIGMA DAS AMAZONAS	EDIÇÕES ESCALA EDUCACIONAL S/A	25.788	17914L1814	Luiz de Alvarenga Galdino,PEDRO YUGO SANO MANI
HISTÓRIAS MARAVILHOSAS DE POVOS FELIZES	EDIÇÕES ESCALA EDUCACIONAL SA	25.788	17466L1814	JÚLIO EMÍLIO BRAZ,José Salmo Dansa de Alencar
COBRA-GRANDE, HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA	EDIÇÕES SM LTDA	25.788	17007L1814	Fernando Vilela,Sean Taylor
CONTOS DE UM REINO PERDIDO	EDIÇÕES SM LTDA	25.788	17069L1814	Erik L'Homme,François Place
CONTOS E LENDAS DE MACAU	EDIÇÕES SM LTDA	25.788	17074L1814	Alice Vieira,Alain Corbel
ELEGUA	EDIÇÕES SM LTDA	25.788	17227L1814	Carolina Fernandes da Cunha Cerqueira da Silva

MALCRIADAS	EDIÇÕES SM LTDA	25.788	17620L1814	Ma. José Silveira Rios Peixoto da Silveira Lindoso,Ionit Ziberman Mitnik
NENHUM PEIXE AONDE IR	EDIÇÕES SM LTDA	25.788	17763L1814	Marie-Francine Hébert,JANICE NADEAU
VOLTA AO MUNDO DOS CONTOS NAS ASAS DE UM PÁSSARO	EDIÇÕES SM LTDA	25.788	18708L1814	Catherine Gendrin,Laurent Corvaisier
UMA HISTÓRIA DE AMOR	EDIOURO GRAFICA E EDITORA SA	25.788	18638L1814	CARLOS HEITOR CONY
MARLEY E EU	EDIOURO PUBLICACOES DE LAZER E CULTURA LTDA	25.788	17632L1814	JOHN GROGAN
OS MELHORES CONTOS DE CÃES E GATOS	EDIOURO PUBLICACOES DE LAZER E CULTURA LTDA	25.788	18174L1814	FLÁVIO MOREIRA DA COSTA
SUNDJATA O PRÍNCIPE LEÃO	EDIOURO PUBLICACOES DE LAZER E CULTURA LTDA	25.788	18498L1814	ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA
CONFISSÕES DE UM VIRA-LATA	EDIOURO PUBLICAÇÕES DE PASSATEMPOS E MULTIMIDIA LTDA	25.788	17029L1828	Orígenes Lessa
ANTOLOGIA POETICA	EDIOURO PUBLICAÇÕES SA	25.788	16724L1814	Manuel Bandeira
HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS	EDIOURO PUBLICAÇÕES SA	25.788	17461L1814	CLARICE LISPECTOR,EDGAR ALLAN POE
O PRÍNCIPE FELIZ E OUTROS CONTOS	EDIOURO PUBLICAÇÕES SA	25.788	18042L1828	Paulo Mendes Campos,Oscar Wilde
DIÁRIO DE UM ADOLESCENTE HIPOCONDRIACO	EDITORA 34 LTDA	25.788	17150L1814	Ann McPherson,Aidan Macfarlane
LIMERIQUES DAS CAUSAS E EFEITOS	EDITORA 34 LTDA	25.788	17578L1814	Tatiana Belinky,Andrés Alejandro Sandoval Rodríguez
O JARDIM SECRETO	EDITORA 34 LTDA	25.788	17947L1814	Ana Maria Martins Machado,Frances Hodgson Burnett
PLUTO OU UM DEUS CHAMADO DINHEIRO	EDITORA 34 LTDA	25.788	18280L1814	Aristófanés,Anna Flora Ferraz de Camargo Coelho
TUMBU	EDITORA 34 LTDA	25.788	18591L1814	Daiverson Santana de Souza (Dave Santana),Marconi Leal ,Mauricio Altenfelder de Cresci Paraguassu
AMIGOS SECRETOS	EDITORA ABRIL S/A	25.788	16685L1814	Ana Maria Martins Machado
NINGUÉM SABE O QUE É UM POEMA	EDITORA ABRIL S/A	25.788	17772L1814	Ricardo José Duff Azevedo
A INSONIA DO VAMPIRO	EDITORA ABRIL SA	25.788	16531L1814	Ivan José de Azevedo Fontes
CONTOS MÁGICOS PERSAS	EDITORA AQUARIANA LTDA	25.788	17078L1814	Fernando José Alves
DESTINO EM ABERTO	EDITORA ATICA S/A	25.788	17133L1814	Marisa Lajolo
EU PASSARINHO	EDITORA ATICA S/A	25.788	17290L1814	Mário Quintana
OS RESTOS MORTAIS	EDITORA ATICA S/A	25.788	18186L1814	Fernando Sabino
PODE ME BEIJAR SE QUISER	EDITORA ATICA S/A	25.788	18281L1814	Ivan Angelo
A ESTRANHA MÁQUINA EXTRAVIADA	EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA	25.788	16476L1814	Jose Jacinto Veiga
A FILHA DO FABRICANTE DE FOGOS DE ARTIFICIO	EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA	25.788	16484L1814	Philip Pullman
O VELHO E MAR	EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA	25.788	18106L1814	Ernest Hemingway
REIS, VIAJANTES E VAMPIROS	EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA	25.788	18382L1814	Lia fonseca de Carvalho Neiva
70 HISTORINHAS	EDITORA BEST SELLER LTDA	25.788	18751L0014	CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
MEU PAI NÃO MORA MAIS AQUI	EDITORA BIRUTA LTDA	25.788	17688L1814	JOSÉ CARLOS DUSSARRAT RITER
O SEGREDO DO COLECIONADOR	EDITORA BIRUTA LTDA	25.788	18068L1814	Ana Cristina Massa
A BOLSA AMARELA	EDITORA CASA LYGIA BOJUNGA	25.788	16432L1814	Lygia Bojunga Nunes
A CASA DA MADRINHA	EDITORA CASA LYGIA BOJUNGA	25.788	16441L1814	Lygia Bojunga Nunes
CORDA BAMBA	EDITORA CASA LYGIA BOJUNGA	25.788	17089L1814	Lygia Bojunga Nunes
O MÁRIO QUE NÃO É DE ANDRADE	EDITORA CLARO ENIGMA LTDA	25.788	17975L1814	João Spacca de Oliveira,Luciana Sandroni
UMA VOZ DO OUTRO MUNDO	EDITORA DIMENSÃO	25.788	18651L1814	MARGARIDA DE AGUIAR PATRIOTA,ANGELO HERMETO ABI-SABER
ANABELA PROCURA E ACHA MAIS DO QUE PROCURA	EDITORA DIMENSAO LTDA	25.788	16698L1814	FLÁVIA SAVARY JAGUARIB DO NASCIMENTO,JOÃO MONTEIRO VIEIRA DE MELO
VOU TE CONTAR, MEU CAMARADA	EDITORA DIMENSAO LTDA	25.788	18711L1814	GLAUCIA MARIA DE LEMOS LEAL,LUCAS FRANÇA
QUEM ME DERA SER FELIZ	EDITORA DO BRASIL SA	25.788	18358L0014	LULIO EMILIO BRAZ
TREZE NOITES DE TERROR	EDITORA DO BRASIL SA	25.788	18576L0014	LUIZ ROBERTO GUEDES
AINDA UMA VEZ - ADEUS!	EDITORA DUBOLSINHO LTDA	25.788	16656L1814	Sandra Maria Bianchi Zavagli,Ivana Versiani Galery

BETO, O ANALFABETO	EDITORA DUBOLSINHO LTDA	25.788	16875L1814	ANTÔNIO CÉZAR DRUMMOND AMORIM,Sebastião Geraldo Nunes
BICHOS TIPOGRÁFICOS	EDITORA DUBOLSINHO LTDA	25.788	16885L1814	Guilherme Mansur Barbosa
BENJAMIM, O FILHO DA FELICIDADE	EDITORA FTD SA	25.788	16868L1814	Heloisa Pires Lima,Marcelo Pinto Pacheco
MEDÉIA: O AMOR LOUCO	EDITORA FTD SA	25.788	17639L1814	Eurípides,Luiz de Alvarenga Galdino,Victor Tavares Pereira
OS MISERÁVEIS	EDITORA FTD SA	25.788	18182L1814	Walcir Rodrigues Carrasco,Victor Hugo,Paulo Ricardo Dantas Xavier,Pág. da Cultura Ag. Lit. Idéias Sobre Linhas LTDA ,TLAT Produções Artísticas LTDA
UM ESTUDO EM VERMELHO	EDITORA FTD SA	25.788	18611L1814	Antonio Carlos Vilela dos Reis
VIAGEM AO CENTRO DA TERRA	EDITORA FTD SA	25.788	18672L1814	Júlio Verne,Laurent Nicolas Cardon,TLAT Produções Artísticas LTDA,Pág. da Cultura Ag. Lit. Idéias Sobre Linhas LTDA ,Walcir Rodrigues Carrasco
VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS	EDITORA FTD SA	25.788	18688L1814	Laurent Nicolas Cardon,Walcir Rodrigues Carrasco,Júlio Verne,TLAT Produções Artísticas LTDA,Pág. da Cultura Ag. Lit. Idéias Sobre Linhas LTDA
HISTÓRIAS DO JAPÃO	EDITORA FUNDAÇÃO PEIRÓPOLIS LTDA	25.788	17455L1814	José Arrabal Fernandes Filho
A PROSA DO MUNDO	EDITORA GAIA LTDA	25.788	16592L0014	Carlos Drummond de Andrade,José Castello,JOÃO SPACCA,Cecília Meireles,GIL FUSER,Moacyr J. Scliar,PAULO PORTELLA FILHO,Caio Fernando Abreu,Mauricio Negro Silveira,SÍRIO JOSÉ BRAZ CANÇADO FILHO,EDUARDO OKUNO,Rachel de Queiroz,Luiz Junqueira Vilela,Orlando R
ESTÓRIAS DA CASA VELHA DA PONTE	EDITORA GAIA LTDA	25.788	17275L0014	CORA CORALINA
SETE HISTÓRIAS	EDITORA GAIA LTDA	25.788	18464L0014	Luiz Junqueira Vilela,CÉSAR LANDUCCI
VILA BOA DE GOIAZ	EDITORA GAIA LTDA	25.788	18683L0014	CORA CORALINA
A TURMA DO PERERÉ - AS MANIAS DO TININIM	EDITORA GLOBO SA	25.788	16609L1814	Ziraldo Alves Pinto
A VACA E O HIPOGRIFO	EDITORA GLOBO SA	25.788	16617L1814	Mario de Miranda Quintana
AS CRÔNICAS MARCIANAS	EDITORA GLOBO SA	25.788	16768L1814	Ray Bradbury
MALUQUINHO POR ARTE - HISTÓRIAS EM QUE A TURMA PINTA E BORDA	EDITORA GLOBO SA	25.788	17621L1814	Ziraldo Alves Pinto
MEMÓRIAS DA EMÍLIA	EDITORA GLOBO SA	25.788	17656L1814	Monteiro Lobato
O APRENDIZ DE FEITICERO	EDITORA GLOBO SA	25.788	17836L1814	Mario de Miranda Quintana
O PICAPAU AMARELO	EDITORA GLOBO SA	25.788	18034L1814	Monteiro Lobato
VIAGEM AO CÉU	EDITORA GLOBO SA	25.788	18673L1814	Monteiro Lobato
ADEUS, PONTA DO MEU NARIZ!	EDITORA HEDRA LTDA	25.788	16642L1814	Marcos Maffei
AUTOBIOGRAFIA DE UM SUPER-HERÓI	EDITORA HEDRA LTDA	25.788	16837L1814	Alexandre Barbosa de Souza
SAGA ANIMAL	EDITORA HEDRA LTDA	25.788	18426L1814	ANA CRISTINA ARAÚJO AYER DE OLIVEIRA
UM DÁLMATA DESCONTROLADO	EDITORA HEDRA LTDA	25.788	18604L1814	ANA CRISTINA ARAÚJO AYER DE OLIVEIRA
CONTOS DA SELVA	EDITORA ILUMINURAS LTDA	25.788	17056L1814	WILSON ALVES BEZERRA
CONTOS E FÁBULAS	EDITORA ILUMINURAS LTDA	25.788	17070L1814	MARIO LARANJEIRA
TUDOS	EDITORA ILUMINURAS LTDA	25.788	18589L1814	Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho
A PELEJA DO VIOLEIRO MAGRILIM COM A FORMOSA PRINCESA JEZEBEL	EDITORA LÊ LTDA	25.788	16583L1814	FABIO SOMBRA DA SILVA
CHICO O CAMINHADOR	EDITORA LÊ LTDA	25.788	16981L1814	FERNANDO ROCHA BRANT,ANA RAQUEL MÁXIMO PEREIRA
TIRO NO ESCURO	EDITORA LÊ LTDA	25.788	18549L1814	RITA ESPESCHIT
É PROIBIDO COMER A GRAMA	EDITORA LEITURA LTDA	25.788	17214L1814	WANDER PIROLI
FICÇÃO - HISTORIAS PARA O PRAZER DA LEITURA	EDITORA LEITURA LTDA	25.788	17348L0014	#N/D
O MATADOR	EDITORA LEITURA LTDA	25.788	17976L1814	WANDER PIROLI,ODILON ALFREDO PIRES DE ALMEIDA MORAES
A MALA DE HANA	EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	25.788	16545L1814	Karen Levine,Renata Siqueira Tufano Ho

GUERREIROS DA VIDA	EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	25.788	17421L1814	Marcia Kupstas
MINHA TIA ME CONTOU	EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	25.788	17704L1814	Marina Colasanti
OS GATOS	EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	25.788	18168L1814	Marie-Hélène Delval, Danielle Goldstein
SONHOS EM AMARELO	EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	25.788	18490L1814	Luiz Antônio Farah de Aguiar
SOUL LOVE - À NOITE O CÉU É PERFEITO !	EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	25.788	18493L1814	Jeferson Luis Camargo, Lynda Waterhouse
UM ESTUDO EM VERMELHO	EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	25.788	18611L1814	Antonio Carlos Vilela dos Reis
ANA PEDRO	EDITORA MERCURYO LTDA	25.788	16697L1814	Miguel Jorge
DIÁRIO DE UM APAIXONADO - SINTOMAS DE UM BEM INCURÁVEL	EDITORA MERCURYO LTDA	25.788	17151L1814	Fabricao Carpi Nejar
FORROBODÓ NO FORRÓ	EDITORA MERCURYO LTDA	25.788	17364L1800	Elias José
PALMAS PARA JOÃO CRISTIANO	EDITORA MERCURYO LTDA	25.788	18223L1814	Ana Maria Martins Machado
BURLE MARX	EDITORA MODERNA LTDA	25.788	16908L1814	Carla Caruso
CULTURA DA TERRA	EDITORA MODERNA LTDA	25.788	17108L1814	Ricardo José Duff Azevedo
O IMPERADOR AMARELO - FÁBULAS, LENDAS E ENSINAMENTOS DOS ANTIGOS MESTRES CHINESES	EDITORA MODERNA LTDA	25.788	17940L1814	Janaina Mühriger Tokitaka, Heloisa Braz de Oliveira Prieto, Paulo Vicente Bloise
A MEGERA DOMADA EM CORDEL	EDITORA NOVA ALEXANDRIA LTDA	25.788	16553L1814	MARCUS HAURELIO FERNANDES FARIA
NO COMEÇO DE TUDO	EDITORA NOVA ALEXANDRIA LTDA	25.788	17779L1814	DOMINGOS PELLEGRINI
O CORCUNDA DE NOTRE DAME EM CORDEL	EDITORA NOVA ALEXANDRIA LTDA	25.788	17888L1814	JOAO GOMES DE SA
OS MISERAVEIS EM CORDEL	EDITORA NOVA ALEXANDRIA LTDA	25.788	18183L1814	ANTONIO CLEVISSON VIANA LIMA
ANTOLOGIA POETICA	EDITORA NOVA FRONTEIRA SA	25.788	16724L1814	Manuel Bandeira
DO OUTRO LADO TEM SEGREDOS	EDITORA NOVA FRONTEIRA SA	25.788	17173L1814	Ana Maria Martins Machado, Jose Augusto Brandão Estellita Lins
FITA VERDE NO CABELO	EDITORA NOVA FRONTEIRA SA	25.788	17355L1814	João Guimarães Rosa, Roger Mello
O BEIJO NO ASFALTO - GRAPHIC NOVEL	EDITORA NOVA FRONTEIRA SA	25.788	17846L1814	ARNALDO ALLEMAND BRANCO, Nelson Falcão Rodrigues, GABRIEL DE GÓES AMADEU
O HERÓI E A FEITICEIRA	EDITORA NOVA FRONTEIRA SA	25.788	17932L1814	LIA NEIVA, RENATO ALARCÃO
AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS	EDITORA OBJETIVA LTDA	25.788	16841L1814	LIZIANE KUGLAND DE SOUZA, JORGE ALBERTO FURTADO
MAIS COMÉDIAS PARA LER NA ESCOLA	EDITORA OBJETIVA LTDA	25.788	17617L1814	Luis Fernando Verissimo
O MENINO QUE VENDIA PALAVRAS	EDITORA OBJETIVA LTDA	25.788	17992L1814	IGNACIO DE LOYOLA BRANDÃO
UÓLACE E JOÃO VICTOR	EDITORA OBJETIVA LTDA	25.788	18652L1814	Rosa Amanda Strausz
O BRASIL DAS PLACAS - VIAGEM POR UM PAÍS AO PÉ DA LETRA	EDITORA ORIGINAL LTDA	25.788	17856L1814	Andre Luis Soares Fontenelle, José Eduardo Rodrigues Camargo
RAIMUNDO - CIDADÃO DO MUNDO	EDITORA ORIGINAL LTDA	25.788	18369L1814	Fábio Yabu, ANA TERRA PAKULSKI
O REENCONTRO	EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA	25.788	18048L1814	FRED UHLMAN
CODINOME DUDA	EDITORA PROJETO LTDA	25.788	17008L1814	MARCELO CARNEIRO DA CUNHA MOREIRA
INSÔNIA	EDITORA PROJETO LTDA	25.788	17495L1814	MARCELO CARNEIRO DA CUNHA MOREIRA
CONFIDÊNCIAS, CONFUSÕES... E GAROTAS	EDITORA PRUMO LTDA	25.788	17028L1814	Gustavo Pereira Reis
A ÚLTIMA VIAGEM DO NAVIO FANTASMA	EDITORA RECORD LTDA	25.788	16616L1814	GABRIEL GARCIA MARQUEZ
ASTERIX E A VOLTA ÀS AULAS	EDITORA RECORD LTDA	25.788	16823L1814	RENÉ GOSCINNY, ALBERT UDERZO
HISTÓRIAS DE ALEXANDRE	EDITORA RECORD LTDA	25.788	17443L1814	GRACILIANO RAMOS
MUNDO DE SOMBRAS	EDITORA RECORD LTDA	25.788	17732L1814	IVANIR ALVES CALADO
DOM QUIXOTE DE LA MANCHA	EDITORA REVAN LTDA	25.788	17181L1814	JOSE RIBAMAR FERREIRA
JORNADA PELO RIO MAR	EDITORA ROCCO LTDA	25.788	17528L1814	Eva Ibbotson
LEONARDO E A INVENÇÃO MORTAL	EDITORA ROCCO LTDA	25.788	17569L1814	Robert J. Harris
CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIROS - A CRIAÇÃO DO MUNDO	EDITORA SCHWARCZ LTDA	25.788	17071L1814	Joana Lira, José Reginaldo Prandi
D. JOÃO CARIOCA	EDITORA SCHWARCZ LTDA	25.788	17109L1814	João Spacca de Oliveira, LILIA KATRI MORITZ SCHWARCZ
O VISCONDE PARTIDO AO MEIO	EDITORA SCHWARCZ LTDA	25.788	18113L1828	Italo Calvino
VIAGEM PELO BRASIL EM 52 HISTÓRIAS	EDITORA SCHWARCZ LTDA	25.788	18674L1814	Silvana Salerno Rodrigues, Gonzalo Ivar Cárcamo Luna
GUERRA DENTRO DA GENTE	EDITORA SCIPIONE S/A	25.788	17418L1814	Paulo Leminski

O MUNDO É PRA SER VOADO	EDITORA SCIPIONE S/A	25.788	18013L1814	Vivina de Assis Viana Mansur
O SEGREDO DAS TRANÇAS E OUTRAS HISTÓRIAS AFRICANAS	EDITORA SCIPIONE S/A	25.788	18067L1814	Rogério Andrade Barbosa
SOCIEDADE DA CAVEIRA DE CRISTAL	EDITORA SCIPIONE S/A	25.788	18482L1814	Andréa Fátima dos Santos
TEINIAGUÁ - A PRINCESA MOURA ENCANTADA	EDITORA SCIPIONE S/A	25.788	18523L1814	José Carlos Dussarrat Riter
URURAU, PRAGA E PICA-PAU	EDITORA SCIPIONE S/A	25.788	18654L1814	Celso Sisto Silva
HISTÓRIAS DE MUKASHI - CONTOS POPULARES DO JAPÃO	ELEMENTAR PUBLICAÇÕES E EDITORA LTDA	25.788	17449L1814	Lúcia Hiratsuka
JANELAS E TEMPO	ESCRITURAS EDITORA E DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA	25.788	17511L1814	TERUKO FUJINO ODA
ZÔO IMAGINÁRIO	ESCRITURAS EDITORA E DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA	25.788	18724L1814	SÉRGIO DE CASTRO PINTO
A CINZA DAS HORAS	FRENTE EDITORA LTDA	25.788	16454L1828	Manuel Bandeira
ESTRELA-DE-RABO E OUTRAS HISTÓRIAS DOIDAS	FRENTE EDITORA LTDA	25.788	17282L1814	NILMA LACERDA
UMA REDE PARA IEMANJÁ	FRENTE EDITORA LTDA	25.788	18646L1814	ANTONIO CALLADO
O VENDEDOR DE JUDAS	FUNDAÇÃO DEMOCRITO ROCHA	25.788	18107L1814	Tércia Montenegro Lemos ,Francisco Heleno Lima Araújo
12 HORAS DE TERROR	GAUDI EDITORIAL LTDA	25.788	18732L0014	EDMUNDO DONATO,DAIVERSON SANTANA DE SOUZA,MAURICIO ALTENFELDER DE CRESCI PERAGUASSU
MEU LIVRO DE CORDEL	GAUDI EDITORIAL LTDA	25.788	17684L0014	CORA CORALINA
A VOLTA DA GRAÚNA	GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA COMERCIAL LTDA	25.788	16632L1814	HENFIL
JOGO DO PENSAMENTO	GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA COMERCIAL LTDA	25.788	17522L1814	Vivina de Assis Viana Mansur,Thais Quintella de Linhares
EU VI MAMAE NASCER	GERAÇÃO EDITORIAL LTDA	25.788	17295L1814	LUIZ FERNANDO DE SOUZA EMEDIATO
A VACA VOADORA	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	16619L0014	Michele Iacocca,Edy Maria Dutra da Costa Lima
ASSASSINATO NA LITERATURA INFANTIL	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	16819L0014	João Carlos Marinho,CAMILA DE ARRUDA MESQUITA
CORAÇÃO ROUBADO	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	17087L0014	Edmundo Donato,Orlando Ribeiro Pedroso Jr.
MELHORES CONTOS MOACYR SCLiar	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	17645L0014	Moacyr Scliar
O CANECO DE PRATA	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	17860L0014	ERIKA VERZUTTI FONSECA,João Carlos Marinho
O RAPTO DO GAROTO DE OURO	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	18046L0014	Edmundo Donato,ROGÉRIO DE JESUS
O SEGREDO DA NUVEM	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	18065L0014	MARCELO CIPIS,IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
JOGO DE ADIVINHAR BICHO INVISÍVEL	GRAPHIA PROJETOS DE COMUNICAÇÃO LTDA	25.788	17521L1814	Bernardo de Mendonça
ROMANCE DA ONÇA DRAGONA	GRAPHIA PROJETOS DE COMUNICAÇÃO LTDA	25.788	18405L1814	Bernardo de Mendonça
PAIS FILHOS E OUTROS BICHOS	IBEP INSTITUTO BRASILEIRO DE EDIÇÕES PEDAGÓGICAS LTDA	25.788	18214L1814	RAUL DREWNICK
TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA	IBEP INSTITUTO BRASILEIRO DE EDIÇÕES PEDAGÓGICAS LTDA	25.788	18581L1814	LAILSON DE HOLANDA CAVALCANTE,LIMA BARRETO
JOGO DURO	IN PACTO COMÉRCIO DE REVISTAS LTDA	25.788	17523L1814	LIA ZATZ,ROBSON ALVES DE ARAÚJO
PAI QUE VOA	IN PACTO COMÉRCIO DE REVISTAS LTDA	25.788	18213L1814	MÁRIO CÉZAR GOULART DUARTE,MARÍA PAULA DUFOR

AJURICABA	INSTITUTO CALLIS	25.788	16657L1814	Marcio G.B. Souza
LUIZ GAMA	INSTITUTO CALLIS	25.788	17600L1814	MYRIAM DE CASTRO LIMA FRAGA
ZUMBI	INSTITUTO CALLIS	25.788	18726L1814	CARLA CARUSO
MESMO A NOITE SEM LUAR TEM LUA	JINKINGS EDITORES ASSOCIADOS LTDA ME	25.788	17677L1814	LOURENÇO DIAFERIA
O AGITO DE PILAR NO EGITO	JORGE ZAHAR EDITOR LTDA	25.788	17820L1814	Flavia Lins e Silva
PARA CONHECER CHICA DA SILVA	JORGE ZAHAR EDITOR LTDA	25.788	18228L1814	Keila Grinberg, Lucia Grinberg, Anita Correia Lima de Almeida
O SANTO E A PORCA	JOSÉ OLYMPIO EDITORA	25.788	18059L1814	Ariano Vilar Suassuna
HISTÓRIA DA VELHA TOTÔNIA	JOSE OLYMPIO EDITORA LTDA	25.788	17432L1814	Jose Lins do Rego
O MENINO DO DEDO VERDE	JOSE OLYMPIO EDITORA LTDA	25.788	17983L1814	Maurice Druon
QUATRO DIAS DE REBELIÃO	JOSE OLYMPIO EDITORA LTDA	25.788	18351L1814	Joel Rufino dos Santos
ASSASSINATO NA BIBLIOTECA	JPA LTDA	25.788	16820L1814	Helena Maria Gomes
DE PUNHOS CERRADOS	JPA LTDA	25.788	17119L1814	Pedro Bandeira de Luna Filho
O MÁGICO DE VERDADE	JPA LTDA	25.788	17971L1814	Gustavo Bernardo Galvão Krause
VIAGENS DE GULLIVER	JPA LTDA	25.788	18677L1814	Jonathan Swift, CLARICE LISPECTOR
O TESOURO DO QUILOMBO	LACERDA EDITORES LTDA	25.788	18088L1814	Angelo Barbosa Monteiro Machado, MARCO AURÉLIO SILVA SALLES DE ARAGÃO
PERDIDO NO CIBERESPAÇO	LAROUSSE DO BRASIL PARTICIPAÇÕES LTDA	25.788	18263L1814	LEONARDO ANTUNES CUNHA, JOSE AUGUSTO BRANDÃO ESTELLITA LINS
JACK FARRELL E A SERPENTE EMPLUMADA	LGE EDITORA LTDA	25.788	17508L1814	Mauro Teixeira Liz
A ALMA DO URSO	LIVRARIA E PAPELARIA SARAIVA SA	25.788	16415L1814	Gustavo Bernardo Galvão Krause
BICHÁRIO - POEMAS	LIVRARIA E PAPELARIA SARAIVA SA	25.788	16882L1814	Otoniel Santos Pereira
HISTÓRIAS DO MUNDO QUE SE FOI (E OUTRAS HISTÓRIAS)	LIVRARIA E PAPELARIA SARAIVA SA	25.788	17456L1814	Cyro Pereira de Mattos
PROCURANDO ASSOMBRAÇÃO E OUTRAS HISTÓRIAS	LIVRARIA E PAPELARIA SARAIVA SA	25.788	18325L1814	Márcia Maria Batista Fernandes
MURUGAWA	LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA	25.788	17734L1814	Osias Glória de Oliveira
ROMEU E JULIETA, MACBETH, HENRIQUE V, SONHOS DE UMA NOITE DE VERÃO E JÚLIO CÉSAR DE SHAKESPEARE	LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA	25.788	18412L1814	Geraldine McCaughrean
UMA FLORESTA DE HISTÓRIAS	LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA	25.788	18637L1814	Rina Singh, Helen Cann
ANTES DO DEPOIS	MANATI PRODUÇÕES EDITORIAIS LTDA	25.788	16707L1814	bartolomeu campos de queiros
SOBRE VÓOS	MANOLE LTDA	25.788	18481L1814	Lázaro Simões Neto, Laura Beatriz de Oliveira Leite de Almeida
KAFKA E A BONECA VIAJANTE	MARTINS EDITORA LIVRARIA LTDA	25.788	17538L1814	Jordi Sierra I Fabra
O CHUPA-TINTA	MARTINS EDITORA LIVRARIA LTDA	25.788	17874L1814	Éric Sanvoisin
POEMAS PARA CRIANÇAS - FERNANDO PESSOA	MARTINS EDITORA LIVRARIA LTDA	25.788	18286L1814	Alexei Bueno Finato
UM CANUDINHO PARA DOIS	MARTINS EDITORA LIVRARIA LTDA	25.788	18600L1814	Éric Sanvoisin
CONTOS DE MIRÁBIL	MAZZA EDIÇÕES LTDA	25.788	17067L1814	Édimio de Almeida Pereira
UM MENINO INVISIVEL	MAZZA EDIÇÕES LTDA	25.788	18619L1814	José Marcelo Rodrigues Freire
NA TERRA DOS GORILAS	MELHORAMENTOS DE SAO PAULO LIVRARIAS LTDA	25.788	17748L1814	Rogério Andrade Barbosa
O CÃO DOS BASKERVILLES	MELHORAMENTOS DE SAO PAULO LIVRARIAS LTDA	25.788	17861L1814	Antonio Carlos Vilela dos Reis
TECEDOR DE PALAVRAS	MELHORAMENTOS DE SAO PAULO LIVRARIAS LTDA	25.788	18522L1828	Ilka Brunhilde Gallo Laurito, Humberto Ak'bal
50 FÁBULAS DA CHINA FABULOSA	NEWTEC EDITORES LTDA	25.788	18746L1828	Márcia Schmaltz, SÉRGIO CAPPARELLI
DEUSES, HERÓIS E MONSTROS	NEWTEC EDITORES LTDA	25.788	17141L1814	ANA MARIZA FILIPOUSKI, A. S. Franchini, Eduardo Uchôa, Carmen Seganfredo
UMA COLCHA MUITO CURTA	NEWTEC EDITORES LTDA	25.788	18635L1814	Ana Gruszynski, SÉRGIO CAPPARELLI

DEUS SEGUNDO LAERTE	OLHO DAGUA COMERCIO E SERVICOS EDITORIAIS LTDA	25.788	17137L1814	LAERTE COUTINHO
O PAPAGAIO QUE NÃO GOSTAVA DE MENTIRAS E OUTRAS FÁBULAS AFRICANAS	PALLAS EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	25.788	18028L1814	Adilson Martins,LUCIANA JUSTINIANI HEES
FERNANDO PESSOA: O AMOR BATE À PORTA	PIA SOCIEDADE DE SAO PAULO	25.788	17341L1814	Elias José
MÃE ÁFRICA: MITOS, LENDAS, FÁBULAS E CONTOS	PIA SOCIEDADE DE SAO PAULO	25.788	17611L1814	Celso Sisto Silva
AS AVENTURAS DE PINÓQUIO	PIA SOCIEDADE FILHAS DE SAO PAULO	25.788	16758L0014	AUREA MARIN BUROCCHI
ENEIDA AS AVENTURAS DE ENÉIAS	PIA SOCIEDADE FILHAS DE SAO PAULO	25.788	17242L0014	José Arrabal Fernandes Filho
HISTÓRIA DA AVÓ	PIA SOCIEDADE FILHAS DE SAO PAULO	25.788	17431L1814	BURLEIGH MUTEN
HISTÓRIAS AUMENTADAS CONFORME SÃO CONTADAS	PIA SOCIEDADE FILHAS DE SAO PAULO	25.788	17440L1814	Mário Cláudio de Mendonça
ODISSÉIA AS AVENTURAS DE ULISSES	PIA SOCIEDADE FILHAS DE SAO PAULO	25.788	18122L0014	MARIA LUCIA OBERG RIBEIRO
CONTOS DE SHAKESPEARE	PIXEL MEDIA COMUNICACAO LTDA	25.788	17068L1814	PAULO MENDES CAMPOS
MEMORIAS DE UM CABO DE VASSOURAS	PIXEL MEDIA COMUNICACAO LTDA	25.788	17657L1814	ORIGENES LESSA
ZÉ BELEZA	PIXEL MEDIA COMUNICACAO LTDA	25.788	18721L1814	TEREZINHA
A BOLA QUE ROLA	RHJ LIVROS LTDA	25.788	16431L1814	ANA PAULA DE ANDRADE AZEVEDO VON KRUGER,ANTÔNIO DE PÁDUA BARRETO CARVALHO,CLÁUDIO FRANCISCO MARTINS TEIXEIRA,FERNANDO ROCHA BRANT,FLÁVIO COSTA BERUTTI,LEONARDO ANTUNES CUNHA,Luís Angelo da Silva Giffoni,MARCELO GOMES DOLABELA,MARIA CLARA ARREGUY MAIA,RONA
CONTOS CONTIDOS	RHJ LIVROS LTDA	25.788	17051L1828	MARIA LÚCIA PIO SIMÕES SILVA ARAÚJO
P.S. BEIJEI	RICHMOND EDUCAÇÃO LTDA	25.788	18333L1814	Adriana Franco de Abreu Falcão,Mariana Verissimo,José Carlos Lollo
BEM DO SEU TAMANHO	SALAMANDRA EDITORIAL LTDA	25.788	16867L1814	Ana Maria Martins Machado,Mariana Medeiros Massarani
O SEGREDO (MAS JURA QUE NÃO CONTA PRA NINGUÉM?)	SALAMANDRA EDITORIAL LTDA	25.788	18072L1814	Christiane Araújo Gribel,Orlando Ribeiro Pedroso Júnior
PETER PAN	SALAMANDRA EDITORIAL LTDA	25.788	18268L1814	Fernando Vicente ,Ana Maria Martins Machado,J. M. Barrie
LADRÕES DE HISTÓRIAS	SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES	25.788	17546L1814	JOÃO LUIZ ANZANELLO CARRASCOZA
PRA VOCÊ EU CONTO	SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES	25.788	18317L1814	MOACYR JAIME SCLiar
PRIMEIRAS LIÇÕES DE AMOR	SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES	25.788	18322L1814	ELIAS JOSÉ
BATEU BOBEIRA E OUTROS BABADOS	UNO EDUCAÇÃO LTDA	25.788	16857L1814	Fanny Abramovich,Alcy Linares Deamo
EM BUSCA DE UM SONHO	UNO EDUCAÇÃO LTDA	25.788	17232L1814	Marina Maymi Watanabe Nakada,Walcyr Rodrigues Carrasco
MALSAVENTURA - SAFADAZ DO MALASARTES	UNO EDUCAÇÃO LTDA	25.788	17619L1814	Roberto Negreiro,Pedro Bandeira de Luna Filho
MINHAS RIMAS DE CORDEL	UNO EDUCAÇÃO LTDA	25.788	17706L1814	César Tadeu Obeid,Regina de Fátima Drozina Ferreira,Valdeck Costa de Oliveira
TRANSPLANTE DE MENINA	UNO EDUCAÇÃO LTDA	25.788	18568L1814	Tatiana Belinky Gouveia,Claudia Scatamacchia
10 PÃEZINHOS - MEU CORAÇÃO NÃO SEI POR QUÊ.	VIA LETTERA EDITORA E LIVRARIA LTDA	25.788	18728L0014	FABIO CARVALHO ARAUJO,Gabriel Carvalho Araujo